



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

MICAEL DANILO BRITO DA SILVA

**O II Concílio do Vaticano no jornal
portugalense *A Voz do Pastor* (1959-1969)
A primeira receção conciliar na diocese do Porto**

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Adélio Fernando de Lima Pinto Abreu

Porto
2018

RESUMO

A presente dissertação estuda a repercussão do II Concílio do Vaticano nas páginas do jornal diocesano portugalense *A Voz do Pastor*, entre 1959, data do anúncio daquela assembleia, e 1969, ano em que o semanário, com este título, encerrou, dando lugar ao jornal *Voz Portucalense*. Depois de apresentar sumariamente o Concílio, a Igreja Portucalense à época, marcada pelo exílio do seu bispo, e o periódico em questão, percorrendo, neste caso, a diacronia da sua publicação, o estudo sistematiza o impacto no jornal do Concílio e da sua primeira receção no Porto. A abordagem do Concílio no periódico contempla as ressonâncias daquele, desde o seu anúncio e durante a sua preparação, passando por cada uma das suas sessões, para se concluir com a sistematização dos elementos de receção global, até ao fim da publicação. O estudo da receção conciliar no Porto retoma a mesma linha cronológica entre a preparação, o decurso e anos subsequentes ao Concílio, detendo-se, todavia, nas iniciativas portucalenses noticiadas em *A Voz do Pastor*. A investigação produzida e apresentada evidencia o quanto a *Voz do Pastor* foi um meio privilegiado de informação, formação e receção do II Concílio do Vaticano na Igreja Portucalense; receção expressa inclusivamente no próprio desaparecimento deste título, na decorrência da eclesiologia conciliar.

PALAVRAS CHAVE: II Concílio Ecuménico do Vaticano; receção conciliar; diocese do Porto; D. Florentino de Andrade e Silva; *A Voz do Pastor*.

ABSTRACT

The present dissertation studies the repercussion of the II Vatican Council in the pages of the diocesan weekly newspaper portucalense *A Voz do Pastor*, between 1959, the date of the announcement of the assembly, and 1969, the year in which the newspaper, with this title, closed, giving place to the weekly newspaper *Voz Portucalense*. After summarily presenting the Council, the Portucalense Church at the time, marked by the exile of its bishop, and the newspaper in question, in this case, following the diachrony of its publication, the study systematizes the impact of the Council and of its reception in Porto in the newspaper. The Council's approach in the weekly newspaper contemplates the resonances of it, since of its announcement and during its preparation, passing through each of its sessions, to conclude with the systematization of the elements of global reception, until the end of the publication. The study of the conciliar reception in Porto resumes the same chronological line between the preparation, the course and years subsequent to the Council, however, it rests on the portucalense initiatives reported in *A Voz do Pastor*. The investigation produced and presented shows how much *A Voz do Pastor* was a privileged means of information, formation and reception of the II Vatican Council in the Portucalense Church; reception expresses exclusively in the disappearance of this title itself, in the consequence of the conciliar ecclesiology.

KEY-WORDS: II Vatican Ecumenical Council; conciliar reception; diocese of Porto; D. Florentino de Andrade e Silva; *A Voz do Pastor*.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AAS – Acta Apostolicae Sedis

BIP – Boletim de informação pastoral

JEC – Juventude Estudantil Católica

JUC – Juventude Universitária Católica

PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado

VP – Voz Portucalense

VPast – A Voz do Pastor

INTRODUÇÃO

A Igreja alegrou-se e continua a alegrar-se com os frutos do II Concílio do Vaticano. Mais de 50 anos volvidos sobre a sua abertura, ele continua a fazer-se presente e a ser trabalhado pelas comunidades. Há muito tempo que se fala acerca da receção conciliar portugalense, mas pouco se falou de como se viveu o Concílio durante o período de exílio de D. António Ferreira Gomes, bispo da diocese. Talvez nos últimos anos o contributo mais singular tenha sido o de António Teixeira Fernandes que, em algumas obras, quis demonstrar que D. Florentino havia iniciado na diocese a dinâmica conciliar. Com este trabalho, queremos percorrer os primeiros anos do Concílio, servindo-nos do olhar do semanário da diocese, *A Voz do Pastor*. Procurámos perceber o que o jornal transmitiu acerca do Concílio, passando também pelos relatos da sua receção no Porto. Estes dois pontos de análise pertencem ao quadro geral da receção conciliar na Igreja Portugalense. Estudá-los separadamente permite, contudo, salientar aspetos que, de outro modo analisados, não emergiriam com a mesma clareza.

Escolhemos o semanário da diocese do Porto para objeto de nosso estudo, pois, sendo um órgão oficioso, muito pode contribuir para uma história do Concílio na diocese. A receção conciliar no Porto vai muito além do contributo de *A Voz do Pastor* neste processo. Centramo-nos, contudo, apenas nos aspetos que esta publicação nos oferece acerca do Concílio, desde o momento em que a sua realização foi anunciada até ao fim do jornal, em 1969.

O nosso interesse por este tema resulta também do facto de as suas informações ainda se encontrarem por estudar, oferecendo originalidade ao nosso trabalho. A análise de um simples jornal e de outros escritos contemporâneos permitiu-nos verificar que existe um grande potencial neste tipo de fontes, ainda que *a priori* possam parecer fontes

de menor interesse. No primeiro capítulo, para além do jornal, tomaremos fontes e estudos que nos permitam contextualizar toda a problemática do Concílio e da diocese entre 1959 e 1969, bem como criar uma pequena história da vida do jornal. Foram sobretudo escritos da época e estudos que nos mostraram a evolução destas questões. Os restantes capítulos são elaborados diretamente a partir das notícias do jornal, como se pode concluir a partir das notas de pé de página. Facilmente se encontra informação para falar da importância do Vaticano II para a Igreja e para contextualizar os dez anos de exílio de D. António Ferreira Gomes. O mesmo não acontece quando se pretende pensar a receção conciliar na diocese naqueles anos ou para se falar do jornal *A Voz do Pastor*.

Em ordem a um texto final, começámos por refletir sobre o que significou o Concílio para a Igreja e por sistematizar sumariamente os acontecimentos da diocese do Porto referentes a estes anos. O trabalho mais moroso foi o de organizar um breve percurso histórico do jornal. Este percurso não foi feito até ao momento, pelo menos de uma forma completa. Existem documentos que falam da criação do periódico. Há ainda referências em biografias dos seus diretores e alguns dados sobre a criação da *Voz Portucalense*, o jornal diocesano que lhe sucedeu. Mas para aprofundarmos o assunto lemos o jornal na íntegra, à procura de elementos sobre a origem da sua criação, os seus responsáveis, as suas características e o que esteve na origem do término da sua publicação.

Recenseámos no jornal todas as notícias alusivas ao Concílio. Seguiu-se um trabalho de leitura com a finalidade de ordenar logicamente as matérias. Optámos por expor as informações recolhidas por ordem cronológica, estabelecendo balizas temporais que permitam ao leitor acompanhar a evolução. Apercebendo-nos de que grande parte das notícias não se encontram assinadas, procurámos indagar as razões e encontrar referências a autores e possíveis fontes que sustentem os seus textos. Para os autores citados mais do que uma vez, atendendo à relevância do seu contributo, apresentámos uma breve biografia. Nem sempre foi fácil identificar os autores e reunir elementos para as resenhas biográficas, por existirem nomes bastante comuns, pseudónimos ou siglas não referenciadas noutro lugar, já não identificáveis pelos contemporâneos. As notas de rodapé remetem para as notícias. Atendendo a que se citaram documentos conciliares, convém referir que os documentos citados nos capítulos II e III foram retirados do próprio jornal. Na transcrição dos documentos no capítulo I, referenciados a partir da *Acta Apostolicae Sedis*, socorremo-nos da tradução portuguesa da Gráfica de Coimbra.

No capítulo I referimo-nos a três aspetos preliminares, de índole contextual, tidos por importantes para os capítulos seguintes. Apresentamos, antes de mais, o contexto do Concílio, as expectativas que se foram construindo à sua volta, as novidades e as reações dele resultantes. Não esquecemos, logo depois, o quadro geral da diocese portugalense em que o jornal foi publicado, os seus problemas e vivências entre o anúncio do Concílio e a reconfiguração do jornal. Finalmente, focamo-nos em *A Voz do Pastor* descrevendo sumariamente o seu percurso histórico.

O capítulo II analisa exaustivamente o impacto do Concílio no jornal, sistematizando a partir das fases relativas o acontecimento conciliar: anúncio, convocação, abertura e trabalhos conciliares, encerramento e primeiros anos pós-conciliares. Detemo-nos no panorama geral, por vezes apresentando o quadro português, mas nunca no respeitante à diocese do Porto. Observamos a repercussão destas ocorrências no jornal, quem foram os autores que com ele colaboraram, quais as fontes usadas, os assuntos prioritários e se existiram lacunas de informação.

No capítulo III do nosso trabalho passamos em revisão as informações que o jornal deu sobre a receção conciliar na Igreja do Porto, sabendo que este semanário foi em si mesmo um modo de fazer chegar a mensagem conciliar a toda a diocese. Alguns trabalhos de António Teixeira Fernandes mostraram-se uma preciosa ajuda no tratamento da questão abordada no capítulo III, mesmo sem colocar o título das notícias nas referências que faz e sem apresentar outras informações que aqui reportamos. Deste modo, seguimos uma metodologia idêntica à do capítulo II, no faseamento cronológico. No entanto saliente-se que na diocese do Porto, como em muitas outras, não existiram mudanças de fundo nestes anos. Dedicamos algumas palavras a iniciativas que tiveram particular ligação ao Concílio, como a publicação de cartas pastorais, a constituição de comissões para a aplicação das normas conciliares, as ações de formação, a constituição do Conselho Presbiteral e a vivência da Missão Diocesana. Em suma, mostramos o modo como o Concílio foi recebido no Porto nestes anos através de *A Voz do Pastor*.

CAPÍTULO I

A IGREJA PORTUCALENSE E O SEU JORNAL NA RECEÇÃO DO CONCÍLIO

O esforço por compreender o impacto que teve o II Concílio do Vaticano num jornal como *A Voz do Pastor* obriga-nos a situarmo-nos num determinado contexto. Não pretendemos efetuar uma abordagem exaustiva dos temas que aqui iremos tratar, mas precisamos de compreender o quadro em que se insere o objeto do nosso trabalho.

Primeiramente, temos presente o II Concílio do Vaticano, naquilo que ele significou para a Igreja antes, durante e após a sua realização. Seria muito limitado falar de uma realidade com esta importância, cingindo-nos apenas ao contexto diocesano do Porto. Perguntamo-nos, por isso, sobre o que significa uma Igreja estar em estado de Concílio. Que movimentos internos e que fatores externos à Igreja levaram à convocação da maior assembleia eclesial da história? Quais os frutos daquela grande reunião, para a Igreja e para o mundo? Só depois de termos realizado este percurso histórico, ainda que breve, iremos efetivamente focar o nosso olhar sobre a diocese Porto.

No segundo ponto, concentraremos a atenção no exílio de D. António Ferreira Gomes e no período em que decorreu a Administração Apostólica de D. Florentino. *A Voz do Pastor* era um meio importante de comunicação daquele que governava os destinos da diocese do Porto. Desde o anúncio do Concílio até à criação da *Voz Portucalense*, os acontecimentos vividos deixaram marcas profundas, que ditaram o rumo do semanário da diocese. Apesar das dificuldades, muito se fez na Igreja do Porto. Foi um tempo de pastoral dinâmica em que o Concílio esteve bem presente.

Concluiremos o capítulo com uma panorâmica histórica sobre o periódico, que serve de base ao nosso estudo, o jornal *A Voz do Pastor*. Observaremos o contexto e os propósitos que estiveram na origem da sua criação. Com quase 50 anos de publicação ininterrupta, passaremos pela biografia dos seus diretores e passos que foram dados no intuito de melhorar e manter vivo o propósito que esteve na fundação daquela publicação. Também teremos em atenção certas problemáticas que terão influência direta na maneira de se perspectivarem determinados acontecimentos. Estas influências conduziram à necessidade da sua profunda reconfiguração, que acabaria por ditar a sua substituição pela *Voz Portucalense*.

1. A Igreja em estado de Concílio

O II Concílio do Vaticano foi o acontecimento mais marcante para a Igreja no século XX. Permitiu-lhe acompanhar as mudanças culturais e religiosas que se faziam sentir na sociedade¹. A Igreja sofria de algumas tensões internas, mas nada era comparável com outros contextos. Existia um desejo de reforma no seio da Igreja, mas tal não implicava que se tivesse de realizar um novo concílio ecuménico. Desta feita, não foi o clamor generalizado que levou à convocação do Concílio, mas o despoletar de diversas ideias reformistas e um desejo interno de se proceder a um *aggiornamento*².

1.1. Uma Igreja em busca de renovação conciliar

A convocação do II Concílio Ecuménico do Vaticano em 1961 coroou uma série de acontecimentos que tiveram início ainda no século XIX. Os tempos de limitação do poder temporal pontifício, que antecederam o I Concílio do Vaticano tinham conduzido à afirmação do dogma da infalibilidade pontifícia, em 1870, o que parecia colocar de parte a necessidade da convocação de um novo Concílio. No entanto, permanecia o desejo de concluir o Vaticano I, suspenso em 1870. Durante o século XX, essa tendência fora visível

¹ Cf. FLORISTÁN, Casiano – *Vaticano II: Um Concílio pastoral*. Lisboa: Edições Paulistas, 1990, p. 5.

² Cf. SCHATZ, Klaus – *Los concilios ecuménicos: Encrucijadas en la historia de la Iglesia*. Valladolid: Editorial Trotta, 1999, p. 247.

com Pio XI e Pio XII, mas os acontecimentos que assolavam o mundo nesses anos não permitiram a sua conclusão³.

Já em 1864, a publicação da *Syllabus* traçara o caminho da Igreja face ao mundo moderno⁴. Tomava-se, assim, uma orientação que, por um lado, assegurava e confirmava a autoridade do pontífice romano, e, por outro, dotava a Igreja de uma posição face ao racionalismo e ao fideísmo⁵. Antes do Vaticano II, a Igreja passara uma imagem de uma sociedade perfeita, sob a orientação de uma hierarquia vigorosa, unida em defesa das invetivas da reforma, do iluminismo, dos regalismos, do liberalismo e, nos últimos tempos, contra os ideais modernistas e comunistas. Toda a ação da Igreja se alicerçava pela neoescolástica, expressiva de um monolitismo eclesiástico e teológico. Todavia, permanecia a imagem de uma Igreja fechada, contribuindo para o seu distanciamento do mundo e para a acentuação da separação entre as diversas Igrejas cristãs⁶.

A Igreja refugiava-se no rigorismo e no conservadorismo, mas eles não eram os valores que se faziam sentir fora dela. Pedia-se-lhe uma gradual abertura e uma evolução no pensamento teológico. A partir do século XIX, o contacto com teólogos protestantes, com os ideais modernistas e as descobertas nos âmbitos da Sagrada Escritura e da patrística, provocaram uma mudança no rumo da teologia. Os contributos teológicos foram muito diversificados. Desde as reflexões do catolicismo liberal, às tentativas de recristianização da sociedade, passando pelos movimentos litúrgico, ecuménico e mariano ou pelas reflexões que os teólogos da Europa fizeram sobre a Igreja e o mundo, tudo fazia crer que uma mudança era indispensável. Os escritos do Magistério de Pio XII vão revelando uma certa abertura de pensamento, sobretudo com a publicação das encíclicas *Divino afluente Spiritu*, *Mystici corporis* e *Mediator Dei*. No entanto, a publicação da encíclica *Humanis generis* e os obstáculos à *Nouvelle théologie*, surgida em ambiente francês, pareciam colocar em causa a possibilidade de uma ampla renovação da Igreja⁷.

³ Cf. LIMA, José da Silva – *Teologia prática fundamental: Fazei vós também*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009, p. 61-62.

⁴ Cf. ROVIRA BELLOSO, J. M. – Significación histórica del Vaticano II. In FLORISTÁN, Casiano; TAMAYO, Juan-José – *El Vaticano II, veinte años después*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985, p. 17.

⁵ Cf. MADRIGAL, Santiago – *Unas lecciones sobre el Vaticano II e su legado*. Madrid: San Pablo; Universidad Pontificia Comillas, 2012, p. 420.

⁶ Cf. MARTO, António dos Santos – O II Concílio do Vaticano: Magna carta para o futuro da Igreja. In PORTO, Bispo, 1952-1982 (António Ferreira Gomes) – *Pareceu ao Espírito Santo... E a nós?!*. Porto: Fundação Spes, 2000, p. 8-9.

⁷ Cf. SCHATZ – *Los concilios*, p. 247-253.

Após a morte de Pio XII, em 1958, é eleito João XXIII. Ninguém conseguira prever que um homem velho, escolhido como um papa de transição, tivesse planeado algo tão grande para a Igreja, como um novo Concílio⁸. Um novo rumo era traçado no quadro das habituais reflexões conciliares. O Concílio não iria discutir dogmas da Igreja, mas era imprescindível pensar a doutrina à luz dos novos tempos. Por isso, o papa planeou um Concílio de índole pastoral. Podemos afirmar que o carácter prático e dinâmico do Concílio pretendia ir ao encontro do homem, num mundo de constantes transformações⁹:

«Trata-se de colocar em dia, de proceder a um *aggiornamento* da comunidade eclesial, refundindo a relação desta com o mundo e procurando entender o seu próprio funcionamento. Não se trata de refletir sobre qualquer nova heresia, mas sobretudo de rever o seu posicionamento no mundo e de entender de forma nova as dimensões de uma missão específica, não exclusiva, em horizonte de unidade»¹⁰.

A pastoral, o *aggiornamento*, o diálogo e a unidade serão as grandes dinâmicas conciliares, que se expressaram num constante desejo de um regresso às fontes cristãs¹¹.

1.2. O mundo às portas do Concílio

As mudanças que se operaram no mundo, nos anos que antecederam o II Concílio do Vaticano, colocaram novos desafios à humanidade e também à Igreja, de que resultou a necessidade de se fazer um Concílio novo. O término dos Estados Pontifícios fizera com que a Igreja tivesse de se reposicionar no campo político e social¹². A emergência dos sistemas democráticos e das instituições parlamentares contrastou com uma imagem da Igreja em que se promovia um exacerbado centralismo romano, uma sociedade perfeita, mas desigual entre os seus constituintes. O surgimento de certas ideologias e regimes totalitários, sobretudo socialistas e comunistas, e o sentimento anticristão haviam, de igual forma, obrigado a Igreja a pensar-se a si mesma¹³.

As duas Grandes Guerras provocaram destruição e mortes sem precedentes, pondo em causa o próprio cristianismo. Agravaram-se as relações entre estados e povos. A par

⁸ Cf. ALBERIGO, Giuseppe – *O bom papa João: Biografia de um pontífice*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2014, p.169-187.

⁹ Cf. LIMA – *Teologia prática*, p. 63-64.

¹⁰ LIMA – *Teologia prática*, p. 64.

¹¹ Cf. LIMA – *Teologia prática*, p. 63-64.

¹² Cf. RATZINGER, Joseph – El Concilio y el mundo de las ideas modernas. In RATZINGER, Joseph – *Sobre la enseñanza del Concilio Vaticano II: Formulación, transmisión, interpretación*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2014, p. 36. Obras Completas; 7.1.

¹³ Cf. ALBERIGO, Giuseppe – El Concilio Vaticano II (1962-1965). In ALBERIGO, Giuseppe, ed. – *Historia de los concilios ecuménicos*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1993, p. 337.

das guerras, também se verificavam grandes assimetrias entre países muito ricos e países pobres, porque a distribuição da riqueza não era igual. A religião sofria com a secularização e passava para a esfera individual e privada, em resultado de um processo de relativização das crenças religiosas e de um interesse crescente pelas religiões asiáticas. O Concílio tinha necessariamente de abrir portas a uma reflexão que abarcasse todas estas mudanças e que permitisse à Igreja ir ao encontro do mundo. As diversas Igrejas cristãs procuravam a unidade entre os povos. Este desejo manifestou-se no empenho no diálogo ecuménico, tendo em vista o combate de tendências extremistas¹⁴.

Uma série de revoluções em cadeia, resultantes de um novo entendimento do homem no mundo, operaram significativas mudanças sociais. A revolução científica dera lugar a grandes avanços na medicina, na defesa, na comunicação, nos transportes e apareceram, mais recentemente, as tecnologias da informação. Venciam-se as distâncias geográficas e a globalização era, cada vez mais, uma realidade. Todas estas mutações pareciam causar estranheza, mas as mudanças constantes não eram novidade, pois, já no século XIX, a revolução industrial havia provocado grandes mudanças culturais e sociais¹⁵. Novidade foi o curto espaço de tempo em que elas se deram, como Joseph Ratzinger refere:

«O último Concílio, o primeiro do Vaticano, encontra-se a menos de um século do passado. Desde o ponto de vista da história universal, trata-se de um tempo breve, porém, frente à rapidez vertiginosa com que a história hoje se move é, pelo contrário, um tempo muito prolongado»¹⁶.

Era impossível travar este avanço e, se, por um lado, a ciência evoluiu, colocavam-se, por outra parte, em questão temas relacionados com a ética, como a questão da manipulação da vida humana. Tal verificava-se, porque a ciência começava a oferecer resposta a muitas das perguntas que antigamente eram dadas pela religião. Os valores cristãos começavam a ser postos em causa. Neste contexto, a liberdade surgiu como uma forma redutora de satisfação dos prazeres, como libertinagem.

Até a estrutura familiar sofreu alterações. Gradualmente, as famílias extensas davam lugar a famílias nucleares mais pequenas. Caíram os vínculos institucionais e religiosos, dando lugar a um aumento de divórcios e à fuga aos compromissos de longa duração. O amor fora desvirtuado de sentido. O desenvolvimento da medicina deu lugar ao aumento da esperança média de vida e ao aumento do controlo da natalidade, o que foi

¹⁴ Cf. LIMA – *Teologia prática*, p. 66-70.

¹⁵ Cf. LIMA – *Teologia prática*, p. 66-68.

¹⁶ RATZINGER – *El Concilio*, p. 36-38.

originando uma população cada vez mais envelhecida. No fundo, a nova conjuntura suscitou o aparecimento de novas questões num mundo completamente novo¹⁷.

1.3. O II Concílio Ecuménico do Vaticano

Compreender a importância do II Concílio do Vaticano é fundamental, para se entender o seu impacto em *A Voz do Pastor*. A Igreja saiu do Concílio revigorada e com um novo olhar e um novo posicionamento sobre si. Floristán realça precisamente a ideia de que «o Concílio trouxe consigo uma nova consciência de Igreja no Espírito de Cristo e do Evangelho para o serviço do mundo em prol do reino de Deus»¹⁸. Desde o início do Concílio esteve sempre presente um desejo de rejuvenescimento eclesial, de compromisso, de comunhão, de abertura e diálogo com o mundo e com as outras Igrejas e Religiões. A sua realização demonstrou claramente que a Igreja despertava para o princípio da sinodalidade e da colegialidade, apesar da recorrente afirmação do papado¹⁹. O mundo, por seu lado, exigia um novo ardor na missão da Igreja. Assim, era importante inculcar ao Concílio um rumo pastoral e não enveredar por formulações dogmáticas. A fé não fora posta em causa e os dogmas não foram revistos. O desafio centrou-se essencialmente em traduzir a fé numa linguagem mais esclarecida e dialogante.

O II Concílio do Vaticano foi realizado no amor e na liberdade, porque, apesar das diversas proveniências e linhas de pensamento, a liberdade de reflexão sempre esteve presente. Segundo Karl Rahner, «este Concílio demonstrou que a unidade e a fidelidade da Igreja à própria história, [...] não se fixam no imobilismo. E evidenciou ainda que a liberdade de pensamento, dentro da Igreja, não pode ser reduzida a fórmulas vazias e inconsistentes»²⁰. Outra das grandes intuições do Concílio passou pela responsabilidade ecuménica, que não se resume a uma mera presença de representantes de outras Igrejas naquele acontecimento, mas na abertura a um diálogo que traduza, na linguagem dos novos tempos, as antigas e sempre novas verdades da fé.

Conseguiu a teologia ecuménica influenciar os restantes campos da teologia? O Vaticano II foi, na verdade, ecuménico, pois nele toda a Igreja se reuniu em assembleia para tratar dos problemas presentes na Igreja e no mundo. Não foi possível ou oportuno

¹⁷ Cf. LIMA – *Teologia prática*, p. 66-70.

¹⁸ FLORISTÁN – *Vaticano II*, p. 31.

¹⁹ Cf. RAHNER, K. – *Vaticano II: Um começo de renovação*. São Paulo: Editora Herder, 1966, p. 8-9.

²⁰ RAHNER – *Vaticano II*, p. 13.

discutir todas as matérias desejadas, mas as problemáticas tratadas passaram a pertencer mais vivamente à missão da Igreja. A Igreja pensou-se a si mesma e o resultado desse labor foi a redação da *Lumen Gentium*. Os padres conciliares refletiram sobre a vida interna da Igreja no seu múnus de santificar (*Sacrosanctum Concilium*), reger (*Christus Dominus e Orientalium Ecclesiarum*) e ensinar (*Dei Verbum, Gravissimum Educationis*). Os diversos estados de vida eclesiais também não passaram despercebidos (*Presbyterorum Ordinis, Optatam Totius, Perfectae Caritatis e Apostolicam Actuositatem*). Na sua relação com o exterior, a Igreja redefiniu as suas relações com não católicos (*Unitatis Redintegratio*), com os não cristãos (*Nostra Aetate e Ad Gentes*), com o mundo profano (*Gaudium et Spes e Inter Mirifica*) e com a cultura (*Dignitatis Humanae*)²¹.

Definir o Concílio como um momento de transição é deveras arriscado, pois nem todos se encontraram e encontram de pleno acordo. Fez-se sentir o estremar de posições em relação a este acontecimento, logo nos inícios²², mas não é de todo estranho que tal aconteça, uma vez que na história se registaram variadas divisões após a realização dos grandes concílios. No seu discurso de encerramento dos trabalhos conciliares, Paulo VI demonstrou-o quando afirmou que «alguns suspeitaram que nos homens e nos actos do Concílio tinha dominado mais do que era justo e com demasiada indulgência a doutrina do relativismo que se encontra no mundo externo»²³. Um exemplo significativo deste demarcar de orientações é o caso do monsenhor Lefebvre e dos seus seguidores, enquanto defensores de um conservadorismo exacerbado. Outros viam no Concílio a solução para problemas que acabaram por não serem solucionados e desanimaram²⁴. Rahner afirma categoricamente que o facto de este acontecimento se ter realizado é já, em si mesmo, significativo:

«Mas que ele se tenha realizado, que, por longo tempo, tenha ele constituído como que o núcleo central da Igreja como evento, e que tenha tido a coragem de atacar os problemas mais relevantes da hora presente, só isto é já de tremenda importância teológica para a auto-conceituação da Igreja, na teoria e na prática»²⁵.

²¹ Cf. RAHNER – *Vaticano II*, p. 19-21.

²² Cf. LINDA, Manuel – Doutrina conciliar e grandes textos do magistério. *Humanística e teologia*. 32: 2 (2012) 482-483.

²³ IGREJA CATÓLICA. Papa, 1963-1978 (Paulo VI) – Homília na 9ª sessão solene: [Homília de 7 de dez. 1965]. *AAS*. 58 (1966) 54.

²⁴ Cf. RATZINGER, Joseph – *Diálogos sobre a fé: Apresentados por Vittorio Messori*. Lisboa: Editorial Verbo, 2005, p. 22-37.

²⁵ Cf. RAHNER – *Vaticano II*, p. 7-8.

Lidos os acontecimentos nesta perspetiva, podemos, finalmente, entender melhor o II Concílio do Vaticano como um grande acontecimento eclesial, que marcou a Igreja e as suas estruturas. A fé permaneceu a mesma, mas a maneira de a apresentar teve de ter em conta uma linguagem perceptível ao mundo atual. Foi neste novo posicionamento e dinamismo, que consistiu o *aggiornamento*, presente no quadro conciliar.

Apresentado o quadro geral do Concílio, detemo-nos de seguida, na situação da diocese do Porto entre 1959 e 1969.

2. A diocese do Porto numa década conturbada

Entre o anúncio do II Concílio do Vaticano e fim do jornal *A Voz do Pastor* em 1969, a diocese do Porto viveu tempos muito marcantes. Um olhar sobre a diocese e aqueles que a governaram permite-nos compreender o terreno em que se lançaram as bases da vivência conciliar. O exílio do bispo diocesano e a governação da diocese por um administrador apostólico foram propícios a contendas e atritos que envolveram políticos, clérigos e toda a diocese. Contando com diversas dificuldades, a Igreja do Porto não deixou de estar atenta às suas necessidades, adaptando-se aos novos tempos e, em certa medida, ao espírito do Concílio.

2.1. O exílio de D. António Ferreira Gomes

À data do anúncio do Concílio, a diocese do Porto encontrava-se envolta no dilema gerado pelo agravamento das relações entre o seu bispo, D. António Ferreira Gomes, e o Estado Português²⁶. Considerado como uma voz crítica e olhado com alguma desconfiança pelo regime, as suas relações com o poder político agudizaram-se,

²⁶ D. António foi o quarto filho, entre os nove, de uma família de lavradores abastados. Nasceu em 1906, em Milhundos, Penafiel. Ingressou no seminário aos dez anos e foi ordenado presbítero em 1928, depois de ter terminado os estudos teológicos na Universidade Gregoriana (Roma). Desempenhou o papel de prefeito no Seminário de Vilar e, seguidamente, de vice-reitor (com funções de reitor), reitor, professor de filosofia e cônego da sé do Porto. Em 1948, foi nomeado bispo coadjutor de Portalegre, sucedendo, em 1949, D. Domingos Frutuoso no governo da diocese, após a morte deste. Poucos anos depois (1952), é nomeado bispo do Porto. Na diocese portugalense notabilizou-se pela crítica da situação de miséria do povo e do corporativismo, pela defesa da liberdade de expressão e de ação política. Os seus atritos com o Estado levaram-no a um exílio de dez anos (1959-1969). Regressou à sua diocese em julho de 1969, onde se esforçou por aplicar os ideais conciliares. D. António foi uma figura admirada por muitos e criticada por outros. Recebeu vários elogios e condecorações pelos trabalhos que realizou e pelos ideais que defendeu. Retirou-se, em maio de 1982, para a Quinta da Mão Poderosa, em Ermesinde, depois de ter resignado ao bispado do Porto, e ali faleceu a 13 de abril de 1989.

sobretudo, a partir de 1958. Por ocasião das eleições presidenciais, o presidente do Conselho de Ministros, António de Oliveira Salazar, manifestou o seu desejo ao bispo do Porto de que o mesmo se deslocasse a Portugal para votar, no período eleitoral, uma vez que D. António estaria em Barcelona, em compromissos com a União Patronal, ficando por essa razão impedido de comparecer. Era importante para o Governo que o bispo viesse votar, pelo facto de ele ser bastante admirado na maneira como defendia os valores da doutrina social da Igreja. Para agradar ao bispo e persuadi-lo a votar, foi-lhe prometida uma audiência com Salazar, para que ambos pudessem debater as questões que os afastavam. Ciente da farsa que envolvia aquelas eleições, António Ferreira Gomes decidiu deslocar-se a Portugal para votar²⁷.

Regressando ao país, D. António endereçou um pró-memória a Salazar como preparação da conversa que anteriormente lhe havia sido prometida²⁸. As questões centrais do escrito prendiam-se essencialmente com o desrespeito pela doutrina social da Igreja. No meio de todo o processo, a carta acaba por se tornar pública, contribuindo para a deterioração das relações, embora fossem conhecidos esforços para que houvesse uma pacificação. Por altura da eleição papal de João XXIII, em Roma, o bispo António chegou a mostrar-se disponível para renunciar à diocese se a Santa Sé assim o pretendesse. Contudo, campanhas desenvolvidas pelo jornal *A Voz* contra D. António e a difusão do pró-memória deixaram a situação irremediável²⁹. Aconselhado pelo visitador apostólico, D. José da Costa Nunes, a ausentar-se do país para umas férias, no regresso, D. António Ferreira Gomes viu-se impedido pela PIDE de entrar em Portugal, iniciando assim um período de exílio.

Uma vez exilado, não cessaram esforços por parte do Governo Português para impedir que ele entrasse ou estivesse em contacto com Portugal. Era do interesse do Estado a nomeação, o mais depressa possível, de alguém que guiasse os destinos da diocese do Porto, barrando a intervenção direta do bispo titular³⁰. Na edição de 25 de julho de 1959, uma pequena nota do jornal *A Voz do Pastor* refere que D. António partira

²⁷ Cf. LINDA, Manuel da Silva – *Andragogia política em Dom António Ferreira Gomes*. Porto: Fundação Spes, 1999. Mundo Evangelho Igreja; 2, p. 57-58.

²⁸ Cf. PORTO. Bispo, 1952-1982 (António Ferreira Gomes) – Pró-memória para uma entrevista. In CASTRO, António Leite de [et al.] – *D. António Ferreira Gomes: Nos 40 anos da carta do bispo do Porto a Salazar*. Lisboa: Multinova, 1998, p. 175-192.

²⁹ Cf. FERREIRA, Manuel de Pinho – *A Igreja e o Estado Novo na obra de D. António Ferreira Gomes*. Porto: Fundação Spes; Universidade Católica Portuguesa - Faculdade de Teologia, 2004. Mundo Evangelho Igreja; 7, p. 50-66.

³⁰ Cf. FERREIRA – *A Igreja e o Estado Novo*, p. 67-70.

para o estrangeiro para visitar «várias instituições e obras de apostolado cristão»³¹. A mesma notícia referia que, durante esse período, o governo da diocese ficaria a cargo do seu bispo auxiliar, D. Florentino de Andrade e Silva³², nomeado administrador apostólico da diocese em 12 de outubro seguinte³³. Também por influências diplomáticas que o Estado Português exercera junto da Santa Sé, de Compostela, onde se encontrava aquando da proibição de entrar em Portugal, D. António rumou a Valência³⁴, para que ficasse mais distanciado da fronteira, evitando possíveis tentativas de entrar no país.

Não é fácil avaliar o estado da relação entre o administrador apostólico e o bispo da diocese, antes de outubro de 1959. António Teixeira Fernandes considera que as relações entre ambos se haviam deteriorado muito antes do exílio. Segundo correspondência trocada entre D. Florentino e o núncio em Lisboa, D. António não daria grande relevo ao papel do seu auxiliar³⁵. De facto, esta troca de cartas será apenas o início de uma série de episódios que estiveram na base de diversas contendas geradas em torno do exílio de Ferreira Gomes. A propósito deste assunto afirmou Jorge Cunha:

«Esses escritos mostram como [D. Florentino] se presta a uma função de espionagem e mesmo de delação, que não o honra a si nem à própria Nunciatura. Uma vez decaído até este nível, nada mais o podia fazer alçar ao patamar de uma estatura moral devida ao seu estatuto episcopal. Por isso, se pôde prestar, daí em diante, a todos os papéis: aceitar a administração apostólica nas condições em que aceitou, acreditar que mais cedo ou mais tarde, a condição de bispo diocesano lhe ia ser outorgada, governar a diocese como se o bispo exilado não existisse, desenvolver acções que levassem a “esquecer” a existência de um bispo injustamente afastado, destituir dos seus postos os padres que lhe pareciam alinhados com o bispo legítimo»³⁶.

É dado adquirido que, desde a nomeação de D. Florentino como administrador apostólico, as relações se foram agravando. Em carta dirigida ao administrador apostólico, o bispo do Porto lembrava a necessidade de lhe ser atribuída uma pensão durante a sua estadia no estrangeiro e solicitava uma cópia do decreto de nomeação do administrador apostólico. D. Florentino, na resposta, nega-lhe a cópia do decreto, por

³¹ BISPO do Porto. *VPast.* (25 jul. 1959) 1.

³² Cf. BISPO do Porto. *VPast.* (25 jul. 1959) 1.

³³ Cf. FERNANDES, António Teixeira – *Dom Florentino de Andrade e Silva: Contemplação, pensamento e acção*. [S.l.]: Contraponto, Edições e António Teixeira Fernandes, 2005, p. 42-43.

³⁴ Cf. VIEIRA, Nuno – A atividade pastoral do bispo do Porto em Valência (1960-1963). In AZEVEDO, Carlos A. Moreira [et al.] – *Ser bispo conciliar no exílio (1959-1969)*. Porto: Fundação Spes, 2007. Mundo Evangelho Igreja; 6, p. 133-211.

³⁵ Cf. FERNANDES, António Teixeira – *Relações entre a Igreja e o Estado: No Estado Novo e no pós 25 de Abril de 1974*. Porto: Edição do Autor, 2001, p. 276-288.

³⁶ CUNHA, Jorge Teixeira da – Um homem sobre o abismo: No centenário de D. Florentino de Andrade e Silva (1915-1989). *Vila da Feira: Terra de Santa Maria*. 40 (2015) 29.

considerar não ser sua incumbência fazê-lo e mostrou-se indignado pela forma como o bispo mencionava D. José da Costa Nunes. Terminava, dizendo que a diocese não se sentia à vontade para lhe atribuir qualquer pensão³⁷.

A animosidade que se começava a instalar entre os dois prelados transpareceu para o clero diocesano e acabou por se alargar a toda a diocese, dividida entre aqueles que eram fiéis ao bispo diocesano e aqueles que eram fiéis a D. Florentino. No decurso deste estremar de posições, Domingos de Pinho Brandão e Manuel da Silva Martins foram removidos das funções de reitor e vice-reitor, respetivamente, do Seminário Maior de Nossa Senhora da Conceição, por serem da confiança de D. António³⁸. Sucederam-se algumas remoções e promoções³⁹. Outra situação que acabou por gerar mais clivagens centrou-se na abertura de um arquivo pessoal do bispo exilado, no paço episcopal, situação que chegou a ser mediada pelo próprio núncio apostólico em 1960. Entretanto, já em julho do mesmo ano, solicitado por dois jovens sacerdotes, que tinham dúvidas sobre a forma como haviam de proceder naqueles tempos, D. António enviou-lhes uma carta, contrariando as diretrizes que a Santa Sé lhe tinha dado para que se mantivesse recatado. Nesta mesma carta apelava a que os sacerdotes respeitassem os seus superiores, defendendo sempre a verdade dos factos⁴⁰.

Até 1962, fizeram-se sentir variados esforços para que o bispo renunciasse à titularidade da diocese do Porto. No entanto, ele permaneceu sempre firme nas suas convicções. Prometeu satisfazer a vontade da Igreja, não aceitando compactuar com a atribuição de cargos honoríficos, nem com os argumentos do patriarca de Lisboa ou com as pressões de Roma para efetivar voluntariamente a sua renúncia⁴¹. No estrangeiro, recebeu visitas regulares de amigos, bem como apoio de familiares e diocesanos. Viajou por vários países (Espanha, França, Itália, Alemanha), dedicando o seu tempo à oração, ao estudo e ao auxílio pastoral, quando este lhe era solicitado⁴². Esteve presente e participou no II Concílio do Vaticano, como membro da Comissão dos Estudos e

³⁷ Cf. FERREIRA – *A Igreja e o Estado Novo*, p. 71-72.

³⁸ Cf. ANDRADE, Pacheco de – *O bispo controverso: D António Ferreira Gomes: Percurso de um homem livre*. Lisboa: Multinova, 2002, p. 156.

³⁹ Cf. AZEVEDO, Carlos Moreira – Diocese do Porto. In AZEVEDO, Carlos Moreira – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001, vol. 4, p. 25.

⁴⁰ Cf. FERREIRA – *A Igreja e o Estado Novo*, p. 73-76.

⁴¹ Cf. FERREIRA – *A Igreja e o Estado Novo*, p. 77-90.

⁴² Cf. AZEVEDO, Carlos A. Moreira – “Estou civilmente exilado” (1959-1969). In AZEVEDO, Carlos A. Moreira – *D. António Ferreira Gomes (1906-1989): Bispo do Porto ao serviço da liberdade*. Porto: Edições Asa, 2006, p. 73-77.

Seminários. Interveio nas discussões em temas como o ecumenismo, a liberdade religiosa, os bispos e a Igreja no mundo⁴³.

A primavera marcelista, que se iniciou a 27 de setembro de 1968, foi vista por muitos com esperança de que ocorresse uma mudança positiva na sociedade portuguesa. Também se acalentou a possibilidade do regresso do bispo exilado. A 20 de fevereiro de 1969, Paulo VI recebeu em audiência D. António Ferreira Gomes e informou-o que, da parte da Santa Sé, não havia impedimentos para o seu regresso. Marcelo Caetano autorizou, posteriormente, o regresso de D. António a Portugal. Chegando a Fátima, em 19 de junho de 1969, aí permaneceu até ao seu retomar de funções. A sua entrada no paço episcopal ocorreu no dia 5 de julho, após o administrador ter sido dispensado das suas funções pela Santa Sé⁴⁴. Manuel Pinho Ferreira dá-nos conta da ação do bispo do Porto, regressado à sua diocese:

«Uma das grandes preocupações que absorveu D. António Ferreira Gomes apenas reintegrado da Diocese, foi o de constituir laboriosa e perseverantemente, a Igreja particular do Porto “à medida e no estilo do Concílio Vaticano II”. Assim se preparava uma Igreja do último terço do Século “para entrar com fé e esperança no terceiro milénio da nossa história”»⁴⁵.

Esta ação nos primeiros meses traduziu-se na Assembleia do Clero do Porto, reunida a 19 de dezembro de 1969, na mudança do título do semanário da diocese para *Voz Portucalense* e na publicação do boletim diocesano⁴⁶, com o nome de *Igreja Portucalense*. De ressaltar foi também a constituição da Comissão Diocesana Justiça e Paz⁴⁷. Foram tempos de grandes mudanças sociais e eclesiais. Apesar das vicissitudes do exílio do bispo e de algumas contendas que existiram, a diocese do Porto continuou o seu labor, nos mais diversos campos de ação, graças em grande parte ao trabalho de D. Florentino.

⁴³ Cf. AZEVEDO, Carlos A. Moreira – Papel de D. António Ferreira Gomes no II Concílio do Vaticano. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira [et al.] – *Ser bispo conciliar no exílio (1959-1969)*. Porto: Fundação Spes, 2007, p. 5-13; PORTO. Bispo, 1952-1982 (António Ferreira Gomes) – Intervenções no II Concílio do Vaticano. In AZEVEDO [et al.] – *Ser bispo conciliar no exílio (1959-1969)*, p. 15-80.

⁴⁴ Cf. FERREIRA – *A Igreja e o Estado Novo*, p. 95-102.

⁴⁵ FERREIRA – *A Igreja e o Estado Novo*, p. 103-104.

⁴⁶ A publicação do *Boletim da diocese do Porto*, boletim diocesano entre 1914 e 1936, havia sido suspensa desde a criação da revista *Lumen* em 1936.

⁴⁷ Cf. FERREIRA – *A Igreja e o Estado Novo*, p. 103-104.

2.2. A diocese do Porto em tempos de Administração Apostólica

A ação pastoral de D. Florentino de Andrade e Silva⁴⁸, enquanto administrador apostólico, foi marcada pelo facto de a diocese se encontrar dividida nas questões referentes ao exílio do seu bispo. Porém, era necessário dar à diocese um novo rumo, tornando visível a presença do ministério episcopal no meio das gentes:

«Empreendeu na diocese uma nova caminhada. Sabia bem que, neste como em qualquer outro sector humano, então como hoje, parar é já recuar. Na missão assumida não conhecia descanso, e logo desde início. Investiu imenso na agregação de vontades e na dinamização de movimentos»⁴⁹.

As suas grandes linhas de ação centraram-se na atenção às estruturas pastorais, na promoção da ação laical e nos primeiros passos em ordem à receção conciliar. Era preciso repensar a pastoral diocesana, considerando o aumento populacional e a mobilidade das pessoas. Criaram-se novas paróquias, reorganizaram-se as vigararias e procedeu-se a um melhoramento das infraestruturas, edificando novos templos e outros espaços. Chegou a ser criado um gabinete de estudos urbanísticos, no paço episcopal, para estar em ligação com as autarquias do Porto e de Vila Nova de Gaia. Pretendia-se que a Igreja do Porto pudesse chegar da melhor forma ao quotidiano dos diocesanos⁵⁰. O próprio paço episcopal passou a ter sede no terreiro da sé, depois de em 1910 ter sido expropriado e passar a ser usado pela Câmara do Porto⁵¹.

A renovação pastoral e espiritual deu-se também sobre a égide da Missão Diocesana de 1964, na qual se destacaram as visitas pastorais e a visita da imagem peregrina às diversas paróquias da diocese. Dinamizaram-se as comunidades paroquiais mediante a

⁴⁸ D. Florentino de Andrade e Silva nasceu a 9 de abril de 1915, em Mosteirô, Santa Maria da Feira. Foi o 16º filho de uma família numerosa e abastada. A sua formação inicial ocorreu no seio familiar e na escola primária da sua terra até 1927, ano em que ingressou no Seminário de Vilar. Entre 1934 e 1937, frequentou o Seminário Maior do Porto e foi ordenado sacerdote a 31 de outubro de 1937. Durante o seu ministério presbiteral exerceu funções de professor no Colégio dos Carvalhos, formador e diretor espiritual do Seminário de Vilar. No tempo em que pertenceu à equipa formadora do seminário, foi ainda diretor diocesano do Apostolado da Oração, assistente diocesano da JEC, professor de religião e moral, e diretor nacional da Associação Nacional dos Padres Adoradores. Neste período chegou a pôr a hipótese de abraçar a vida contemplativa.

Foi nomeado bispo auxiliar da diocese do Porto a 5 de janeiro de 1955 e sagrado a 27 de março. Entre 1959 e 1969, exerceu a função de administrador apostólico. A 2 de julho de 1969 cessou funções como administrador apostólico e permaneceu sem nomeação até julho de 1972, data em que foi nomeado bispo do Algarve. Pouco tempo depois, pediu resignação, sendo-lhe concedida em maio de 1977. Com um estado de saúde cada vez mais agravado, acabaria por falecer em 7 de dezembro de 1989, em Fontiscos, Santo Tirso, onde passou grande parte do tempo posterior à resignação.

⁴⁹ FERNANDES, António Teixeira – *Para a história da diocese do Porto: Dom Florentino de Andrade e Silva*. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2002, p. 16.

⁵⁰ Cf. FERNANDES, António Teixeira – *Para a história da diocese do Porto*, p. 16.

⁵¹ Cf. PORTO. Secretaria Episcopal – Nota da Secretaria Episcopal. *VPast.* (22 ago. 1964) 1.

pregação e celebração dos sacramentos, encontrando-se todo este trabalho em conclusão, aquando do regresso do bispo exilado, sendo interrompido nesse momento⁵². Para o ajudar nos trabalhos, D. Florentino recebeu como bispo auxiliar D. Alberto Cosme do Amaral, ordenado na catedral a 23 de agosto daquele ano⁵³. A Imaculada Conceição também foi proclamada, naquele ano, padroeira da cidade do Porto, após solicitação de D. Florentino à Sagrada Congregação dos Ritos⁵⁴.

As vocações sacerdotais pareciam não ser suficientes, numa diocese que, em 1961, contava com cerca de 600 padres para um milhão e meio de pessoas. A partir de julho de 1961, a Obra das Vocações Sacerdotais iniciou funções⁵⁵, depois de ter sido instituída em 1957⁵⁶. A tarefa da promoção das vocações pela Obra diocesana foi coadjuvada por vários escritos que D. Florentino dirigiu aos fiéis. Finalmente, consciencializada da falta de vocações, a diocese pensou em construir um novo tipo de seminário, o Seminário do Bom Pastor, em Ermesinde, instituído em setembro de 1968 e inaugurado no dia 4 de novembro desse mesmo ano⁵⁷. Se a preocupação se centrava no despertar de novas vocações sacerdotais, com diversas ações, não se descurou o cuidado por aqueles que haviam respondido positivamente ao chamamento vocacional e passavam dificuldades, nomeadamente económico-sociais. Em dezembro de 1963 foi criada a Fraternidade Sacerdotal, por iniciativa do clero, que contava entre os seus objetivos: facilitar o espírito de generosidade e de desprendimento para um melhor exercício ministerial; prestar assistência económico-espiritual aos seus associados em casos de invalidez, doença ou acidente; rezar pelos associados falecidos⁵⁸.

No seguimento várias iniciativas no âmbito da formação cristã, o Centro de Cultura Católica foi criado em agosto de 1964 e começou a funcionar em outubro com sede no antigo paço da Torre da Marca. Como do seu próprio nome se depreende, tinha como objetivo ajudar os cristãos a descobrir o sentido da sua presença no mundo e aclarar o conhecimento da fé. O organismo abriu portas com o Curso Superior de Cultura Religiosa, o Curso Geral de Cultura Religiosa e o Curso de Religião. Para além de

⁵² Cf. CUNHA – Um homem sobre o abismo, 25-26.

⁵³ Cf. AZEVEDO – Diocese do Porto, p. 25.

⁵⁴ Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Senhora da Conceição: Padroeira da cidade do Porto. *VPast.* (18 jul. 1964) 1.3.

⁵⁵ Futuro Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações.

⁵⁶ Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Obra das Vocações Sacerdotais: Provisão de 3 de julho de 1961. *VPast.* (8 jul. 1961) 1.3.

⁵⁷ Cf. SONHO da diocese, o Seminário do Bom Pastor começou a transformar-se em realidade. *VPast.* (9 nov. 1968) 1.6.

⁵⁸ Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Ereção da “Fraternidade Sacerdotal” na diocese do Porto. *VPast.* (4 jan. 1964) 1.4.

oferecer esta proposta formativa, o Centro de Cultura Católica promoveu vários encontros de formação abertos a toda a diocese⁵⁹. No âmbito da formação dos mais novos, foi clarividente a aposta da diocese na promoção do ensino católico, como demonstra a aquisição do colégio da Trofa para a diocese⁶⁰.

Os novos tempos de reorganização da Igreja no seio da sociedade e a redescoberta do papel dos leigos na Igreja começaram a gerar um interesse pelo apostolado laical. Era necessária a formação dos leigos, apostando-se nos movimentos com este carisma. Entre eles se perfilava a Ação Católica, que naqueles tempos conheceu um forte apoio da hierarquia diocesana⁶¹. Naquele esforço de formação dos leigos, publicaram-se variadas cartas pastorais⁶² e implementaram-se os Cursos de Cristandade na diocese, a partir de 1964⁶³. Também a pastoral familiar esteve no centro das reflexões, nomeadamente com as Equipas de Nossa Senhora, as Equipas de Santa Maria e os Cursos de Preparação para o Matrimónio, que ajudaram os casais católicos e os que se preparam para o casamento a pensar no matrimónio e a tomar consciência das dificuldades da vida conjugal. Igualmente, o Movimento por um Mundo Melhor ganhou importância, tendo sido enviado o P. Manuel Vieira Pinto para Roma⁶⁴.

Socialmente falando, destacou-se o contacto com a emigração, a criação do Secretariado Diocesano de Ação Social e da Obra Diocesana de Promoção Social nos Bairros Camarários. A criação destes organismos esteve relacionada com a situação miserável em que vivia muita gente nos bairros do Porto e em toda a diocese. Era fundamental alertar e solucionar casos em que a dignidade humana estava colocada em causa. O Secretariado foi criado no ano de 1966 para organizar e promover a ação social em toda a diocese. No ano seguinte, nasceu a Obra Diocesana de Promoção Social, voltada inicialmente para o cerco do Porto, mas que depois se fez presente noutros locais⁶⁵. Por toda a década de 60, verificou-se uma elevada taxa de emigração para a

⁵⁹ Cf. ABREU, Adélio Fernando – O Centro de Cultura Católica (1964-2014): 50 anos ao serviço da formação cristã na diocese do Porto. *Igreja Portucalense*. 2ª série, 37 (2015) 216-228.

⁶⁰ Cf. A DIOCESE do Porto tem um novo colégio. *VPast.* (24 ago. 1963) 4.

⁶¹ Cf. FERNANDES – *Para a história da diocese do Porto*, p. 16.

⁶² Cf. FERNANDES – *Para a história da diocese do Porto*, p. 151-358.

⁶³ Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Cursos de Cristandade e apostolado laical: Carta Pastoral. *VPast.* (11 abr. 1964) 1.5; PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Cursos de Cristandade e apostolado laical: Carta Pastoral: (Conclusão). *VPast.* (18 abr. 1964) 1.5.6.

⁶⁴ Cf. FERNANDES – *Para a história da diocese do Porto*, p.121-127.

⁶⁵ Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Foram aprovados os estatutos do Secretariado Diocesano de Acção Social: Provisão. *VPast.* (12 fev. 1966) 1.2; OBRA diocesana de promoção social. *VPast.* (25 nov. 1967) 2.

Europa. D. Florentino não se esquecendo dos emigrantes, dirigiu-lhes uma pastoral e chegou mesmo a visitar algumas comunidades em França⁶⁶. O administrador apostólico também percebeu a relevância dos meios de comunicação social. Sobre este aspeto, declarou António Teixeira Fernandes:

«Consciente da importância dos meios de comunicação social, fala, vezes sucessivas, aos jornalistas e homens de letras do Porto, e lembra-lhes o serviço da verdade como ideal que deve nortear a sua atividade. Com repúdio de todo o materialismo, era-lhes pedido o serviço do espírito e a fidelidade à verdade. [...] Era, segundo ele, ilícito, para quem preza o espírito, manter uma posição neutral perante os contrastes da hora que então se vivia. Não era, de facto, homem que passasse à margem dos acontecimentos, queria orientar o seu desenvolvimento»⁶⁷.

Retenham-se, ainda, alguns pontos da renovação e receção conciliar durante a Administração Apostólica. Quando se deu o anúncio do Concílio, D. António Ferreira Gomes ainda se encontrava na diocese, pelo que os pronunciamentos relevantes de D. Florentino são posteriores. Depois de, em dezembro de 1961, o papa João XXIII ter convocado um Concílio para 1962, D. Florentino escreveu uma carta pastoral acerca do *Concílio no mundo de hoje*, na qual preparou a diocese para o tempo que se aproximava. São conhecidas outras intervenções e pronunciamentos neste sentido, como uma entrevista concedida à Rádio Vaticano ou campanhas de oração pelo Concílio. Serviu-se evidentemente do próprio Concílio para encetar uma renovação na diocese⁶⁸. As preocupações com a sua receção levaram à constituição do Conselho Presbiteral e das Comissões Diocesanas da Liturgia e da Música Sacra. Grande parte dos dinamismos criados naquela altura ainda perduram, passados mais de 50 anos. D. Florentino, terminando funções em julho de 1969, deixou as bases para o futuro trabalho de D. António Ferreira Gomes⁶⁹, ficando o seu trabalho esquecido entre as contendas geradas em torno do exílio.

Resta-nos olhar para *A Voz do Pastor*, que não permaneceu alheia a estes acontecimentos. O impacto do Concílio no jornal é resultante de tudo o que até agora analisámos. Vejamos, contudo, primeiramente, o percurso histórico do jornal.

⁶⁶ Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Carta Pastoral: Emigrantes nossos irmãos. *VPast.* (20 mai. 1967) 8; PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Carta Pastoral: Emigrantes nossos irmãos: (Conclusão do número anterior). *VPast.* (27 mai. 1964) 4.

⁶⁷ FERNANDES – *Para a história da diocese do Porto*, p. 17.

⁶⁸ Cf. FERNANDES – *Para a história da diocese do Porto*, p. 109-120.

⁶⁹ Cf. AZEVEDO – *Diocese do Porto*, p. 25.

3. *A Voz do Pastor*: o percurso de um jornal

Durante o século XX, o mundo e a Igreja sofreram grandes mudanças. Em Portugal, nos inícios do século, a Monarquia constitucional havia sido derrubada e a Igreja sofria com o proliferar das invetivas republicanas contra o catolicismo, expressas na lei de separação do estado das igrejas. Os tempos de dificuldade vividos desafiaram a Igreja para que se repensasse e para que os cristãos se unissem no sentido de uma mais fecunda presença na sociedade, como evidenciaram o Concílio Plenário Português, realizado em 1926, e a Acção Católica Portuguesa, criada em 1933. Era necessário formar os católicos para não se deixarem influenciar pela tendência anticatólica⁷⁰.

No Porto, entre outras medidas, instituiu-se a Liga da Boa Imprensa Católica, nos finais de 1914, como vinha a acontecer noutras dioceses. Entre as suas finalidades, a principal era difundir entre o povo publicações de defesa e propaganda católica⁷¹. A Liga da Boa Imprensa viria a estar na base da criação de vários meios de divulgação cristã, entre os quais *A Voz do Pastor*.

A publicação do jornal *A Voz do Pastor* compreendeu um período que se inicia em 1921, ao tempo do Episcopado de D. António Barbosa Leão, e se conclui em 1969, pouco tempo depois de D. António Ferreira Gomes ter regressado do exílio. Durante quase 50 anos, acompanhou semanal e ininterruptamente os acontecimentos que se faziam sentir no mundo, em Portugal, na Igreja e, de modo mais próximo, os acontecimentos mais marcantes da diocese do Porto⁷².

3.1. Um jornal e um boletim

Por iniciativa de D. António Barroso, começou a publicar-se a partir de 1914, o *Boletim da diocese do Porto*, que no seu propósito inicial deveria transmitir tanto ao povo, como ao clero, as diretrizes da autoridade diocesana, dar conta do movimento católico, publicar os documentos oficiais da diocese e da Santa Sé, dar orientações para o procedimento do clero e, em certa medida, ser um meio que criasse unidade na obra da

⁷⁰ Cf. AZEVEDO, Carlos A. Moreira Azevedo; RODRIGUES, Abílio de Sousa – *A Igreja Portucalense entre as guerras: Boletim da diocese do Porto (1914-1936): Índices*. Porto: C. Azevedo, 1995, p. 7-12.

⁷¹ Cf. PORTO. Bispo, 1899-1918 (António José de Sousa Barroso) – Provisão. *Boletim da diocese do Porto*. 1: 9 (1914) 182-183.

⁷² Na última semana de agosto não se publicava o jornal. Os acontecimentos desses dias eram reportados na semana seguinte.

defesa da fé⁷³. D. António Barbosa Leão, seu sucessor, tinha consciência de que o *Boletim da diocese do Porto* era um importante meio de comunicação da autoridade diocesana, mas sabia que existiam certas limitações, em parte, resultantes dos difíceis tempos que se viviam. Desejava alguns melhoramentos sobretudo no que tocava à publicação de documentos emanados pela Santa Sé. Dera instruções precisas para que as paróquias da diocese recebessem aquela publicação e a integrassem no seu arquivo. Os documentos ali publicados eram oficiais, não sendo necessário outro meio para a sua promulgação. D. António Leão entendia, igualmente, que seria bom que, para além dos párocos, este meio também se difundisse entre os demais fiéis, uma tarefa consideravelmente difícil⁷⁴.

Se D. António Barbosa Leão entendia que o *Boletim* tinha uma grande importância no contexto diocesano, também foi o primeiro a afirmar que não se tratava de uma publicação para a «instrução religiosa popular»⁷⁵. No seu entendimento era necessário criar um outro tipo publicação de melhor acesso e que se espalhasse o mais possível pelas paróquias, de modo a formar os cristãos. Assim, surgiu a ideia da criação de um jornal diocesano. Para tal, nomeou uma comissão administrativa que, com o auxílio de um grupo de colaboradores, viria a pôr em marcha os trabalhos de publicação. «Era preciso congregiar aptidões, distribuir tarefas e assegurar recursos»⁷⁶. A Comissão reuniu-se várias vezes no paço da Torre da Marca, de modo a refletir sobre os caminhos a tomar. Pareceu-lhe que a solução estaria na reformulação do *Boletim paroquial*, pertencente à União Católica da Diocese, de tal modo que pudesse ser a voz do pastor dirigida aos fiéis⁷⁷. Quando já estava tudo bem encaminhado, foi enviada uma circular, assinada pelos padres Adriano Moreira Martins, Joaquim Batista d’Aguiar e Manoel Nedio de Sousa, a todas as freguesias da diocese, com o intuito de se angariarem assinantes. Aquela missiva referia-se ao futuro jornal como «órgão oficioso de Diocese, centro de acção da Liga da Boa Imprensa»⁷⁸. Adriano Martins e os restantes cooperadores asseguravam que «a “Voz do Pastôr” aparece mercê duma larga conjugação de vontades, dispostas a sacrificarem-se pelo bem da Igreja e da regeneração social»⁷⁹.

⁷³ Cf. PORTO. Bispo, 1919-1929 (António Barbosa Leão) – “Boletim da diocese do Porto” e “A Voz do Pastor”. *Boletim da diocese do Porto*. 7: 4 (1920) 53.

⁷⁴ Cf. PORTO. Bispo, 1919-1929 (António Barbosa Leão) – “Boletim da diocese do Porto”, 54.

⁷⁵ PORTO. Bispo, 1919-1929 (António Barbosa Leão) – “Boletim da diocese do Porto”, 55.

⁷⁶ “A VOZ do Pastor”. *VPast.* (21 fev. 1921) 1.

⁷⁷ Não possuímos informações que nos comprovem que tal acontecesse. Cf. “A VOZ do Pastor”. *VPast.* (21 fev. 1921) 1.

⁷⁸ Cf. MARTINS, Adriano Moreira; AGUIAR, Joaquim Batista d’; SOUSA, Manoel Nedio de – Circular. *Boletim da diocese do Porto*. 7: 4 (1920) 70.

⁷⁹ Cf. MARTINS – Circular, 70.

No mesmo número do *Boletim da diocese do Porto* em que foi publicada a circular para angariação de assinantes, o bispo deu a conhecer o que seria *A Voz do Pastor*. O jornal seria propriedade, em primeiro lugar, do bispo e dos restantes pastores, pois o seu dever pastoral era ensinar e levar os seus fiéis à sã doutrina. Por sua orientação, o semanário passaria a ser publicado a partir de janeiro de 1921. A publicação só se iniciou, contudo, no mês seguinte com as seguintes secções: «Evangelho e comentario, Apologetica, Historia Sagrada o Ecclesiastica, Pontos de Catecismo (para adultos), assumptos d’ocasião, Secção recreativa, Noticiario, Movimento religioso mundial, etc.»⁸⁰. Esta grande variedade de temáticas a tratar compreende-se pelo facto de esta publicação pretender ter um público mais abrangente, de modo a conseguir uma maior difusão. Neste sentido e no seguimento das orientações emanadas pelo bispo diocesano, foi pedida a colaboração aos párocos⁸¹. Assim, tudo estava preparado para que o jornal ganhasse vida.

3.2. Os diretores e os perfis do jornal

O conhecimento de *A Voz do Pastor*, também depende do perfil daqueles a quem coube a sua direção. Percebemos claramente que as palavras e as intuições do bispo diocesano tenham marcado o percurso do semanário da diocese. No entanto, será na figura dos seus diretores que intuimos distintamente o rumo traçado pelo jornal. Três diretores e três períodos diferentes trouxeram ao jornal variadas formas de apresentação, diferentes tipologias de conteúdos e algumas dificuldades. Não deixa de ser interessante referir que o jornal nasceu nos tempos conturbados da I República e continuou a ser publicado durante quase todo o período do Estado Novo, sendo diversas vezes visado pela censura.

3.2.1. António Bernardo da Silva e os inícios do jornal

O primeiro diretor do jornal foi o cônego António Bernardo da Silva. Natural de Santa Clara do Torrão, ali nasceu a 24 de outubro de 1871. Foi ordenado presbítero a 2 de agosto de 1896. Entre 1899 e 1904, frequentou a Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra. No regresso foi professor do Curso Teológico do Seminário Maior do Porto, onde lecionou teologia e arqueologia. Desempenhou a função de cônego

⁸⁰ PORTO. Bispo, 1919-1929 (António Barbosa Leão) – “Boletim da diocese do Porto”, 55.

⁸¹ Cf. PORTO. Bispo, 1919-1929 (António Barbosa Leão) – “Boletim da diocese do Porto”, 55-56.

da sé do Porto desde 1905 e de tesoureiro-mor desde 1921. Faleceu, no final de uns exercícios espirituais, a 29 de julho de 1932⁸².

A direção de Bernardo da Silva ficou assinalada pelo início da publicação do jornal, no domingo, 13 de fevereiro de 1921, e por uma série de mudanças até ganhar certa estabilidade. As grandes dificuldades deste período prenderam-se essencialmente com a falta de assinantes e com a definição de um formato e grafismo desejável⁸³. Inicialmente, a administração e edição estiveram sediadas na Rua Passos Manuel, nº 54, a cargo do P. Adriano Moreira Martins,⁸⁴. Por impedimento deste, toma o seu lugar o P. Joaquim Esteves Loureiro, a 4 de dezembro do mesmo ano, passando a administração a funcionar na Rua do Triunfo, nº 286⁸⁵, ficando a composição e impressão sob a responsabilidade da Tipografia Oficinas de S. José. A partir de 1922, a correspondência deveria ser endereçada para o P. Joaquim Baptista d'Aguiar⁸⁶. Em de janeiro de 1930, a redação passou a situar-se no nº 521 da Rua de Santa Catarina, no edifício da livraria Casa da Boa Imprensa⁸⁷, propriedade do administrador do jornal⁸⁸, e a composição e impressão passaram a ser feitas pela Tipografia Porto Médico, situada na Praça da Batalha.

A observação dos números publicados entre 1921 e 1932 permite notar que o grafismo do jornal mudou consideravelmente. *A Voz do Pastor* começou a ser publicada com um formato de pequenas dimensões e um total de quatro páginas⁸⁹. O aspeto do jornal mudou em fevereiro de 1924⁹⁰ e em fevereiro de 1926⁹¹, variando de dimensões e de número de páginas: quatro ou oito. Por fim, em 19 de abril de 1930, o seu aspeto foi novamente alterado para um formato de 57 centímetros de altura por 42 de largura, num total de quatro páginas e permaneceu inalterado até 1962. No primeiro aniversário do jornal, fez-se uma edição especial com um maior número de páginas e impressão em azul⁹², prática que se foi mantendo nos anos seguintes, nos aniversários e em algumas datas importantes. A 9 de abril de 1922, o jornal deixou de ser publicado ao domingo, passando a sair aos sábados⁹³. Sabemos por diversas referências que a administração se

⁸² Cf. CÓNEGO António Bernardo da Silva. *Boletim da diocese do Porto*. 19 (1933) 180-181.

⁸³ Cf. PORTO. Bispo, 1919-1929 (António Barbosa Leão) – “A Voz do Pastor”. *VPast.* (12 fev. 1922) 1.

⁸⁴ Cf. *VPast.* (13 fev. 1921) 1.

⁸⁵ Cf. *VPast.* (4 dez. 1921) 1.

⁸⁶ Cf. *VPast.* (9 abr. 1922) 1.

⁸⁷ Sendo o edifício propriedade da diocese, a livraria era propriedade do P. Esteves Loureiro.

⁸⁸ A sede de redação permanecerá neste local até ao fim do jornal.

⁸⁹ Cf. *VPast.* (13 fev. 1921) 1-4.

⁹⁰ Cf. *VPast.* (9 fev. 1924) 1-8.

⁹¹ Cf. *VPast.* (6 fev. 1926) 1-4.

⁹² Cf. *VPast.* (12 fev. 1922) 1-6.

⁹³ Cf. *VPast.* (9 abr. 1922) 1.

deparou nestes tempos com dificuldades na recolha e pagamento de assinaturas⁹⁴. O preço dos jornais era variável de ano para ano, resultado das mudanças económicas que se faziam sentir no país⁹⁵.

Quanto aos conteúdos, apurámos que inicialmente não se cumpriram os propósitos iniciais. D. António Barbosa Leão recordava que a intenção do jornal era a de fazer uma instrução religiosa acessível, não se pretendendo uma revista erudita. O bispo pedia aos párocos que enviassem para a redação notícias do movimento religioso da diocese, pois nesse campo havia um défice de notícias⁹⁶. Através de um escrito de D. António Barbosa Leão, confirmámos o tipo de conteúdos presentes no jornal:

«Continue “A Voz do Pastor” a fazer-se ouvir cada vez com mais suavidade e firmeza. Na explicação do evangelho, cujo conhecimento tão precioso é aos grandes e aos humildes; em artigos de sólida doutrina, que sejam verdadeiras lições de vida cristã; em poesias repassadas de lirismo e sentimento religioso-, em contos, que fixam no espírito, de modo atraente e fácil, verdades que, doutro modo, custariam a receber; e até a anedota espirituosa que, fazendo-nos rir, também corrige os nossos defeitos»⁹⁷.

As colunas do jornal versavam genericamente acerca da atualidade religiosa diocesana, nacional e, por vezes, internacional. Não era hábito dar cobertura a notícias da vida secular do país e do resto do mundo. Apesar de mudar várias vezes de apresentação gráfica, o teor das notícias era quase sempre o mesmo, ainda que crescesse progressivamente a troca de correspondência e o número de referências publicitárias, também elas na sua maioria de índole religiosa.

Para este primeiro período é importante ter em consideração outras informações relevantes: a 8 de março de 1928, aparece pela primeira vez uma referência ao controlo das publicações por parte da Comissão de Censura⁹⁸ e, em 1930, o jornal era o semanário católico mais lido em Portugal⁹⁹. Com a morte do diretor, foi noticiada, a 13 de agosto de 1932, a nomeação do cónego Joaquim Pinto da Costa para lhe suceder no cargo¹⁰⁰.

⁹⁴ Cf. COBRANÇA de A Voz do Pastor. *VPast.* (20 out. 1923) 1.

⁹⁵ Cf. *VPast.* (9 fev. 1924) [2].

⁹⁶ Cf. PORTO. Bispo, 1919-1929 (António Barbosa Leão) – “A Voz do Pastor”. *VPast.* (10 fev. 1923) 1.

⁹⁷ PORTO. Bispo, 1919-1929 (António Barbosa Leão) – “A Voz do Pastor”. *VPast.* (8 fev. 1927) 1.

⁹⁸ Cf. *VPast.* (8 mar. 1928) 1.

⁹⁹ Cf. *VPast.* (8 fev. 1930) 4.

¹⁰⁰ Cf. CÓNEGO Dr. Joaquim Pinto da Costa. *VPast.* (13 ago. 1932) 1.

3.2.2. Joaquim Pinto da Costa e a estabilização do jornal

O cónego Dr. Joaquim Pinto da Costa nasceu em Vizela, Guimarães, no dia 19 de setembro de 1889. Frequentou o Seminário-Liceu de Guimarães e o Seminário-Liceu de Luanda, para onde se dirigiu como fámulo de D. António Barbosa Leão, bispo de Angola e Congo. Quando é atribuída a diocese do Algarve a D. António, Joaquim Costa acompanha-o e continua os seus estudos no seminário daquela diocese. A 22 de junho de 1913 foi ordenado presbítero em Parada de Todeia, atual concelho de Paredes. Em outubro, seguiu para Roma onde se licenciou em direito canónico e obteve o doutoramento em filosofia. Na diocese de Faro foi prefeito do seminário. Posteriormente, desempenhou variados cargos na diocese do Porto, entre os quais secretário de D. António Barbosa Leão, cónego da sé e reitor da igreja de Santo António dos Congregados. Assumiu ainda a direção do jornal *A Voz do Pastor* de 1932 até à sua morte a 29 de março de 1954¹⁰¹. A seguir, o jornal ficou sem diretor nomeado por algum tempo¹⁰². No entanto, verifica-se que entre 8 de maio de 1954 a 8 de janeiro de 1955, o P. Esteves Loureiro acumulou o cargo de diretor da publicação, como aparece referido no cabeçalho do jornal¹⁰³.

O tempo de Pinto da Costa caracteriza-se por uma estabilidade do formato e do grafismo do jornal. Em termos de preço, a assinatura normal do jornal de 1933 a 1954 subiu de 15\$00 para 40\$00. Existiu um claro aumento de notícias do mundo secular e religioso, dando-se destaque a notícias não só de Portugal, mas também do estrangeiro. O semanário acompanhou regradamente a evolução dos regimes totalitários da Europa Central e do Leste, bem como alguns passos da II Guerra Mundial. Também não faltaram artigos sobre questões da vida quotidiana como a saúde, higiene e agricultura. Aumentou a publicação de documentos do bispado do Porto e da Conferência Episcopal. Comprovou-se ainda um aumento no recurso a outras fontes jornalísticas da época.

Pelas palavras dos bispos do Porto, que governaram a diocese durante este período, percebemos a importância do jornal no quadro diocesano. D. António Augusto de Castro Meireles referia-se à expansão do jornal, em 26 de janeiro de 1939, sublinhando o papel fundamental que tiveram os seus cooperadores ao longo dos anos, aludindo à importância da boa imprensa no quadro da evangelização. Pelo seu testemunho, percebemos que *A*

¹⁰¹ Cf. *VPast.* (3 abr. 1954) 1.

¹⁰² Cf. *VPast.* (10 abr. 1954-1 mai. 1954).

¹⁰³ Cf. *VPast.* (8 mai. 1954-8 jan. 1955).

Voz do Pastor, juntamente com a *Cruzada da Ação Católica* e a *Voz da Fátima*, ia fazendo junto das paróquias um grande trabalho na difusão da boa imprensa católica¹⁰⁴. Anos depois, D. Agostinho referia que o jornal foi a voz daqueles que na Igreja

«tinham o título de pastor, fazendo chegar às almas o alimento da verdade, defendendo esta das arremetidas do êrro, fazendo chegar ao conhecimento dos fiéis as determinações da Autoridade Eclesiástica, dando esclarecimentos necessários ou, pelo menos, úteis e proporcionando leituras amenas e edificantes»¹⁰⁵.

No 25º aniversário, o jornal recebeu do papa Pio XII uma bênção apostólica. Em edição especial, foram recordados nas páginas centrais todos aqueles que fizeram parte da história do jornal¹⁰⁶. Na imprensa da época surgiram, também, votos de louvor e de reconhecimento. O jornal *Novidades* mencionou que o jornal havia crescido em tamanho e número de secções e que o cónego Pinto da Costa fazia do semanário o seu púlpito,¹⁰⁷ acrescentando: «Tem igualmente “A Voz do Pastor” informado os seus leitores do movimento religioso, tanto na Diocese, como fora dela. Nem têm faltado artigos de doutrinação moral e religiosa, sem a qual não se perceba a imprensa católica»¹⁰⁸.

3.2.3. Domingos de Oliveira Costa Maia ao tempo da renovação conciliar

O último diretor de *A Voz do Pastor* foi o P. Domingos de Oliveira Costa Maia. Nasceu a 26 de dezembro de 1905 e faleceu a 20 de agosto de 1973. Era proveniente de Santa Cristina do Couto, Santo Tirso, de uma família numerosa de pequenos lavradores. Frequentou a escola local, vindo a ingressar no Seminário da Torre da Marca aos 13 anos. Completou os estudos no Seminário Maior do Porto, em 1928, com distinção. A 29 de julho daquele ano foi ordenado sacerdote, celebrando missa nova, na sua terra natal, a 15 de agosto. Durante 13 anos esteve à frente da paróquia de Guimarei à qual se veio juntar a de Santiago de Carreira. Desempenhou, nesse período, a função de professor de moral, educação cívica e canto, no Liceu de Santo Tirso. Em 1941, foi chamado a desempenhar o cargo de diretor espiritual no Seminário de Vilar, em que permaneceu apenas três anos, por se mostrar incompatível com as atividades exercidas, em concomitância, na direção

¹⁰⁴ Cf. PORTO. Bispo, 1929-1942 (António Augusto de Castro Meireles) – “A Voz do Pastor”. *VPast.* (26 jan. 1939) 1.

¹⁰⁵ PORTO. Bispo, 1942-1952 (Agostinho de Jesus e Sousa) – Aniversário de “A Voz do Pastor”. *VPast.* (22 jan. 1944) 1.

¹⁰⁶ Cf. *VPast.* (19 jan. 1954) 1.

¹⁰⁷ Cf. “A VOZ do Pastor” e a Imprensa. *VPast.* (9 fev. 1954) 1-2.

¹⁰⁸ Cf. “A VOZ do Pastor” e a Imprensa. *VPast.* (9 fev. 1954) 2.

da Rádio Renascença no Norte. Colaborou com diversas publicações católicas, entre as quais o semanário da diocese, de que veio a ser diretor. Em agosto de 1959, foi vítima de um enfarte, que o obrigou a limitar gradualmente a sua atividade até ao seu falecimento¹⁰⁹.

A relação mais estreita entre o Domingos Costa Maia e *A Voz do Pastor* começou no início da sua vida pastoral quando escreveu os diálogos de humor e formação, *Dois dedos de cavaco*. A partir de 1941, colaborou mais diretamente com o Dr. Pinto da Costa. Domingos Costa Maia, tendo assumindo a direção do jornal em 1955, deu-lhe um caráter mais popular e alegre. Estava atento às atualidades e a tudo aquilo que rompia com a moral cristã. No jornal, desenvolveram-se campanhas contra o espiritismo e a superstição. Criaram-se espaços para a explicação de matérias relacionadas com o protestantismo e com as seitas religiosas. Também se comentavam algumas leituras. O jornal era um espaço privilegiado de doutrinação¹¹⁰, como se verificou no acompanhamento dos desenvolvimentos do Concílio. Sabe-se que Costa Maia enriqueceu as suas intervenções com matérias usadas na Rádio Renascença e que foi o autor de algumas rubricas como *Quem pergunta quer saber*, a *Feira dos disparates* e *Dize-tu, direi eu*. Conhecem-se, igualmente, alguns dos seus pseudónimos: Ângelo, Dom Ermida, Castelo da Maia, Visconde de Santo André e Malho, com o seu tom sarcástico. Cada qual era usado para um determinado tipo de intervenção¹¹¹. Destes tempos, em comparação com as direções anteriores, fica-nos o aumento do número de editoriais, escritos pelo diretor ou por outros, um maior interesse pela atualidade secular, um maior número de artigos assinados e de leituras paralelas e publicação de documentos, conferências.

Mais de 35 anos volvidos sobre o início da publicação, *A Voz do Pastor* continuava a ter algumas dificuldades. Surgiam algumas críticas referentes aos conteúdos, apelidados de muito populares. A redação defendia-se argumentando que pelo facto de o jornal ser semanal e de pequenas dimensões não era possível abordar todos os assuntos de forma exaustiva. Acrescentava que o público das classes mais populares carecia de uma linguagem mais compreensível, e que era necessário aumentar a publicação e o número de colaboradores¹¹². Refere a redação em 1958:

«Continuaremos, pois, com o auxílio de Deus, escrevendo de preferência para os não diplomados, que constituem, como nos auditórios das igrejas, a grande massa. Falamos para que nos entendam, as pessoas cultas não ficam prejudicadas, porque

¹⁰⁹ Cf. PADRE Domingos de Oliveira Costa Maia. *Igreja Portucalense*. 1ª série, 29 (1975) 33-44.

¹¹⁰ Cf. PADRE Domingos, 35-38.

¹¹¹ Cf. PADRE Domingos, 35-38.

¹¹² Cf. A REDAÇÃO – *A Voz do Pastor* deve ser um jornal popular ou erudito. *VPast.* (4 jan. 1958) 3.

também compreendem. Só assim um jornal é para todos. Tal é o nosso critério, salvo indicação superior ou manifestação coletiva em contrário. Não deixaremos, todavia, de continuar a apresentar trabalhos de nível mais elevado, alguns dos quais a iniciar brevemente»¹¹³.

No dia 19 de setembro de 1960, a livraria Casa da Boa Imprensa é vendida à diocese pelo P. Loureiro, que no ano seguinte abandonou a administração do jornal¹¹⁴. Segundo o cabeçalho do jornal, administração passou, a partir de 24 de junho de 1961, a ser feita pelo P. José de Oliveira Costa Júnior¹¹⁵. Os dois últimos números de 1962 marcam a viragem para um novo *design* do jornal, rompendo com o que se havia mantido durante mais de 30 anos. O jornal passa a ser editado num tamanho mais reduzido (42 centímetros de altura por 29 de largura) e duplicaram-se as páginas para oito¹¹⁶. Entre 1954 e 1969, o preço da assinatura normal subiu de 40\$00 para 50\$00¹¹⁷.

Pelo facto de estar à frente do jornal durante o conturbado período de 1959 a 1969, o diretor teve alguns problemas, nomeadamente pelo destaque dado pelo periódico a D. Florentino, quase se esquecendo o bispo exilado. O jornal acabou por dar lugar à *Voz Portucalense*, em janeiro de 1970, terminando o período em que Costa Maia esteve à frente do semanário diocesano¹¹⁸. Continuou, contudo, a colaborar com o novo jornal, enquanto a saúde lho permitiu, até à sua morte¹¹⁹.

3.3. Voz do pastor ou voz portucalense?

A passagem do periódico diocesano de *A Voz do Pastor* para *Voz Portucalense* pede-nos que consideremos vários aspetos. Poder-se-á pensar que a reconfiguração do jornal foi causada pelos desentendimentos que se geraram com o exílio e o regresso do bispo do Porto. Contudo, também sabemos que o jornal necessitava de uma nova linguagem, em concordância com a eclesiologia conciliar e o movimento de receção que

¹¹³ A REDAÇÃO – A Voz do Pastor, 3.

¹¹⁴ Cf. LOUREIRO, Joaquim Esteves – *Venda particular*. Declaração de venda da livraria Casa da Boa Imprensa. [Disponível no arquivo da Fundação Voz Portucalense].

¹¹⁵ Embora no cabeçalho, a partir desta data, o P. José de Oliveira Costa Júnior surja como administrador do jornal, sabemos que o seu nome era José de Oliveira Costa Maia. Foi nomeado, ainda em 1960, diretor da Casa da Boa Imprensa e administrador do jornal. Era irmão do P. Domingos de Oliveira Costa Maia, diretor de *A Voz do Pastor*. Cf. SACERDOTES diocesanos falecidos em 1982. *Igreja Portucalense*. 1ª série, 71 (1982) 40; *VPast.* (24 jun. 1961) 1.

¹¹⁶ Cf. *VPast.* (1962).

¹¹⁷ Cf. *VPast.* (1954-1969).

¹¹⁸ Cf. *VP.* (3 jan. 1970) 1.16.

¹¹⁹ Cf. PADRE Domingos, 38.

envolvia toda a diocese. Com a reestruturação do semanário portugalense pretendia-se essencialmente possibilitar não só aos pastores e ao bispo, mas também a todos os diocesanos terem uma voz viva e ativa naquele meio.

A 11 de novembro de 1969 era solicitada pelo P. Serafim de Sousa Ferreira e Silva aos Serviços de Censura a mudança do nome do semanário para *Voz Portugalense*. Por licença emanada pelos mesmos serviços, o semanário da diocese veio a receber aquele título¹²⁰. A escolha do novo nome teve em consideração a designação anterior. No novo jornal, porém, toda a Igreja do Porto se fazia notícia, não sendo o periódico apenas a voz que emanava da autoridade eclesiástica¹²¹. Declarou D. António Ferreira Gomes:

«Queremos ser a voz autêntica da Igreja portugalense, a voz desta Igreja Pós-conciliar, a qual, para ser realmente *sacramentum mundi*, sente que ser uma Igreja em diálogo, mais precisamente, como diria Schillebeeckx, uma “Igreja Sacramento do diálogo”. Queremos ser tudo isto e só isto: a voz da Igreja do Porto, da sua tradição e do seu futuro. Não queremos ser outro semanário, mas um semanário que seja outro. Seremos, pois, a *Voz Portugalense*»¹²².

Mais de 40 anos volvidos desde o seu aparecimento, a 22 de novembro de 1969, anunciava-se a substituição de *A Voz do Pastor* pela *Voz Portugalense*, numa linha de continuidade evolutiva¹²³. Pretendeu-se uma adaptação à dinâmica dos novos tempos, segundo o espírito do Vaticano II. Por isso, criaram-se novas secções e deu-se ao novo jornal uma apresentação mais moderna¹²⁴. O diretor do jornal, Domingos de Oliveira Costa Maia, no encerramento de *A Voz do Pastor* disse que desenvolveu o seu trabalho sempre em atitude de serviço e reconheceu que a identificação das limitações numa instituição era o princípio para o seu desenvolvimento¹²⁵.

O projeto da *Voz Portugalense* exigia uma nova equipa que o levasse por diante, constituída pelo P. Manuel Álvaro Vieira de Madureira, como diretor, e pelo P. Rui Osório¹²⁶, como chefe de redação.¹²⁷ Em outubro de 1970, regressa também, no quadro do espírito conciliar, o boletim diocesano, com o nome de *Igreja Portugalense*¹²⁸.

¹²⁰ PORTUGAL. Secretaria de Estado da Informação e do Turismo. Direção dos Serviços de Censura – Circular 963-S.C. 1969-11-12. [Disponível no arquivo da Fundação Voz Portugalense].

¹²¹ Cf. PORTO. Bispo, 1952-1982 (António Ferreira Gomes) – *Ser ou não ser...* VP. (3 jan. 1970) 1.16.

¹²² PORTO. Bispo, 1952-1982 (António Ferreira Gomes) – *Ser ou não ser*, 1. 16.

¹²³ Cf. “VOZ Portugalense” (“VP”) sucessora de “A Voz do Pastor”. Porto. *VPast* (22 nov. 1969) 1.

¹²⁴ Cf. “VOZ Portugalense”, 1.

¹²⁵ MAIA, Domingos de Oliveira Costa – Serviço. *VPast*. (27 dez. 1969) 1.4.

¹²⁶ Rui Osório (1940-2018) foi padre e jornalista da diocese do Porto, membro do cabido portugalense e pároco de S. João da Foz. Colaborou com o jornal *A Voz do Pastor* e foi um dos fundadores do jornal *Voz Portugalense*.

¹²⁷ Cf. “VOZ Portugalense”, 1.

¹²⁸ Cf. AZEVEDO – Diocese do Porto, p. 28.

Iniciava-se, assim, um tempo em que a voz não seria apenas a do pastor, mas a de todos os portugalenses.

4. Síntese conclusiva

O II Concílio do Vaticano trouxe à Igreja um novo posicionamento e uma nova abertura face ao mundo. Neste sentido, perceber o Concílio é entender que o mundo está em constante mudança e que a Igreja se teria de adaptar, não sendo a realização daquele acontecimento um mero desejo do papa, mas de toda a Igreja. A imagem de uma Igreja hierática e hostil a determinadas realidades tinha de dar lugar a outra, que gerasse aproximação e não separação. A evolução do pensamento teológico e o surgimento de diversos movimentos de renovação no interior da Igreja deixaram marcas profundas a que o magistério não poderia ficar indiferente. Todo o II Concílio do Vaticano se traduziu numa viragem na própria conceção de Igreja, concretizada numa redescoberta de um sentido de pastoral e de serviço, que há muito havia sido esquecido. Chegou-se a um tempo novo, que pôs em marcha uma reestruturação interna da Igreja não só ao nível da cúria romana, mas também no quotidiano de cada diocese, também na própria diocese do Porto.

Em Portugal, nos anos 60 vivia-se sob um regime ditatorial. A Igreja era um fator de unidade no seio do regime, mas ao mesmo tempo a sua ação estava limitada porque se encontrava sujeita a um forte controlo nas suas formas de ação e expressão. O caso de D. António Ferreira Gomes é o exemplo mais paradigmático dessa limitação de ação. Privado do governo da sua diocese, não a pôde guiar nas primeiras etapas de renovação conciliar. Deste modo, coube a D. Florentino a tarefa de introduzir a diocese naquele espírito, não sem encontrar resistências que se prendiam com a delicada situação em que se encontrava a Igreja do Porto. Apontamos algumas dificuldades no panorama do governo da diocese. Foram anos duros pautados por diversas contendas que envolveram estes dois bispos, mas de grande vitalidade para a diocese. Tal transparece na reorganização diocesana, no surgimento de novos movimentos, numa grande aposta na ação social e no apostolado laical. Com estes dados verificamos que a diocese não esmoreceu o seu dinamismo.

A Voz do Pastor, como órgão oficioso da diocese, pôde acompanhar grande parte dos acontecimentos que decorreram desde os anos 20 até aos finais dos anos 60. Era a

voz do bispo e dos restantes pastores. Começando com um propósito claro e com algumas dificuldades, poucos anos após a sua criação, alcançou o primeiro lugar entre os semanários religiosos mais lidos em Portugal. Cada um dos seus diretores inculuiu o seu próprio estilo, visível a quem desfolhar o jornal com um olhar atento, mas nunca esteve em causa a fidelidade original à voz do pastor, pelo menos antes do exílio. Quem lê este jornal não fica alheio a certas problemáticas relacionadas com os seus conteúdos. Sabemos que o jornal foi visado pela censura a partir dos primeiros anos, o que poderá ter influenciado certo tipo de artigos. Por fim, é notório que os conturbados anos de exílio do bispo, a fidelidade de *A Voz do Pastor* ao administrador apostólico e a renovação conciliar, estiveram na origem da sua reconfiguração e mudança de nome para *Voz Portucalense*.

CAPÍTULO II

O IMPACTO DO II CONCÍLIO DO VATICANO NO JORNAL *A VOZ DO PASTOR*

Anteriormente, contextualizámos o II Concílio do Vaticano nos seus traços mais gerais. Seguiu-se uma abordagem à vida da diocese do Porto nos anos 1959-1969 e ainda uma pequena síntese histórica sobre o jornal *A Voz do Pastor*. Regressados ao Vaticano II, chegou o momento de vermos como o acontecimento se fez repercutir ao longo de mais de 500 números do semanário da diocese do Porto, num arco temporal de cerca de uma década.

A leitura que agora desenvolvemos divide-se em três pontos principais, segundo uma ordem cronológica. Em primeiro lugar, apresentamos aquilo que de mais importante se disse acerca do anúncio, preparação e convocação do Concílio. Posteriormente, consideramos as quatro sessões conciliares, bem como alguns sinais de mudança. A partir de 1965, prestamos atenção ao modo como o jornal deu aso à receção do Concílio.

Mostrar o impacto conciliar através de centenas de referências jornalísticas não é tarefa fácil. Por vezes existiram informações avançadas num determinado momento, que depois acabaram por ser desmentidas. Grande parte dos acontecimentos só foram reportados bastante tempo após a sua ocorrência, daí a necessidade de encontrar uma ordem cronológica ou mesmo temática para esta exposição. Neste capítulo, refletimos sobre acompanhamento que *A Voz do Pastor* fez da receção das diretrizes conciliares. Atendemos, todavia, quanto possível a uma leitura mais global dos acontecimentos, focando-nos por vezes na realidade portuguesa. Restará dizer que não pretendemos fazer uma história do Concílio a partir de um jornal, mas lançar um olhar para dados concretos,

para se perceber o modo como aquele acontecimento foi retratado pelo periódico e quem escreveu sobre esta matéria.

1. Do anúncio à abertura dos trabalhos conciliares: um Concílio em preparação

Com João XXIII anunciavam-se mudanças que iriam reestruturar pastoralmente a Igreja Católica, dando-lhe um rosto mais fresco e uma linguagem mais adaptada a novos desafios. Era essencial preparar tudo para que o Concílio cumprisse os seus objetivos. Para tal foram necessários mais de três anos, que culminaram com a grande sessão inaugural.

Através das páginas de *A Voz do Pastor*, tivemos acesso aos desejos, às expectativas e às desilusões acerca daquilo que poderia trazer o Concílio. De um modo especial, focaram-se os momentos mais importantes na preparação e os primeiros avanços em ordem a um diálogo mais sério e capaz entre os cristãos. Inicialmente, a ideia que transparecia no jornal era que o Concílio se resumiria a aprovar os documentos previamente elaborados pelas comissões preparatórias. Estava em marcha um tempo novo em que a Igreja de todo o mundo era chamada a pronunciar-se. No jornal aumentava a preocupação de informar os leitores à medida que a abertura se aproximava.

Qual o interesse que o Concílio teve para o jornal, naqueles primeiros anos, e quais seriam algumas das suas fontes? Será que este acontecimento foi um tema recorrente, ocupando grande parte da mancha gráfica do jornal? De onde proveio a informação? Que assuntos mereceram maior destaque e interesse?

Dividimos esta análise em dois tempos, a saber: o que decorreu do anúncio à convocação do Concílio e o subsequente até à sua abertura.

1.1. Do anúncio à convocação do Concílio

Não se pode dizer que inicialmente o Concílio teve grande impacto no jornal. Num primeiro momento, os dados presentes em *A Voz do Pastor* foram muito escassos. A primeira referência surgiu no sábado, 31 de janeiro de 1959. João XXIII anunciara a convocação de um concílio ecuménico, cujo objetivo principal seria o regresso das Igrejas separadas à união com Roma. O anúncio decorreria no contexto do encerramento do oitavário pela unidade dos cristãos, realizado na semana anterior, a 25 de janeiro, na

Basílica de S. Paulo Extramuros. Estimava-se que o início dos trabalhos conciliares tivesse lugar em 1961¹²⁹.

Sabe-se que naquela altura começaram a surgir algumas confusões sobre o que viria a ser o Concílio. Como discorreu a reflexão de Costa Maia, diretor do jornal, não se trataria de um encontro para congregar todas as religiões numa só, nem reunir as cinco maiores religiões numa federação, pois proceder de tal modo seria renunciar às verdades da fé¹³⁰. Ficaria desde cedo claro que, para o jornal, o Concílio seria uma realidade diferente do expectável:

«Em conclusão: concessões no campo disciplinar – língua litúrgica, ritual, privilégios a determinados países ou comunidades cristãs, certas adaptações a costumes locais, orgânica das dioceses e até algumas facilidades para a integração do clero vindo do campo dissidente – sim, tal é possível»¹³¹.

Apercebemo-nos que era ultrapassada a ideia de que a reunião conciliar se resumiria, apenas, a unir os cristãos. Contudo, este não deixou de ser um tema recorrente, como demonstraram as notícias que se referiam a pronunciamentos da Igreja Ortodoxa, relativamente às intenções de João XXIII. Aqui surge-nos uma informação importante, pois a notícia sobre este assunto, cedida pelo jornal *Novidades*¹³², evidencia que algumas das informações avançadas pela *A Voz do Pastor* provinham de outras publicações¹³³. Até 1960, pouco mais temos acerca do Concílio. Apenas algumas palavras do papa¹³⁴ se repercutiram nas páginas do jornal, não se sabendo por onde chegou a informação.

A realização do Sínodo Romano, em 1960, trouxe à discussão algumas questões que mais tarde seriam alvo de estudo e reflexão. O semanário da diocese mostrou que o Sínodo teria como objetivo atualizar a disciplina eclesial e a pastoral da diocese de Roma, mas seriam algumas questões como o celibato¹³⁵ e o divórcio¹³⁶ que viriam a fazer manchete. Algumas das reflexões vincaram o posicionamento da Igreja perante certos assuntos. Apesar de grande expectativa, o jornal informou que não se tomaram as medidas tão desejadas pela opinião pública, pois não se resolveram as questões relativas ao

¹²⁹ Cf. O PAPA anunciou a convocação dum Concílio Ecuménico. *VPast.* (31 jan. 1959) 1.

¹³⁰ Cf. MAIA, C. – Poderá a Igreja renunciar a princípios doutrinais em ordem à unificação cristã?. *VPast.* (28 fev. 1959) 1.

¹³¹ MAIA, C. – Poderá a Igreja, 1.

¹³² Jornal diário *Novidades* (1885-1975). Fundado por Emídio Navarro, passou em 1923 a órgão oficial do Episcopado Português.

¹³³ Cf. A IGREJA Ortodoxa e o Concílio Ecuménico. *VPast.* (14 mar. 1959) 3. [Artigo cedido pelo jornal *Novidades*].

¹³⁴ Cf. PALAVRAS do Papa a propósito do Concílio Ecuménico. *VPast.* (22 ago. 1959) 1.

¹³⁵ Cf. MAIA, C. – “Igreja livre, casta e católica”... *VPast.* (9 fev. 1960) 1.3.

¹³⁶ Cf. ERMIDA – O Sínodo Romano não “modernizou” o casamento... *VPast.* (13 fev. 1960) 2.

divórcio e à sua liberalização, nem se aboliu o celibato dos padres. Pouco mais se falou no jornal acerca do Sínodo, apenas se apontaram alguns dos seus objetivos¹³⁷. Sabemos que algumas das informações chegaram por via direta de Roma, pela *Crónica de Roma* do P. Manuel Vieira Pinto¹³⁸, que desde 1959 se encontrava naquela cidade a colaborar com o Movimento para um Mundo Melhor¹³⁹. As restantes notícias foram redigidas pelo diretor do jornal, que chegava a usar pseudónimos, ou por outros autores desconhecidos¹⁴⁰. Destas últimas desconhecemos as fontes da informação.

Relativamente ao pensamento dos irmãos ortodoxos sobre o Concílio, em 1960, publicaram-se algumas notícias que relatavam sobretudo pronunciamentos que geraram polémica. Por vezes, houve necessidade de explicitação por parte da redação do jornal e de Costa Maia, sob pseudónimo de Visconde de Santo André. Tal ocorreu, por exemplo, quando o patriarca de Constantinopla afirmou que a Igreja Ortodoxa só participaria caso estivesse representada a Igreja Protestante. O Visconde de Santo André escreveu que o Concílio seria ecuménico, mesmo sem a presença das igrejas separadas. As igrejas Ortodoxa e Protestante estariam presentes na qualidade de observadoras ou como o papa desejasse. Acrescentou que a doutrina católica não poderia cair em desvios¹⁴¹.

De tempos a tempos iam surgindo alguns apontamentos sobre o Concílio, todos eles sem autoria. Apareceu a nota de que D. António Ferreira Gomes seria membro da Comissão Preparatória dos Estudos e Seminários¹⁴², citavam-se palavras do papa¹⁴³ e resumiu-se com bastante pormenor a visita do arcebispo anglicano de Cantuária ao papa em dezembro de 1960¹⁴⁴, bem como a criação de um secretariado, presidido pelo cardeal Bea, para tratar das questões ligadas ao diálogo ecuménico¹⁴⁵.

A partir de abril de 1961, saíram bastantes informações, que se podem sistematizar claramente em dois âmbitos: preparativos e funcionamento do Concílio; propostas e sugestões a serem estudadas e valorizadas¹⁴⁶. Citaram-se personalidades de relevo como

¹³⁷ Cf. PINTO, Vieira – *Crónica de Roma: Para um Mundo Melhor: O “ponto central” do Sínodo Romano*. *VPast.* (27 fev. 1960) 1.3.

¹³⁸ Bispo de Nampula (1967-1984) e arcebispo de Nampula (1984-2000).

¹³⁹ Cf. CRÓNICA de Roma: *Para um Mundo Melhor*. *VPast.* (22 ago. 1959) 1.3.

¹⁴⁰ ECOS do Sínodo Romano. *VPast.* (13 fev. 1960) 1.

¹⁴¹ Cf. VISCONDE DE SANTO ANDRÉ – A opinião do sector protestante acerca do papa João XXIII. *VPast.* (2 abr. 1960) 4.3; O PATRIARCA ortodoxo n.º 1, Atenágoras, é um grande paladino da unidade cristã. *VPast.* (30 jan. 1960) 2; O CHEFE da Igreja Ortodoxa quer, ou não quer, a unidade cristã?: Uma explicação. *VPast.* (7 mai. 1960) 1.3.

¹⁴² Cf. D. ANTÓNIO Ferreira Gomes. *VPast.* (5 nov. 1960) 1.

¹⁴³ Cf. A IGREJA está sempre à altura dos tempos!. *VPast.* (5 nov. 1960) 1.

¹⁴⁴ Cf. FOI cordial a entrevista do papa com o arcebispo anglicano de Cantuária. *VPast.* (10 dez. 1960) 1.

¹⁴⁵ Cf. OS IRMÃOS “dissidentes” interessam-se pelo Concílio Ecuménico. *VPast.* (11 fev. 1961) 1.

¹⁴⁶ Cf. OS NÃO-CATÓLICOS interessam-se pelo Concílio Ecuménico. *VPast.* (15 abr. 1961) 1.3.

o cardeal Koenig¹⁴⁷ e o P. Rouquette¹⁴⁸, que deu uma entrevista à edição francesa do *Mensageiro do Coração de Jesus*¹⁴⁹, entre outras referências ao Concílio¹⁵⁰. Várias ilusões e especulações se faziam sentir na opinião pública da época sobre o que estava para acontecer. O jornal ajudou o seu público a perceber, em primeiro lugar, o que era um concílio ecuménico¹⁵¹. Depois, demonstrou que algumas ideias poderiam resultar, no futuro, em decepção e revolta. A unidade dos cristãos seria um desses temas, pois não se conseguiria unir de uma só vez os cristãos, nem se pretendia criar uma conferência interconfessional, mas rever problemas internos da Igreja Católica¹⁵².

Caracterizamos esta fase como um tempo de grandes expectativas. Nos números até aqui analisados, o tema do Concílio não teve grande impacto no jornal, resumindo-se este a comentar um ou outro assunto e a dar relevo a alguns factos. De uma inicial confusão que teimava cingir o Concílio à temática da unidade dos cristãos, verificámos que os horizontes de reflexão se começaram a abrir a partir do Sínodo Romano. Fizeram-se bastantes especulações, que com o tempo se foram reformulando.

Verificámos que o jornal se socorria de outros periódicos. Não é possível, na maioria dos casos, determinar as fontes jornalísticas. Poder-se-á dizer que, à semelhança de Manuel Vieira Pinto, existiram outros contactos directos em Roma ou pode o jornal ter recorrido a outras fontes, usadas normalmente para falar de outras temáticas. As notícias publicadas sobre o Concílio são deveras escassas, não nos sendo possível estabelecer uma conclusão lógica acerca das fontes usadas.

O período seguinte oferecer-nos-á novos dados e evidenciará um maior impacto das temáticas conciliares no jornal.

¹⁴⁷ Cf. OS NÃO-CATÓLICOS, 1.3.

¹⁴⁸ Cf. O MUNDO olha para o Vaticano...: Curiosas sugestões para o Concílio Ecuménico. *VPast.* (22 abr. 1961) 1.3.

¹⁴⁹ Provavelmente esta será uma fonte do jornal: *Le messenger du Sacré-Cœur de Jésus* é o boletim mensal francês do Apostolado da Oração desde 1864.

¹⁵⁰ Cf. SUGESTÕES ao Concílio Ecuménico. *VPast.* (20 mai. 1961) 2; O MUNDO olha para o Vaticano..., 1.3; IGREJA CATÓLICA. Papa, 1958-1963 (João XXIII) – Sua Santidade pede ao mundo católico preces especiais pelo Concílio. *VPast.* (13 mai. 1961) 1.

¹⁵¹ Cf. O QUE NÃO é um concílio ecuménico. *VPast.* (27 mai. 1961) 1; O QUE É um concílio ecuménico. *VPast.* (3 jun. 1961) 1.

¹⁵² Cf. O CONCÍLIO não é uma conferência interconfessional. *VPast.* (1 jul. 1961) 7.4.

1.2. Da convocação à abertura dos trabalhos conciliares

Entre finais de 1961 e inícios de 1962, merece o destaque a convocação e marcação do início do Concílio. Não apurámos a proveniência das informações, algumas das quais bastante imprecisas e prematuras. Segundo o jornal indicou a 9 de dezembro de 1961, estava prestes a ser promulgada uma bula que convocaria o Concílio para o dia da Imaculada Conceição (8 de dezembro) do ano seguinte¹⁵³. Tal veio a efetivar-se no Natal¹⁵⁴, mas, contrariamente ao que fora avançado, a abertura conciliar foi marcada, posteriormente, para 11 de outubro de 1962, em recordação do Concílio de Éfeso. Antecipava-se também que o encontro duraria cerca de dois meses, uma vez que os trabalhos haviam sido organizados pelas comissões preparatórias¹⁵⁵. No entanto, as especulações criadas à volta deste tema foram muitas vezes precipitadas. O jornal terá recolhido informações de outras fontes e a redação ainda não havia compreendido que se projetava um Concílio completamente novo, até na forma de funcionamento. No meio de todas estas referências denota-se uma abordagem bastante popular dos assuntos.

Depois da convocação, o Concílio granjeou um maior interesse. No entanto, as notícias continuaram apenas a descrever a preparação e o que se iria passar, marcadas pelos factos ocorridos, como a chegada do cardeal Wiszynski, o único da Europa comunista, para a IV reunião da Comissão Preparatória, em meados de fevereiro¹⁵⁶. Poucos meses antes da abertura, foram novamente elencados alguns temas a tratar no Concílio¹⁵⁷. Nesta altura as comissões preparatórias já iam apresentando trabalho. Uma notícia sobre o funcionamento da Comissão Central Preparatória permite-nos conhecer mais uma fonte do jornal, no caso o *Diário Popular*¹⁵⁸, de que foi publicado um artigo¹⁵⁹. O recurso a este semanário lisboeta significa que havia grande seleção de textos, uma vez que o jornal não era de índole religiosa. Entretanto, Vieira Pinto deu novamente o seu contributo acerca da preparação do Concílio, com dados estatísticos sobre a proveniência dos padres conciliares¹⁶⁰.

¹⁵³ Cf. O CONCÍLIO Ecuménico abrirá no dia da Imaculada Conceição de 1962?. *VPast.* (9 dez. 1961) 1.

¹⁵⁴ Cf. O CONCÍLIO Ecuménico, esperança do mundo conturbado. *VPast.* (6 jan. 1962) 1.2.

¹⁵⁵ Cf. FOI marcada a data do Concílio Ecuménico: 11 de outubro de 1962. *VPast.* (10 fev. 1962) 1.3.

¹⁵⁶ Cf. DE SEMANA a semana: Do estrangeiro. *VPast.* (17 fev. 1962) 2.

¹⁵⁷ Cf. DE QUE VAI ocupar-se o Concílio Ecuménico?. *VPast.* (21 abr. 1962) 1.

¹⁵⁸ Jornal diário e vespertino lisboeta publicado entre 1942 e 1991.

¹⁵⁹ Cf. FARRAN, Jean – O que se diz acerca do Concílio Ecuménico. *VPast.* (28 abr. 1962) 1.3.

¹⁶⁰ Cf. PINTO, Vieira – Toda a Igreja em estado de Concílio. *VPast.* (26 mai. 1962) 1.3.

Com a proximidade da abertura, o Concílio era tema recorrente. Entre os assuntos tratados, destacamos a relação dos bispos portugueses com o Concílio¹⁶¹, os comentários do ambiente laico, bem como mudanças na liturgia, na doutrina da Igreja e a abertura ao diálogo inter-religioso¹⁶². Acentuava-se a preocupação sobre como tudo iria acontecer. Os assuntos mais badalados foram a presença das Igrejas separadas¹⁶³, as informações sobre os debates e a votação dos documentos¹⁶⁴, os preparativos para a solene abertura¹⁶⁵ e as presenças portuguesas¹⁶⁶. De acordo com o apurado, os grandes dinamizadores da preparação dos leigos para o Concílio, em Portugal, realçados pelo jornal, foram a Ação Católica e o Apostolado da Oração¹⁶⁷. Costa Maia referiu-se à celebração de abertura como a abertura das cortes gerais da Igreja¹⁶⁸, num pronunciamento um tanto conservador.

Finalmente, chegou o desejado dia da abertura. No número de 13 de outubro, dois dias depois da sessão inaugural, o periódico refere somente que «a solenidade inaugural do Concílio Vaticano II, na 5ª feira, atraiu as atenções do Orbe, impressionando católicos e não católicos. Além dos “Padres Conciliares” e demais intervenientes, assistiram luzidas representações de numerosos países. Um deslumbramento»¹⁶⁹. Só a 20 de outubro é que surgiram as reações àquela efeméride.

Terminamos a análise deste período na certeza de que o Concílio foi ganhando interesse à medida que o seu início se aproximava. Algumas referências chegaram através de textos cujo objetivo principal não era falar do assunto. As temáticas tratadas foram bastante diversas, porém com uma finalidade clara: preparar os leitores para possíveis mudanças que iriam ocorrer no seio da Igreja e que ultrapassariam ideias pré-

¹⁶¹ Cf. PORTUGAL. Episcopado Português – O Concílio não tem outro fim se não mostrar ao mundo actual o verdadeiro rosto da Igreja - afirmam os bispos de Portugal em pastoral colectiva. *VPast.* (14 jul. 1962) 1.3; (21 jul. 1962) 1.3.

¹⁶² Cf. A “NOVA” Igreja Católica...: Como o Concílio é visto pelos comentadores profanos. *VPast.* (28 jul. 1962) 1.3.

¹⁶³ Cf. AS IGREJAS separadas e o Concílio Ecuménico. *VPast.* (4 ago. 1962) 2; ASSISTIRÃO ao Concílio observadores de 12 comunidades não católicas. *VPast.* (29 set. 1962) 2.

¹⁶⁴ O CONCÍLIO não se ocupará de novas doutrinas. *VPast.* (15 set. 1962) 1; PROPOSTA ao Concílio sobre a reforma do calendário. *VPast.* (22 set. 1962) 1.3

¹⁶⁵ Cf. ULTIMAM-SE, na basílica de S. Pedro, os preparativos para o Concílio. *VPast.* (15 set. 1962) 4; SOLENÍSSIMO pontifical e gigantesca procissão de velas iniciarão o Concílio. *VPast.* (29 set. 1962) 1; MAIS BOMBAS na basílica de S. Pedro. *VPast.* (29 set. 1962) 1.3; O CONCÍLIO custará perto de 1 milhão de contos. *VPast.* (29 set. 1962) 4.

¹⁶⁶ Cf. DELEGAÇÃO portuguesa ao Concílio. *VPast.* (29 set. 1962) 2; HOSPEDAGEM dos prelados portugueses durante o Concílio. *VPast.* (29 set. 1962) 4.

¹⁶⁷ Cf. VELADA de oração na vigília do Concílio Ecuménico. *VPast.* (06 out. 1962) 2; CADEIA nacional de orações pelo Concílio. *VPast.* (13 out. 1962) 2; INTENÇÕES do Apostolado de Oração para outubro. *VPast.* (29 set. 1962) 3.

¹⁶⁸ Cf. MAIA, C. – Vão abrir as cortes gerais da Igreja. *VPast.* (6 out. 1962) 1.

¹⁶⁹ Cf. A ABERTURA do Concílio. *VPast.* (13 out. 1962) 3.

estabelecidas pela opinião pública. O Concílio foi, contudo, abordado como se consistisse apenas na sucessiva aprovação de documentos preparados previamente. O Sínodo Romano e as comissões preparatórias levaram a que no jornal se alargassem as perspectivas acerca de alguns problemas que necessitavam de serem revistos em Igreja.

A Voz do Pastor limitou-se por vezes a ser uma crónica de crónicas. Faltaram reflexões críticas. Devemos salientar que não chegámos a um claro conhecimento acerca da totalidade das fontes que o jornal usou para falar do período preparatório, mas é indubitável que o jornal não era original naquilo que apresentava. Tivemos acesso a algumas notícias que demonstram que a redação tinha em consideração notícias de outros periódicos, pertencentes à Igreja ou não, ou a informações que provinham diretamente de Roma. Percebemos assim o atraso de algumas notícias. Embora nunca tenhamos encontrado diretamente citado o jornal *L'Osservatore Romano*¹⁷⁰, é provável que tenha suportado as notícias do nosso periódico, atendendo à abundância da informação e ao facto de sabermos que foi usado noutros âmbitos¹⁷¹. A maior parte dos relatos não vinha assinada, apenas se destacando Costa Maia, por vezes sob pseudónimo, e Manuel Vieira Pinto como os autores mais recorrentes.

Convém agora perceber como é que o jornal olha a realização do Concílio.

2. O decurso do Concílio

Durante cerca de quatro anos, o jornal *A Voz do Pastor* procurou informar os seus leitores sobre o que se ia passando dentro das paredes da basílica de S. Pedro. As notícias que foram chegando ajudam-nos a acompanhar os primeiros passos da renovação da Igreja, a conhecer as dificuldades colocadas aos padres conciliares e a saber de algumas tomadas de posição da opinião pública sobre o que sucedia na ala conciliar.

Nem todos os assuntos foram abordados com a mesma profundidade. Na verdade, o principal interesse materializou-se na descrição de factos, como as aberturas ou encerramentos das sessões, a discussão e aprovação de documentos ou a intervenção de algumas figuras de relevo durante as sessões. No entanto, os leitores não deixaram de ser informados com uma linguagem simples e clara, do teor das discussões teológicas.

¹⁷⁰ *L'Osservatore Romano* é um órgão oficial da Santa Sé. O jornal é publicado na cidade do Vaticano desde 1861.

¹⁷¹ Cf. ADVERTÊNCIA do Santo Ofício sobre Teilhard de Chardin. *VPast.* (29 set. 1962) 2.

2.1. A primeira sessão conciliar

A abertura do II Concílio do Vaticano deu-se no dia 11 de outubro de 1962. O relato dos acontecimentos, contudo, só chegou à *A Voz do Pastor* com grande destaque a 20 de outubro¹⁷². Entre a descrição dos variados eventos, avançou-se o número total de participantes, entre os quais se salientaram os 38 portugueses¹⁷³, os delegados das confissões não católicas, incluindo seis Igrejas Ortodoxas¹⁷⁴. Também as informações sobre os temas a tratar ganharam importância com a referência à eleição dos membros das diversas comissões de trabalho¹⁷⁵. As nomeações de portugueses para estas comissões não ficaram esquecidas: o patriarca de Lisboa foi eleito para os estudos das missões; o bispo de Coimbra para a Comissão de trabalho sobre as escolas e os estudos católicos; o arcebispo de Évora para a Comissão que versou nos estudos acerca do clero e do povo cristão¹⁷⁶. O primeiro artigo de opinião em tempo conciliar é a *Nota da semana* de 20 de outubro, que fala acerca das missões e do ecumenismo¹⁷⁷.

Neste mesmo período, o esquema da liturgia começava a ser tratado pela Congregação Geral e a atrair a atenção do jornal¹⁷⁸. Seguiram-se outros temas como o sacramento do matrimónio¹⁷⁹, as fontes da revelação¹⁸⁰, os meios de comunicação social¹⁸¹, a Igreja e unidade¹⁸²:

«Têm sido salientadas as diferenças cada vez mais nítidas entre as circunstâncias da Igreja no passado e no presente. Insistiu-se no espírito de missão da Igreja e no carácter pastoral do apostolado, estudaram-se alguns aspetos relativos ao episcopado, aos leigos e à liberdade de consciência»¹⁸³.

A Voz do Pastor resumia o teor das discussões, mas não entrava numa abordagem crítica aos diversos assuntos. Sublinharam-se as intervenções de bispos portugueses, nomeadamente, o cardeal patriarca, o bispo de Portalegre e Castelo Branco, o bispo da

¹⁷² Cf. *VPast.* (20 out. 1962) 1-4.

¹⁷³ Cf. SÃO 38 os prelados portugueses no Concílio. *VPast.* (20 out. 1962) 1.

¹⁷⁴ Aqui contrariaram-se os dados avançados antes do Concílio sobre as presenças ortodoxas. Cf. DELEGADOS de 32 confissões não-católicas assistem ao Concílio. *VPast.* (20 out. 1962) 1.

¹⁷⁵ Cf. SÍNTESE das matérias de que o Concílio vai ocupar-se. *VPast.* (20 out. 1962) 2; INFORMAÇÕES do Concílio. *VPast.* (20 out. 1962) 2; PRINCIPIARAM os trabalhos conciliares sobre os esquemas propostos. *VPast.* (27 out. 1962) 2.

¹⁷⁶ Cf. INFORMAÇÕES do Concílio. *VPast.* (3 nov. 1962) 3.

¹⁷⁷ S. O. – Nota da Semana. *VPast.* (20 out. 1962) 2. Não se conseguiu identificar o nome do autor.

¹⁷⁸ Cf. PRINCIPIARAM os trabalhos, 2; PROSEGUEM com lentidão os trabalhos do Concílio. *VPast.* (10 nov. 1962) 1.3; OS TRABALHOS do Concílio. *VPast.* (17 nov. 1962) 1.3.

¹⁷⁹ Cf. O CONCÍLIO já se ocupou do casamento. *VPast.* (24 nov. 1962) 2.

¹⁸⁰ Cf. O CONCÍLIO entrou no II esquema: Fontes da revelação. *VPast.* (24 nov. 1962) 1.3.

¹⁸¹ Cf. O CONCÍLIO ocupou-se da imprensa, rádio, televisão e cinema. *VPast.* (1 dez. 1962) 1.3.

¹⁸² Cf. OS ÚLTIMOS trabalhos da primeira etapa do Concílio. *VPast.* (8 dez. 1962) 1.3.

¹⁸³ OS ÚLTIMOS trabalhos, 1.3.

Beira¹⁸⁴ e o bispo do Funchal¹⁸⁵. Uma notícia não assinada apontava que a data prevista de encerramento da primeira fase de trabalhos seria o dia 8 de dezembro de 1962¹⁸⁶, sendo que a segunda sessão teria lugar, não em janeiro, mas em maio do ano seguinte¹⁸⁷.

Com o decorrer dos trabalhos referentes à liturgia, o jornal começava a mudar um pouco o discurso¹⁸⁸. Previa-se que o Concílio iria necessitar de mais sessões, intercaladas por tempos de estudo, e percebia-se que os documentos preparatórios não iam ser aprovados como noutras ocasiões. A assembleia conciliar encerrou-se em 8 de dezembro, mas os trabalhos só recomençariam em setembro. Alguns consideravam que o Concílio se iria prolongar durante anos¹⁸⁹.

Quase nada possuímos quanto à origem de informações. Todavia existem alguns dados deveras interessantes. Tudo o que dizia respeito ao Concílio fazia notícia, como a cobertura da imprensa¹⁹⁰, o falecimento de bispos, as tensões nas alas conciliares, as conspirações, o ecumenismo, o diálogo inter-religioso, bem como comentários e petições político-associativos. Alguns assuntos foram comentados por Costa Maia¹⁹¹ em vários editoriais, por vezes sobre pseudónimo de Ermida¹⁹² e de Malho¹⁹³, e também por R. Wiltgen¹⁹⁴ e Maia Júnior nos seus *Instantâneos de Paris*¹⁹⁵. No número de 1 de dezembro, os leitores foram aconselhados a lerem os artigos do jornal *A Voz do Pastor*, do *Novidades* e alguns subsídios presentes na Casa da Boa Imprensa acerca do Concílio¹⁹⁶.

Após a primeira sessão, pouco se falou sobre o Concílio Ecuménico, se considerarmos os inúmeros artigos publicados entre outubro e dezembro. Por altura da proclamação de João XXIII como homem do ano de 1962, o jornal recorreu a um artigo do semanário *Time*¹⁹⁷, que se referia deste modo ao Concílio:

¹⁸⁴ Cf. INFORMAÇÕES, 3.

¹⁸⁵ Cf. O CONCÍLIO entrou no II esquema, 1.3.

¹⁸⁶ Cf. PROSSEGUEM com lentidão, 2.

¹⁸⁷ Cf. OS TRABALHOS do Concílio: Concluiu-se o debate sobre a liturgia. *VPast.* (17 nov. 1962) 1.3.

¹⁸⁸ Cf. OS TRABALHOS do Concílio, 1.3.

¹⁸⁹ Cf. ENCERRAMENTO da primeira fase do Concílio. *VPast.* (15 dez. 1962) 1; OS TRABALHOS do Concílio. *VPast.* (17 nov. 1962) 3; DISCURSO do papa. *VPast.* (15 dez. 1962) 1.4.

¹⁹⁰ Cf. WILTGEN, Ralph – A imprensa mundial dá ampla colaboração ao Concílio Ecuménico. *VPast.* (20 out. 1962) [4].

¹⁹¹ Cf. MAIA, C. – Um tema crucial para o Concílio: a conquista do mundo para o Reino de Cristo. *VPast.* (27 set. 1962) 2; MAIA, C. – Música negra e liturgia mais universal. *VPast.* (3 nov. 1962) 1.3.

¹⁹² Cf. ERMIDA – Feira dos disparates. *VPast.* (22 dez. 1962) 8.

¹⁹³ Cf. MALHO – O demónio é tendeiro... *VPast.* (27 set. 1962) 2.

¹⁹⁴ Missionário do Verbo Divino. Cf. WILTGEN – A imprensa mundial, [4].

¹⁹⁵ Trata-se de José de Oliveira Costa Maia, que entre 1962 e 1964 frequentou o Instituto Superior de Pastoral Catequética, de Paris. Cf. SACERDOTES diocesanos falecidos em 1982, 40; JÚNIOR, Maia – Instantâneos de Paris. *VPast.* (24 de nov. 1962) 1.3.

¹⁹⁶ Cf. O CHEFE dos comunistas italianos é um grande “admirador” do Concílio. *VPast.* (1 dez. 1962) 4.

¹⁹⁷ A revista *Time* foi fundada nos E.U.A. em 1923 e é um semanário de atualidade mundial. Para além da edição americana, conta ainda com outras edições como, por exemplo, a europeia.

«Foi o começo da revolução da cristandade animada pela fé de 900 milhões de fiéis que constituem a religião mais importante do mundo. Este começo deve-se ao homem do ano, o Papa João XXIII, que convocando o Concílio Ecuménico Vaticano II, deu impulso a ideias que influenciarão não só os católicos romanos, não só os cristãos, mas também toda a população crescente do mundo inteiro...»¹⁹⁸.

Publicaram-se alguns artigos de opinião acerca da unidade, como o do Bispo de Bruges¹⁹⁹, o de Maia Júnior²⁰⁰, ou o de Elói de Pinho²⁰¹. Novamente, o jornal *Novidades* serviu de fonte para um outro artigo acerca de dois memorandos enviados aos padres conciliares, comprovando que aquele jornal era seguido com rigor²⁰². O público já estaria a estranhar a falta de informações provenientes de Roma, como demonstra um pronunciamento de Costa Maia. O diretor do jornal explicava aos leitores que o Concílio não estava suspenso nem resultara num fracasso, como alguns afirmavam. Os trabalhos continuavam em marcha, realizando-se em silêncio, enquanto se preparava a próxima sessão e se analisava o que se havia feito. Alertava que as dioceses não podiam ficar tanto tempo sem os seus prelados. A seu tempo, observar-se-iam os frutos²⁰³.

Nos meses seguintes apontaram-se alguns dados dignos de referência, como a publicação da *Pacem in Terris*, a morte de João XXIII²⁰⁴, a eleição de Paulo VI²⁰⁵, ou informações acerca da segunda sessão conciliar²⁰⁶. Também foi dado espaço à nota do Episcopado Português, na referência que fez ao Concílio²⁰⁷, e ao comentário de Costa Maia sobre os temas centrais da magna reunião²⁰⁸, entre os poucos factos que se verificaram por esta altura. Estas referências de Domingos de Oliveira Costa Maia começaram a impor um ritmo à visão do jornal sobre Concílio. A sua postura é

¹⁹⁸ O PAPA João XXIII proclamado o “homem do ano” de 1962. *VPast.* (12 jan. 1963) 8.

¹⁹⁹ Cf. BRUGES. Bispo, 1952-1984 (Emiel-Jozef De Smedt) – Tempos novos, novos métodos!: Verdadeira natureza do diálogo ecuménico. *VPast.* (19 jan. 1963) 1.6.

²⁰⁰ Cf. JÚNIOR, Maia – Instantâneos de Paris: “Como vai por aí o caminho do progresso do ecumenismo?”. *VPast.* (9 fev. 1963) 5.

²⁰¹ Cf. PINHO, Elói – Caminho da unidade. *VPast.* (20 jul. 1963) 1.

²⁰² Cf. OS DOIS “memorandos” enviados ao Concílio pelos terroristas angolanos. *VPast.* (26 jan. 1963) 1.5.

²⁰³ Cf. MAIA, C. – Quem fala em fracasso?: O Concílio não está suspenso: trabalha em silêncio. *VPast.* (9 mar. 1963) 1.6.

²⁰⁴ Cf. A PAZ, aspiração profunda dos homens de todos os tempos, só pode assentar na ordem estabelecida por Deus: Resumo da encíclica “Pacem in Terris”. *VPast.* (20 abr. 1963) 1.4.

²⁰⁵ Cf. CRISTO revive em Paulo VI. *VPast.* (29 jun. 1963) 1.3.

²⁰⁶ Cf. ORIENTAÇÕES do papa para a segunda sessão do Concílio. *VPast.* (21 set. 1963) 4; O PAPA simplificou as cerimónias da reabertura do Concílio. *VPast.* (28 set. 1963) 4; MAIS IGREJAS que aceitaram o convite para o Concílio. *VPast.* (21 set. 1963) 3; IMPORTANTES reformas na cúria romana: Anuncia Paulo VI. *VPast.* (28 set. 1963) 4.

²⁰⁷ Cf. PORTUGAL. Episcopado Português – Nota do Episcopado Português sobre três grandes acontecimentos do ano. *VPast.* (11 mai. 1963) 5.

²⁰⁸ Cf. MAIA, C. – Na véspera do Vaticano II...: O Concílio, sinfonia sobre três temas. *VPast.* (28 set. 1963) 1; OS TRABALHOS do Concílio. *VPast.* (16 nov. 1963) 1.4.

notoriamente fiel ao magistério, não arriscando nas afirmações que faz e criticando posições menos favoráveis ao Concílio ou ao que ele pensa. Os restantes artigos seguem esta linha.

2.2. A segunda sessão conciliar

Sob a presidência de Paulo VI, a segunda sessão teve o seu início em 29 de setembro de 1963. O impacto do Concílio no jornal foi muito semelhante ao da sessão anterior. Reproduziram-se palavras do papa²⁰⁹, foi dada atenção a pormenores dos diversos encontros e do estado dos trabalhos²¹⁰, e previram-se algumas datas para o final da segunda sessão, bem como a necessidade de uma terceira.

O semanário deu particular relevo a intervenções portuguesas. Segundo *A Voz do Pastor*, o arcebispo de Lourenço Marques falou em nome dos bispos portugueses manifestando-se contra a colegialidade autónoma dos bispos e contra a restauração do diaconado como um grau independente do sacramento da ordem²¹¹. Porém, dias mais tarde, a notícia foi desmentida, afirmando-se que o mesmo não falara em nome do Episcopado²¹². Encontra-se aqui uma pequena tensão reveladora de falhas na fundamentação das notícias, mas também se percebe que existia uma preocupação em restabelecer a verdade. São, da mesma forma, reportadas intervenções conciliares de relevo como as do cardeal Ottaviani e do monsenhor Tchidimbo, da Guiné²¹³, de D. António Ferreira Gomes²¹⁴, do cardeal Cerejeira e de D. Sebastião Soares de Resende²¹⁵. É de salientar que as referências à participação de D. António Ferreira Gomes no Concílio constituem escassos testemunhos da sua vivência em tempos de exílio, registados no semanário diocesano.

Os trabalhos da segunda sessão terminaram a 2 de dezembro, com a 79ª Congregação Geral, na qual se tratou essencialmente do tema do ecumenismo. *A Voz do*

²⁰⁹ Cf. DISCURSO do santo padre na inauguração da segunda sessão do Concílio Ecuménico. *VPast.* (5 out. 1963) 1.6.

²¹⁰ Cf. COMO DECORREM os trabalhos do Concílio. *VPast.* (12 out. 1963) 1; O CONCÍLIO Ecuménico: 5 votações aceitando a colegialidade dos bispos e a restauração do diaconado. *VPast.* (9 nov. 1963) 2; OS ÁRABES reagem contra a posição do Concílio para com os judeus. *VPast.* (23 nov. 1963) 10; O PROBLEMA do “ecumenismo” começou a ser debatido no Concílio. *VPast.* (23 nov. 1963) 10; AS MULHERES pedem um lugar no Concílio. *VPast.* (23 nov. 1963) 8.

²¹¹ Cf. OS TRABALHOS do Concílio Ecuménico. *VPast.* (19 out. 1963) 3.

²¹² Cf. O EPISCOPADO Português no Concílio: Esclarecimento. *VPast.* (9 nov. 1963) 1.

²¹³ Cf. CONTINUA a livre discussão no Concílio Ecuménico. *VPast.* (26 out. 1963) 1.6.

²¹⁴ Cf. OS TRABALHOS do Concílio, 1.

²¹⁵ Cf. INTERVENÇÕES portuguesas no Concílio. *VPast.* (9 nov. 1963) 4.

Pastor fez um resumo dos trabalhos, da aprovação dos documentos e revelou acontecimentos futuros. Previam-se duas outras sessões, uma em 1964 e outra em 1965²¹⁶. Entre outubro e dezembro, destacaram-se artigos de opinião destinados a comentar temas da atualidade, atribuídos a Costa Maia²¹⁷, a Maia Júnior²¹⁸, ao Visconde de Santo André²¹⁹ e a José Sousa²²⁰. A posição do jornal, um tanto moderada, contrastava com algumas opiniões mais críticas acerca do que se vivia na ala conciliar, como acabam por demonstrar estes artigos. Aqui e noutros contextos, defendia as orientações do magistério através da ridicularização das outras formas de pensamento.

Nos tempos que se seguiram, o Concílio mereceu pouca atenção se considerarmos que já haviam sido promulgados documentos. Sobre a unidade mereceu destaque o encontro histórico entre o papa e o patriarca ortodoxo, Atenágoras, em Jerusalém²²¹ e o anúncio da criação do Secretariado para as Religiões Não Cristãs²²². Vieram também a público dois artigos sobre este assunto, um de Costa Maia e outro de Zacarias de Oliveira²²³. A referência ao *motu proprio* do papa, para pôr em marcha a aplicação da *Sacrosanctum Concilium*²²⁴, gerou alguma atenção. Apresentaram-se os números 109 e 110 daquela Constituição para uma vivência quaresmal mais aprofundada²²⁵, reproduziu-se a nota do Episcopado Português sobre o tema e esclarecimentos sobre as inovações litúrgicas, num ambiente em que iam surgindo algumas reações menos favoráveis²²⁶. Malho e “X”²²⁷ pronunciam-se sobre questões agitadas à volta da reforma da Igreja²²⁸. A

²¹⁶ Cf. ENCERROU-SE a segunda fase do Concílio Ecuménico. *VPast.* (7 dez. 1963) 1.5.

²¹⁷ Cf. MAIA, C. – Os leigos não são “filhos menores” na família de Deus. *VPast.* (23 nov. 1963) 1.3; MAIA, C. – Um Concílio para “Cristãos Adultos”: Um sopro do Espírito renovará a face da terra... *VPast.* (30 nov. 1963) 1.3.

²¹⁸ Cf. JÚNIOR, Maia – Instantâneos de Paris: Ventos de febre no Concílio... *VPast.* (23 nov. 1963) 4.

²¹⁹ Cf. VISCONDE DE ST.º ANDRÉ - O problema do celibato eclesiástico: Ex pastor protestante, hoje padre católico, com mulher e filhos. *VPast.* (16 nov. 1963) 1.6.

²²⁰ Cf. SOUSA, José – Existem ou não existem “esquerdas” e “direitas” no Concílio?. *VPast.* (7 dez. 1963) 1.5.

²²¹ Cf. O ENCONTRO entre Paulo VI e o Patriarca Atenágoras. *VPast.* (11 jan. 1964) 1.8.

²²² Cf. A IGREJA em diálogo com todos os homens: Paulo VI fundou um secretariado para os não-cristãos. *VPast.* (23 mai. 1964) 1.5.

²²³ Cf. MAIA, C. – Laudamus te!: Ventos da História soprando em novos rumos... *VPast.* (19 jan. 1964) 1.6; COMISSÃO mista para estudar o problema da união entre as Igrejas Católica e Ortodoxa? *VPast.* (8 fev. 1964) 1; OLIVEIRA, Zacarias de – Em busca da unidade: Uma benéfica reviravolta no apostolado. *VPast.* (4 abr. 1964) 1.6.

²²⁴ Cf. O “MOTU próprio” sobre a reforma litúrgica. *VPast.* (8 fev. 1964) 4.

²²⁵ Cf. IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – Const. Conc. Sacrosanctum Concilium, n. 109-110. A QUARESMA e o Concílio. *VPast.* (15 fev. 1964) 5.

²²⁶ Cf. PORTUGAL. Episcopado Português – Constituição sobre a sagrada liturgia: Nota do Episcopado da Metrópole. *VPast.* (22 fev. 1964) 1.3.

²²⁷ Autor não identificado.

²²⁸ Cf. MALHO – O demónio é tendeiro... e também está empenhado na “reforma” da Igreja. *VPast.* (21 mar. 1964) 8; X. – Questões agitadas em volta do Concílio Ecuménico: Receios pueris e infundados... *VPast.* (25 jan. 1964) 5.

intervenção do diretor do jornal foi compreensivelmente marcante na abordagem do Concílio. A sua intervenção não se ficará por aqui, como mostram as sessões seguintes.

2.3. A terceira sessão conciliar

Na terceira sessão, o jornal manteve uma atenção constante no que dizia respeito ao andamento do Concílio. Descreveu-se, novamente, as celebrações que marcaram os inícios dos trabalhos²²⁹, apontou-se as participações portuguesas²³⁰ e aludiu ao discurso do papa²³¹. Como aconteceu noutras ocasiões, procurou dar a conhecer o avanço dos trabalhos com artigos que não estão assinados²³². Conhecem-se alguns contributos assinados de monsenhor Sigismondi²³³, C. Maia²³⁴, Malho²³⁵ e Dom Ermida²³⁶. Na *Nota da Semana* de 14 de novembro, aparece-nos um autor já citado, “S. O.”, que diz o seguinte:

«Outra vez e muitas mais. O Concílio é a grande realidade atual das Igreja, com uma importância capital não só em si, mas também nas consequências futuras. Não se dá uma reviravolta na Igreja, como ela se reconhecesse errada em sua missão histórica: procura-se apenas a missionação do homem actual, com problemas actuais»²³⁷.

Apesar de inicialmente o jornal dizer aos leitores que o Concílio poderia encerrar naquela sessão, tal não se veio a efetivar. Foram debatidos 13 esquemas, mas apenas se aprovaram três documentos sobre a Igreja, o ecumenismo e as Igrejas orientais²³⁸. Referiu o jornal:

²²⁹ Cf. ABERTURA da 3.^a fase do Concílio Ecuménico “Vaticano II”. *VPast.* (19 set. 1964) 1.2.

²³⁰ Cf. NOTAS sobre a 3.^a fase do Concílio Vaticano II. *VPast.* (19 set. 1964) 5.

²³¹ Cf. SOOU a hora histórica em que a Igreja tem de dar de si própria o testemunho daquilo que Cristo quis e desejou que ela fosse: Afirmou sua santidade Paulo VI na cerimónia inaugural da terceira sessão do Vaticano II. *VPast.* (19 set. 1964) 1.3.

²³² Cf. NOTAS sobre a 3.^a fase do Concílio Vaticano II. *VPast.* (19 set. 1964) 5; CURIOSIDADES da assembleia conciliar. *VPast.* (26 set. 1964) 1,3; OS TRABALHOS do Concílio Ecuménico: Foram apresentados 7 esquemas. *VPast.* (3 out. 1964) 1.3; O CONCÍLIO restaurou o diaconado permanente, extensivo a homens casados. *VPast.* (3 out. 1964) 2; TEMAS debatidos no Concílio Ecuménico. *VPast.* (10 out. 1964) 1.5.8.

²³³ Apresentado como Presidente das Obras Missionárias Pontifícias, ocupava nesta altura o cargo de secretário. Cf. SIGISMONDI, Pedro – Dois biliões de homens que não conhecem Deus “como Pai”!. *VPast.* (17 out. 1964) 1.4.

²³⁴ Cf. MAIA, C. – A hora é dos leigos?: Três “descobertas” no campo laical da Igreja. *VPast.* (31 out. 1964) 1.5.

²³⁵ Cf. MALHO – O demónio é tendeiro...: ... E inspira barbaridades a propósito do Concílio!. *VPast.* (28 nov. 1964) 8.

²³⁶ Cf. DOM ERMIDA – As “reações em cadeia” dos muçulmanos e ortodoxos contra o Concílio. *VPast.* (5 dez. 1964) 5.

²³⁷ S. O. – Nota da semana: Outra vez o Concílio. *VPast.* (14 nov. 1964) 5.

²³⁸ Cf. BALANÇO da 3.^a fase do Vaticano II. *VPast.* (28 nov. 1964) 4.

«A quarta sessão, que ainda não se sabe quando será convocada, deverá ter a missão muito menos pesada que a que termina agora. Só ficam para discussão dois esquemas curtos (padres e missões), além da declaração sobre a liberdade religiosa. Deverá, portanto, tratar-se, para os padres conciliares, mais de votar definitivamente os textos apresentados, que da discussão dos mesmos»²³⁹.

Contrariamente ao que aconteceu nos períodos anteriores, depois da terceira sessão surgiram bastantes notícias alusivas ao Concílio. Artigos relacionados com o diálogo ecuménico apontavam os primeiros passos no caminho de aproximação entre católicos e os irmãos separados. A falta de diálogo era vista com alguma mágoa. Também começavam a chegar as primeiras reações ao pedido de desculpa do papa e do Concílio pelos danos causados pela Igreja Católica às Igrejas separadas, bem como alguns protestos relativos a questões marianas e sobre a liberdade religiosa²⁴⁰.

As reformas ganhavam visibilidade em *A Voz do Pastor*, principalmente as da liturgia²⁴¹. Resumiram-se ou publicaram-se textos provenientes da Conferência Episcopal e da Santa Sé que davam conta destas mesmas matérias²⁴². Os artigos de opinião deram relevo a um grande despertar da consciência eclesial e de um sentido ecuménico. Rui Osório, Mário de Oliveira, Malho e Costa Maia foram os que mais contribuíram neste tempo²⁴³. Percebemos o interesse no decurso da discussão pelos temas do ecumenismo e da Igreja. Não deixa de ser interessante o reconhecimento do jornal de que os católicos também tiveram culpas na questão da separação.

²³⁹ BALANÇO da 3.^a fase, 4.

²⁴⁰ Cf. A RELÍQUIA de S. André foi recebida “em glória” pela Grécia. *VPast.* (3 out. 1964) 1.4; AS ESPOSAS dos observadores não católicos foram recebidas pelo papa. *VPast.* (24 out. 1964) 3; CINCO ex-ministros protestantes ordenados com dispensa do celibato. *VPast.* (10 out. 1964) 3; ALGUNS protestantes pedem perdão aos católicos. *VPast.* (10 out. 1964) 3; ALGUNS protestantes desapontados com o Concílio... *VPast.* (12 dez. 1964) 8.

²⁴¹ Cf. REAÇÕES sobre a reforma litúrgica. *VPast.* (27 fev. 1965) 3; FALA o papa. *VPast.* Porto. (27 mar. 1965) 4; O PAPA censurou ásperamente os críticos e derrotistas para os quais “tudo está mal” na Igreja. *VPast.* (10 abr. 1965) 1.2; POR MOTIVO do mês de Maria: Paulo VI publicou a sua segunda encíclica. *VPast.* (8 mai. 1965) 1; PARA breve a reforma da cúria romana? *VPast.* (19 jun. 1965) 1.

²⁴² Cf. PORTUGAL. Episcopado Português da Metrópole – Nota pastoral do Episcopado da Metrópole sobre o Concílio Ecuménico. *VPast.* (14 ago. 1965) 1.5.6; A RENOVAÇÃO litúrgica. *VPast.* (21 ago. 1965) 1.5; A REFORMA litúrgica através do mundo. *VPast.* (28 ago. 1965) 1.5.

²⁴³ Cf. OSÓRIO, Rui – Consciência eclesial. *VPast.* (21 ago. 1965) 1; OSÓRIO, Rui – Tema actual: - Ecumenismo. *VPast.* (3 jul. 1965) 1; OLIVEIRA, Mário – Ecos da Semana pró-união cristã: Unidade na caridade. *VPast.* (13 fev. 1965) 4; MALHO – O demónio é tendeiro...: ... E teima em apresentar o Concílio como um estádio de futebol! *VPast.* (30 jan. 1965) 8; MAIA, C. – Um escândalo que se arrasta: a desunião dos cristãos: o que nos pede a Semana da Unidade. *VPast.* (16 jan. 1965) 1.3; MAIA, C. – Também há-de partir dos católicos o movimento de reconciliação ecuménica. *VPast.* (30 jan. 1965) 1.3; MAIA, C. – A propósito do ecumenismo: Como os ocidentais têm culpas tremendas na separação. *VPast.* (24 jul. 1965) 1.5.

2.4. A quarta sessão conciliar

Aproximava-se a abertura da quarta sessão do Concílio Ecuménico, vista com interesse por se esperarem documentos de suma importância para a vida da Igreja²⁴⁴. A 14 de setembro de 1965, ocorreu a solene abertura, na qual se anunciou o estabelecimento de um Sínodo Episcopal, em que tomariam parte vários bispos nomeados pelas conferências episcopais. A *Apostolica Solitudine* estabelecia que o Sínodo só se realizaria sob convocação do papa, a quem cabia também deliberar os temas e os trabalhos a desenvolver²⁴⁵.

A leitura do jornal levava novamente o leitor a entrar em contacto com o resumo dos acontecimentos e dos temas tratados²⁴⁶. Previa-se que os textos concluídos em Congregação Geral fossem aprovados a 1 de novembro e que o encerramento do Concílio fosse antes do Natal²⁴⁷. Salientaram-se outras notícias, nomeadamente a afirmação de que as diretrizes conciliares sobre os leigos seriam como uma nova responsabilidade e revigoramento para a Acção Católica²⁴⁸, tal como o pedido de criação de um secretariado na cúria para tratar da questão da pobreza²⁴⁹ e a intervenção do bispo da Beira, Sebastião Soares de Resende, nas discussões sobre os sacerdotes²⁵⁰. Alguns padres conciliares manifestaram o desejo de que João XXIII fosse canonizado²⁵¹ e consideravam Paulo VI um gerador de consensos²⁵².

Na última sessão do Concílio, a atenção de *A Voz do Pastor* centrou-se nas votações finais da maior parte dos documentos. A 28 de outubro foram promulgados cinco documentos²⁵³. O esquema sobre a revelação foi aprovado quase por unanimidade. O texto resultante do esquema da liberdade religiosa tinha de ser retocado, tendo em conta os pedidos de emenda. Estes dois documentos, juntamente com o decreto sobre o

²⁴⁴ Cf. A PRÓXIMA e última abertura do Concílio Ecuménico será a de maior interesse e importância. *VPast.* (28 ago. 1965) 5; NAS VÉSPERAS da 4.ª sessão do 2.º Concílio Ecuménico do Vaticano, sua santidade pede a colaboração de todos e a oração permanente da Igreja. *VPast.* (11 set. 1965) 1.4.

²⁴⁵ Retomaremos este assunto mais à frente. Cf. PAULO VI abriu a 4.ª e última sessão do Concílio Ecuménico. *VPast.* (18 set. 1965) 1.6; EM VOLTA do 2.º Concílio do Vaticano. *VPast.* (25 set. 1965) 1.4.

²⁴⁶ Cf. O CONCÍLIO aprovou o princípio da liberdade de consciência. *VPast.* (25 set. 1965) 5; EM VOLTA do 2.º Concílio do Vaticano. *VPast.* (25 set. 1965) 4.

²⁴⁷ Cf. OS TRABALHOS do Concílio. *VPast.* (9 out. 1965) 2.

²⁴⁸ Cf. A. S. – A responsabilidade da A. C. nesta hora. *VPast.* (30 out. 1965) 1.5.

²⁴⁹ Cf. PEDIDA a criação dum secretariado da cúria romana para combater a pobreza. *VPast.* (30 out. 1965) 2.

²⁵⁰ Cf. OS TRABALHOS do Concílio públicos e privados. *VPast.* (23 out. 1965) 3.

²⁵¹ Cf. O PAPA João XXIII será canonizado durante o Concílio?. *VPast.* (25 set. 1965) 5.

²⁵² Cf. NA TRIBUNA das Nações Unidas, o Papa dirige aos povos e aos seus chefes um dramático apelo em favor da paz e da colaboração mútua. *VPast.* (9 out. 1965) 1.4; OS TRABALHOS do Concílio. *VPast.* (9 out. 1965) 2; II Concílio do Vaticano. *VPast.* (9 out. 1965) 3.

²⁵³ Cf. DOCUMENTOS promulgados pelo Concílio em 28 de outubro. *VPast.* (6 nov. 1965) 1.

apostolado dos leigos, segundo o jornal, estariam prontos para serem votados a 11 de novembro²⁵⁴, prevendo-se o encerramento do Concílio para 8 de dezembro, como veio a ocorrer. Antes, haveria duas sessões públicas para promulgar os documentos em falta, uma a 18 de novembro e outra a 7 de dezembro²⁵⁵. Apesar daquilo que havia sido dito, no dia 18 de novembro, só foram aprovados dois documentos: o do apostolado dos leigos e o da revelação. Ficou também para aprovação no dia 7 de dezembro o decreto sobre a liberdade religiosa²⁵⁶.

Quase no fim da sessão, apareceram mais comentários: Costa Maia falou sobre como seriam os padres de 1980, a partir de um artigo do bispo de Annecy, publicado no jornal católico parisiense *La Croix*²⁵⁷; Malho revelou algumas notícias falsas²⁵⁸; Francisco Babo, no rescaldo do decreto sobre os seminários, refletiu um pouco sobre a imagem do sacerdote, saída do Concílio, tentando ridicularizar a ideia de que o padre tinha de ser como o mundo queria²⁵⁹. Também o Episcopado Português da Metrópole redigiu uma nota acerca do encerramento, transcrita pela *A Voz do Pastor* como noutras ocasiões²⁶⁰. Outros relatos marcaram as memórias destes dias: os bispos portugueses foram recebidos pelo papa na sala clementina²⁶¹; os padres conciliares, auditores e observadores do Concílio foram recebidos por Saragat, presidente da República Italiana²⁶²; um budista japonês e um muçulmano também tiveram lugar como observadores na última fase²⁶³. É notório que o Concílio, por aquela altura, ocupava grande parte da mancha gráfica do jornal.

Finalmente, surgiram os dados dos últimos dias do Concílio, entre os números de 11 e 25 de dezembro. Na última sessão pública, a 7 de dezembro, foram promulgados os últimos documentos, contabilizando-se um total de 16 aprovados ao longo de quatro anos de trabalhos. Aquele dia 7 ficou marcado, também, pela primeira celebração ecuménica

²⁵⁴ Cf. A HORA do Espírito Santo!: Os padres do Concílio votam os textos que representam 4 anos de esforço. *VPast.* (6 nov. 1965) 1.4.

²⁵⁵ Cf. OS ÚLTIMOS trabalhos e o encerramento do Concílio. *VPast.* (6 nov. 1965) 1,6; OS TRABALHOS do Concílio. *VPast.* (20 nov. 1965) 1.6.

²⁵⁶ Cf. PELA PRIMEIRA vez, simples sacerdotes concelebraram com o papa. *VPast.* (27 nov. 1965) 4.

²⁵⁷ MAIA, C. – A propósito dum decreto conciliar: Como serão os padres de 1980?. *VPast.* (13 nov. 1965) 4.5.

²⁵⁸ MALHO – O demónio é tendeiro...: ... E tentou fazer embaralhações fantásticas em volta do Concílio!. *VPast.* (20 nov. 1965) 8.

²⁵⁹ Cf. BABO, Francisco de – Toca a reunir...: O padre como o mundo quer. *VPast.* (20 nov. 1965) 5.6.

²⁶⁰ Cf. PORTUGAL. Episcopado Português da Metrópole – Nota do Episcopado Português da Metrópole sobre o encerramento do Concílio. *VPast.* (27 nov. 1965) 1.5.

²⁶¹ Cf. PALAVRAS do santo padre aos bispos portugueses. *VPast.* (4 dez. 1965) 1.

²⁶² Cf. PROGRAMA geral do encerramento do Concílio. *VPast.* (4 dez. 1965) 3.

²⁶³ A informação é posterior ao encerramento. Cf. UM BUDISTA e um muçulmano, hóspedes do Concílio. *VPast.* (8 jan. 1966) 8.

presidida por um papa, pelo levantamento da excomunhão que havia separado durante séculos a Igreja Ocidental e Oriental, e pela promulgação da bula *Mirificus Eventus*, na qual se estabelecia um Jubileu Extraordinário Pós-conciliar a realizar-se entre 1 de janeiro e 29 de maio de 1966, dia de Pentecostes. Promulgou-se o *motu proprio*, *Integrae Servandae*, que iniciava a reforma da Congregação do Santo Ofício, a partir dali chamada Congregação para a Doutrina da Fé²⁶⁴. Segundo *A Voz do Pastor*, calculava-se um total de 168 Congregações Gerais e 16 documentos promulgados ao longo de quatro anos de trabalho²⁶⁵. O encerramento do Concílio foi seguido, ao pormenor²⁶⁶ com o olhar sempre favorável, mas pouco crítico²⁶⁷.

Esperar-se-iam artigos críticos, que não foram muitos, mas que procuraram fazer um ponto de situação. O jornal mostrou que muitas das decisões conciliares se limitaram a princípios gerais, cujo aprofundamento seria levado a cabo por comissões, secretariados e conferências episcopais. Assuntos como o controlo da natalidade, a reforma da cúria, as normas acerca do jejum e da abstinência, os casamentos mistos, as indulgências, o celibato e o casamento dos diáconos, serviços diplomáticos do Vaticano, direito canónico, futuro dos secretariados para a união dos cristãos, e para as relações com não cristãos e não crentes ficaram ainda a necessitar de mais reflexão²⁶⁸. Terminados quatro anos de intenso trabalho, era tempo de colocar em prática, com todo o vigor, as diretrizes que agora se viam aprovadas. Tratava-se de pôr em marcha a Igreja conciliar.

A Voz do Pastor acompanhou a par e passo os acontecimentos mais importantes decorridos no Vaticano desde outubro de 1962 até dezembro de 1965. A grande prioridade em qualquer uma das sessões foi dar a conhecer ao pormenor factos marcantes como aberturas, encerramentos, discussões, aprovação de documentos e outras curiosidades não tão importantes. Neste tipo de notícias descritivas é praticamente inexistente a referência à proveniência das informações e os artigos não são assinados. Somos levados a acreditar que os artigos eram feitos pela própria redação do jornal com base em informações que chegavam sensivelmente com uma semana de atraso. Provavelmente estas eram recolhidas de outros periódicos, limitando-se a redação do jornal a resumi-las.

²⁶⁴ Cf. OS ÚLTIMOS passos do Concílio Ecuménico. *VPast.* (11 dez. 1965) 2.3.

²⁶⁵ Cf. 16 DOCUMENTOS promulgados pelo 2.º Concílio do Vaticano. *VPast.* (25 dez. 1965) 8.

²⁶⁶ Cf. O ENCERRAMENTO do Vaticano II decorreu num clima de “magnificente simplicidade”. *VPast.* (11 dez. 1965) 3.7; AS MENSAGENS do Concílio. *VPast.* (18 dez. 1965) 4.

²⁶⁷ Cf. OFERENDAS de Paulo VI no encerramento do Concílio. *VPast.* (18 dez. 1965) 1; A QUANTO montam as despesas do Concílio?. *VPast.* (11 dez. 1965) 4.

²⁶⁸ Cf. O CONCÍLIO não resolveu todos os problemas. *VPast.* (25 dez. 1965) 5.

A maior parte dos editoriais e artigos de opinião continuou a provir da pena de Costa Maia, assinados em nome próprio ou sob o pseudónimo. Este marcou o impacto conciliar no jornal com o seu posicionamento fiel à voz da Igreja. Conseguimos identificar outros autores, mas os seus contributos foram pouco relevantes, dado que ocorreram pontualmente. O jornal foi um espaço aberto ao diálogo acerca do Concílio. Nos artigos não houve espaço para desvios, estando todos em concordância com o magistério. Embora tenhamos verificado que existem algumas incongruências nas informações, podemos afirmar que, de um modo geral, eram dadas com rigor. Relevante é o caudal de informações sobre o Concílio no conjunto dos textos do jornal.

3. O pós-Concílio

O Concílio terminou a 8 de dezembro de 1965, mas não acabaram as discussões e problemáticas conciliares. Iniciava-se um tempo novo, em que as diretrizes começaram a ser verdadeiramente refletidas e colocadas em prática. Seria de esperar que dúvidas, algumas incertezas e posições mais extremadas conduzissem a alguns exageros. Considerando aquilo que entendemos por ressonâncias pós-conciliares, procuraremos aferir os dados mais relevantes que se repercutiram nas páginas do jornal até dezembro de 1969.

3.1. Vivências pós-conciliares

Até finais de 1969, decorreram algumas efemérides que marcaram o ritmo da vida da Igreja, direta ou indiretamente, e que não foram indiferentes ao jornal. Estando o Concílio ainda próximo, esteve presente na maior parte das reflexões e eventos. Ainda que estes pontos de análise pareçam dispersos e vagos, não foram esquecidos. Contudo, seria de esperar que um jornal diocesano mostrasse mais interesse pelo que aqui procuraremos abordar.

Inicialmente, o jornal prestou atenção ao Ano Jubilar do Concílio, ocorrido durante de 1 de janeiro até 8 de dezembro de 1966²⁶⁹. Foram notícia o *Esquema XIV*²⁷⁰, a internacionalização da cúria romana, temas pendentes do Concílio, bem como a publicação dos primeiros volumes com os documentos conciliares, traduzidos para as diversas línguas, entre as quais a portuguesa²⁷¹. Relativamente à vivência daquele ano em Portugal, anotaram-se debates sobre temáticas conciliares²⁷² e publicaram-se documentos²⁷³. Uma vez que o Ano Jubilar previa que em alguns momentos os fiéis lucrassem indulgências, foram divulgados documentos sobre a disciplina da penitência. Esta temática acabaria por ser abordada durante as quaresmas seguintes²⁷⁴.

Já o ano de 1967 ficaria marcado pelas reflexões em torno da publicação da *Populorum Progressio*²⁷⁵ e do quinquagésimo aniversário das aparições de Fátima, sendo esta uma oportunidade para se falar no jornal da mensagem do Concílio acerca de Maria²⁷⁶. No mês de junho, iniciou-se o Ano da Fé. *A Voz do Pastor* noticiou acontecimentos como a promulgação da exortação apostólica *Petrum et Paulum*²⁷⁷ e publicou a pastoral do Episcopado Português da Metrópole sobre os problemas da fé²⁷⁸. Estranhamente a menção destes documentos não veio acompanhada da sua análise. Rui Osório e Aliquis dão o seu contributo sobre o Ano da Fé²⁷⁹. Estes autores estiveram bem presentes no jornal em todo o tempo pós-conciliar. Se o primeiro já é nosso conhecido, do segundo nada de concreto conseguimos apurar. Sabemos que Costa Maia não manteve

²⁶⁹ Cf. COMEÇA hoje o pequeno Ano Jubilar do Concílio. *VPast.* (1 jan. 1966) 2; O JUBILEU Pós-conciliar prolonga-se até 8 de dezembro. *VPast.* (28 mai. 1966) 1.

²⁷⁰ Este esquema foi uma espécie de projeto pastoral e de vida ascética, apoiado por alguns prelados, sobretudo da América Latina; Cf. À MARGEM do Concílio: O “Esquema XIV”. *VPast.* (19 fev. 1966) 1.5.6.

²⁷¹ Cf. VATICANO II: Documentos conciliares. *VPast.* (20 ago. 1966) 4; PRENDA de natal oferecida pelo papa aos padres conciliares. *VPast.* (24 dez. 1966) 1.

²⁷² Cf. S. D. E. C. PORTO – Campanha nacional do ensino religioso: 9 a 16 de Outubro: O Concílio falou da catequese. *VPast.* (8 out. 1966) 1.4.

²⁷³ Cf. PORTUGAL. Episcopado Português da Metrópole – Pastoral colectiva sobre a missão dos leigos na Igreja. *VPast.* (24 dez. 1966) 4.6; (31 dez. 1966) 7; (7 jan. 1967) 4; (14 jan. 1967) 4.

²⁷⁴ Cf. INDULGÊNCIAS do Jubileu Pós-conciliar. *VPast.* (15 jan. 1966) 8; AS NOVAS normas do jejum e da abstinência. *VPast.* (26 fev. 1966) 1.3; NOTA pastoral colectiva sobre a aplicação da nova disciplina penitencial. *VPast.* (21 jan. 1967) 5.6.

²⁷⁵ Cf. NOVA encíclica de Paulo VI: “*Populorum progressio*”. *VPast.* (1 abr. 1967) 2.3.

²⁷⁶ ALIQUIS – Nas vésperas de maio jubilar: O culto mariano comunitário. *VPast.* (29 abr. 1967) 1.5; IGREJA CATÓLICA. Papa, 1963-1978 (Paulo VI) – “Homens, pensai na gravidade e grandeza desta hora!”: Mensagem de sua santidade ao mundo. *VPast.* (20 mai. 1967) 4; NOSSA Senhora bandeira da unidade: Exortação pastoral de Paulo VI. *VPast.* (3 jun. 1967) 1.3.

²⁷⁷ Cf. O XIX CENTENÁRIO do martírio dos príncipes dos apóstolos. *VPast.* (4 mar. 1967) 1.5; ENTRAMOS no Ano da Fé. *VPast.* (1 jul. 1967) 1.

²⁷⁸ Cf. INSTRUÇÃO pastoral do Episcopado metropolitano sobre os problemas da fé. *VPast.* (8 jul. 1967) 1.4; (15 jul. 1967) 6; (22 jul. 1967) 4; (5 ago. 1967) 3.6;

²⁷⁹ Cf. OSÓRIO, Rui – Diálogo com as notícias: O “Ano da Fé”- para quê?. *VPast.* (15 jul. 1967) 1.3; ALIQUIS – As idades da fé. *VPast.* (16 mar. 1968) 1.3.

a prática de escrever editoriais acerca do Concílio e que começam a surgir nesta fase os editoriais subscritos por Aliquis. Alguns dos contemporâneos deste periódico admitem-nos poder ser Costa Maia, tanto mais que já o sabemos propenso a recorrer a pseudónimos.

Surgiram outras questões que, não parecendo ter qualquer ligação com o Concílio, também com ele estavam relacionadas. A apresentação da encíclica *Humanae Vitae* em julho de 1968, e a discussão em torno dos métodos de regulação da natalidade foram alvo de ampla reflexão²⁸⁰. Aliquis trouxe o Concílio à ribalta a partir desta questão, citando a *Gudium et Spes*, para afirmar que aos homens era devido o conformarem o seu proceder com a intenção de Deus criador²⁸¹. Finalmente, nas últimas publicações do jornal, a celebração do centenário do Concílio Vaticano I foi oportunidade para se pensar no papel que aquele teve no Concílio do Vaticano II²⁸².

Nestes anos, as referências do jornal sobre o Concílio estão ligadas maioritariamente à exposição de temas específicos, como o ecumenismo, a liturgia, as controvérsias decorrentes da aplicação das diretrizes conciliares, os primeiros sínodos, o sacerdócio e a vida religiosa. A referência a estes temas contribuiu para a receção do Concílio, mesmo que só se lhe refiram indiretamente. Estes temas foram mote para algumas reflexões que se fizeram noutros contextos, como veremos no caso concreto da diocese do Porto.

3.2. Os avanços do diálogo ecuménico

Durante o Concílio unidade entre os cristãos foi uma das questões mais realçadas pelo jornal. No pós-Concílio, já não se lhe reconheceu tanta importância, até porque outras questões se lhe sobrepuseram. Existiram momentos importantes relatados pelo jornal, como os gestos de aproximação entre a Igreja Católica e as Igrejas Anglicana e Ortodoxa que se concretizaram em 1966-1967, bem como a publicação do diretório para a aplicação do decreto conciliar sobre o ecumenismo em setembro de 1967²⁸³. No entanto reconhecia-se que era necessário um grande esforço para se chegar à unidade desejada.

²⁸⁰ Cf. ENCÍCLICA sobre a regulação da natalidade: condenáveis todos os métodos anticoncepcionais. *VPast.* (3 ago. 1968) 1.5; A ENCÍCLICA “*Humanae Vitae*”. *VPast.* (18 jan. 1969) 2.

²⁸¹ Cf. ALIQUIS – É um problema de consciência. *VPast.* (14 set. 1968) 1.4.

²⁸² Cf. OSÓRIO, Rui – A Igreja rejuvenesce de concílio para concílio. *VPast.* (13 dez. 1969) 1.

²⁸³ Cf. NORMAS práticas sobre o ecumenismo. *VPast.* (23 set. 1967) 2; NORMAS práticas sobre o ecumenismo - II. *VPast.* (30 set. 1967) 2.

Efetivamente, foram os encontros do primaz anglicano e do patriarca de Constantinopla com o papa, que chamaram mais à atenção, até pelo aspeto gráfico dado às notícias²⁸⁴. Certas propostas de reflexão acabaram por ser apresentadas por Aliquis²⁸⁵, Costa Maia²⁸⁶, Domingo Monteiro²⁸⁷, B. Alves²⁸⁸ e S. O.²⁸⁹. Procuraram revelar iniciativas ecuménicas ou refletir acerca de dificuldades que careciam de ser superadas. Seria naturalmente prematuro que surgissem diversas reflexões sobre estes assuntos, devido à sua delicadeza²⁹⁰. Transparece nos diversos escritos uma certa angústia por não se ter feito mais no caminho rumo à unidade. A maioria das notícias foram publicadas entre 1966 e 1967, por altura da semana da unidade e no decurso dos factos acima mencionados. O fervor pela unidade dos cristãos ia perdendo o interesse dos leitores e do próprio jornal, à medida que era perceptível que todo o processo ecuménico seria bastante demorado. Não foram noticiadas iniciativas de aproximação das diversas religiões cristãs presentes tanto na diocese do Porto como em Portugal. A pouca importância dada ao tema do ecumenismo neste período, em nada se compara com a relevância que se deu à reflexão e aplicação litúrgica.

3.3. A reforma litúrgica

A questão da liturgia fora debatida na primeira e na segunda sessão conciliar, ficando marcada pela promulgação da *Sacrosanctum Concilium*, em 1963, e pelo início das reformas litúrgicas. Geraram-se, como seria de esperar, amplas discussões e várias tomadas de posição. Por isso, entre o fim do Concílio e 1969 vieram a público variadas

²⁸⁴ Cf. O ARCEBISPO anglicano de Cantuária vai visitar Paulo VI. *VPast.* (22 jan. 1966) 5; O CONSELHO Ecuménico das Igrejas fez o elogio da Igreja Católica. *VPast.* (19 fev. 1966) 5.7; ECUMENISMO. *VPast.* (5 mar. 1966) 2; A HISTÓRICA visita do primaz anglicano ao papa Paulo VI. *VPast.* (2 abr. 1966) 8; DECLARAÇÃO final conjunta do papa e do primaz anglicano. *VPast.* (2 abr. 1966) 1.8; ENCONTRO histórico na cidade eterna: O abraço de caridade entre as Igrejas Católica e Ortodoxa. *VPast.* (4 nov. 1967) 6; A IGREJA Ortodoxa fez as pazes com S. Pedro... *VPast.* (24 set. 1966) 6; OS REPRESENTANTES da Igreja Católica e do Anglicanismo deram os primeiros passos para a unificação. *VPast.* (28 jan. 1967) 1.5; O “PAVILHÃO cristão ecuménico”, augúrio da unidade. *VPast.* (20 jan. 1968) 3; O PAPA em Genebra. *VPast.* (14 jun. 1969) 1.5.

²⁸⁵ Cf. ALIQUIS – O problema do ecumenismo. *VPast.* (26 nov. 1966) 1; ALIQUIS – Na época do diálogo. *VPast.* (16 set. 1967) 1.5.

²⁸⁶ Cf. MAIA, Costa – Nem todos os “ventos da história” são funestos...: restauração da vida religiosa entre os “irmãos separados”. *VPast.* (24 set. 1966) 1.2.

²⁸⁷ Cf. MONTEIRO, Domingo – Uma iniciativa ecuménica: A primeira tradução ecuménica da bíblia. *VPast.* (27 jan. 1968) 4.6.

²⁸⁸ Cf. ALVES, B. – Ecumenismo. *VPast.* (18 jan. 1969) 1.

²⁸⁹ Cf. S. O. – Nota da semana: Unidade e ... divisões decimais. *VPast.* (18 jan. 1969) 5.

²⁹⁰ Cf. A ANGÚSTIA do papa...: A unidade não pode obter-se à custa de transigências doutrinária. *VPast.* (1 fev. 1969) 3.

notícias sobre o tema. Foi sem dúvida o tema conciliar com maior preponderância em *A Voz do Pastor*. É de referir que no Porto, em 1965, foram instituídas as Comissões Diocesanas de Liturgia e Música Sacra, que contribuíram, ainda que indiretamente, para estas matérias²⁹¹.

Logo em 1966, chegavam as primeiras notícias²⁹². Com as mudanças implementadas apareceram também os abusos e as dúvidas. Coube ao jornal fornecer aos leitores esclarecimentos de várias proveniências, designadamente da Santa Sé e do Episcopado Português. O Visconde de Santo André tentava responder, defendendo que era natural haver alguma discrepância nos modos de proceder, em tempos de renovação. Contudo, esperavam-se normas que regulassem devidamente a ação litúrgica da Igreja²⁹³. A atitude ponderada do diretor do jornal, sob pseudónimo, veio a comprovar-se com a publicação da declaração da Sagrada Congregação dos Ritos na qual se repudiavam exageros e se afirmava que as cerimónias litúrgicas, em especial a Eucaristia, deviam estar em concordância com aquilo que emanava da Santa Sé e da autoridade responsável dos bispos²⁹⁴. No caso de Portugal, sublinharam-se as dificuldades na passagem da língua latina para o vernáculo, nomeadamente no campo musical. Em Braga debateu-se o assunto na Semana da Pastoral de Música Sacra de 1967. O P. Manuel Faria, um dos protagonistas da renovação da música litúrgica em Portugal no pós-Concílio, concedeu uma entrevista ao jornal, na qual sublinhava que a música em vernáculo permitia a participação de todos na ação litúrgica, não se podendo, contudo, perder a qualidade musical²⁹⁵.

A partir de maio de 1967, figuram vários avanços nos trabalhos da reforma litúrgica: o aparecimento de normas²⁹⁶, a apresentação de novos rituais, a elaboração de novos

²⁹¹ Cf. PEIXOTO, João da Silva – A pastoral litúrgica na diocese do Porto. *Igreja Portucalense*. 2ª série, 43 (2017) 129-153.

²⁹² Cf. RELIGIOSAS e frades leigos poderão dar a comunhão aos fiéis. *VPast.* (5 nov. 1966) 1.

²⁹³ Cf. VISCONDE DE S.^{TO} ANDRÉ – Porquê divergências na liturgia de igreja para igreja?. *VPast.* (10 dez. 1966) 5.

²⁹⁴ Cf. IGREJA CATÓLICA. Sagrada Congregação dos Ritos e do Consilium – Declaração da Sagrada Congregação dos Ritos e do “Consilium” para a aplicação da Constituição sobre a sagrada liturgia. *VPast.* (21 jan. 1967) 5.

²⁹⁵ Cf. A MÚSICA na missa em vernáculo: Entrevista com o rev. maestro dr. Manuel Faria. *VPast.* (4 mar. 1967) 5.

²⁹⁶ Cf. NOVAS alterações litúrgicas a partir de 29 de junho. *VPast.* (27 mai. 1967) 1.3; TODA a missa em espanhol. *VPast.* (7 out. 1967) 1; PORTUGAL. Comissão Episcopal de Liturgia – Cânon da missa em vernáculo. *VPast.* (11 nov. 1967) 1.6.

prefácios²⁹⁷ e de novas orações eucarísticas²⁹⁸ e outras curiosidades²⁹⁹. Pedia-se que as normas só fossem aplicadas na data prevista e não de forma antecipada³⁰⁰, expressiva de um excesso de zelo por parte de alguns leitores. Foi divulgada uma carta do cardeal Lercaro aos presidentes das conferências episcopais a denunciar os exageros e caprichos de alguns na aplicação das novas normas litúrgicas, acrescentando que os casos haviam piorado, em relação aos dois últimos anos³⁰¹. Por esta altura, também apareceram os primeiros relatos de protesto quanto às reformas litúrgicas. Foram referidos de forma sumária pelo jornal e criticados por um discurso bastante irónico³⁰².

E, 1969, a reforma litúrgica começou a ganhar mais consistência e a fazer-se notar nas páginas de *A Voz do Pastor*³⁰³. A música sacra granjeou realce³⁰⁴ e foram aprovados o novo *Ordo Missae* e o novo calendário da Igreja³⁰⁵. Foram também revistas as festas litúrgicas e a veracidade histórica de alguns santos³⁰⁶. A polémica gerada em torno da veracidade histórica de alguns santos levou o jornal a fazer alguns esclarecimentos, pois pairava no ar a ideia de que a Igreja ia acabar com os santos³⁰⁷.

A introdução do vernáculo na liturgia exigia trabalhos intensos por parte das conferências episcopais, no que toca à tradução dos textos litúrgicos. Em Portugal, os trabalhos decorriam com alguma celeridade, como o jornal informava. Os rituais do matrimónio e o pontifical de ordenações já haviam sido traduzidos, em meados de junho. Certas propostas exigiam ainda um trabalho de consulta nas várias dioceses³⁰⁸.

Em 30 de julho de 1969, é promulgada a nota da Comissão Episcopal de Liturgia sobre o novo calendário litúrgico. Entre as novas medidas previam-se a instituição da memória obrigatória de Nossa Senhora de Fátima, a abolição do costume de se cobrirem

²⁹⁷ Cf. A LITURGIA em marcha. *VPast.* (3 jun. 1967) 1.3; RENOVAÇÃO da liturgia da missa: As novas preces eucarísticas ou anáforas. *VPast.* (9 nov. 1968) 3.

²⁹⁸ Cf. PORTUGAL. Secretariado Nacional da Liturgia – Novas preces eucarísticas. *VPast.* (17 ago. 1968) 1.

²⁹⁹ Cf. NA ERA pós-conciliar. *VPast.* (8 jul. 1967) 8.

³⁰⁰ Cf. NOVAS alterações litúrgicas: Prevenção. *VPast.* (3 jun. 1967) 1.

³⁰¹ Cf. NADA de caprichos ou exageros na reforma litúrgica! – proclama o cardeal Lercaro. *VPast.* (9 set. 1967) 1.

³⁰² Cf. MAIS amigos do latim que da Igreja de Deus... *VPast.* (14 out. 1967) 6.

³⁰³ Cf. A REFORMA do breviário. *VPast.* (26 abr. 1969) 2.

³⁰⁴ Cf. ALIQUIS – Cantemos todos na Igreja!. *VPast.* (1 nov. 1969) 3; A PALAVRA do papa. *VPast.* (26 abr. 1969) 4.

³⁰⁵ Cf. A VOZ do papa: A Igreja nunca deixa de renovar-se. *VPast.* (10 mai. 1969) 1; O NOVO ritual da missa entrará em vigor no Advento. *VPast.* (10 mai. 1969) 2.3

³⁰⁶ Cf. NOVO calendário litúrgico a partir de janeiro de 1970. *VPast.* (17 mai. 1969) 2.3.

³⁰⁷ Cf. A IGREJA vai acabar com os santos? *VPast.* (17 mai. 1969) 1; ALIQUIS – O verdadeiro culto dos santos. *VPast.* (7 jun. 1969) 1.5.

³⁰⁸ Cf. PORTUGAL. Assembleia Plenária do Episcopado da Metrópole – Comunicado. *VPast.* Porto. (28 jun. 1969) 4.

as imagens no tempo da Paixão e a inserção dos santos portugueses nas ladainhas³⁰⁹. Para permitir uma melhor difusão, o novo *Ordo Missae* começou a ser publicado no jornal, a 16 de agosto, de modo faseado³¹⁰. Nesse mesmo número, foi noticiada a publicação da nova coletânea de leituras bíblicas a serem usadas na missa, num ciclo de três anos³¹¹. Uma semana depois foi publicada a instrução da Sagrada Congregação para o Culto Divino sobre as missas para grupos particulares³¹². De modo a preparar a entrada em vigor do novo ordinário, a Comissão Episcopal da Liturgia dirigiu uma nota sobre a edição portuguesa, que se encontrava com alguns atrasos, fruto de inúmeras revisões. Os livros litúrgicos saíam em forma de fascículo, na expectativa de futuramente se chegar a um trabalho final estável. Uma nova instrução sobre a aplicação do ordinário da missa reformado foi publicada a 20 de outubro para preparar a aplicação das inovações litúrgicas³¹³. O jornal traduzia os textos, mas a versão oficial que existia era ainda a latina³¹⁴.

Antes do encerramento do jornal, foi ainda noticiada a Assembleia Plenária do Episcopado Português da Metrópole, reunida em Lisboa entre 11 e 14 de novembro de 1969, que previu que o novo ordinário fosse introduzido a partir do Advento, passando a ser obrigatório a partir de 15 de fevereiro, I domingo da Quaresma. Foram ainda debatidas as questões do diaconado permanente e da renovação das estruturas pastorais³¹⁵.

A reforma litúrgica esteve muito presente nos propósitos do II Concílio do Vaticano e foi também um dos temas que gerou mais controvérsias. A leitura de algumas notícias de *A Voz do Pastor* permite-nos tirar algumas conclusões bastante pertinentes acerca deste assunto. O jornal exprime a consciência de que as diretrizes conciliares necessitavam de ser pensadas, pelo que demorariam tempo a ganharem forma. Ele não só deu atenção às normas provenientes da Santa Sé, como também às da Conferência Episcopal, salientando, todavia, que estas só podiam ser aplicadas nos tempos devidos e não antes do período estabelecido. *A Voz do Pastor* não alimentava resistências, nem acolhia experimentalismos. Procurava apenas uma fidelidade objetiva à reforma. O leitor era

³⁰⁹ Cf. PORTUGAL. Comissão Episcopal de Liturgia – Resoluções do Episcopado Português sobre o novo calendário. *VPast.* (9 ago. 1969) 6.

³¹⁰ Cf. O NOVO “ordo missae”: Ordenação geral do missal romano. *VPast.* (16 ago. 1969) 3.6.

³¹¹ Cf. NOVA coletânea das leituras bíblicas. *VPast.* (16 ago. 1969) 5.

³¹² Cf. IGREJA CATÓLICA. Sagrada Congregação para o Culto Divino – Instrução da Sagrada Congregação para o Culto Divino sobre missas para grupos particulares. *VPast.* (23 ago. 1969) 4.8.

³¹³ Cf. A APLICAÇÃO progressiva do novo ritual da missa. *VPast.* (8 nov. 1969) 3.

³¹⁴ Cf. “ORDINÁRIO” da missa em português. *VPast.* (8 nov. 1969) 5.

³¹⁵ Cf. PORTUGAL. Conferência Episcopal da Metrópole – Assembleia plenária do Episcopado. *VPast.* (22 nov. 1969) 1.3.

constantemente informado do que se ia passando, mas são pouco frequentes os comentários jornalísticos. Os que se conhecem tenderam a suprir dificuldades e ideias falaciosas. As dicotomias que ainda assim identificamos sobre a reforma litúrgica transportam-nos para a importância de vir a ser estudada a sua receção em Portugal e no Porto.

3.4. Um período de controvérsias

O período pós-conciliar ficou marcado por sentimentos de incerteza e agitação, sobretudo entre o clero. Fortes deturpações e contestações relativas às mensagens e decisões conciliares fizeram deste período um tempo conturbado. Não faltaram, no entanto, vozes como a de Paulo VI com o intuito de restabelecer a ordem.

Nos primeiros tempos, houve já uma certa preocupação em relação à interpretação das mensagens conciliares, que haviam sido deturpadas. Rui Osório caracterizou a renovação conciliar como uma hora de graça e de renovação espiritual, tentando explicar aos leitores o que isto implicava³¹⁶. Aliquis demonstrou que o próprio Concílio impunha uma marcha diferente, recorrendo às fontes cristãs³¹⁷, e Maia Júnior falava da Igreja no mundo em tempos de secularização³¹⁸. Com base num artigo da revista *L'Osservatore della Domenica*³¹⁹, outra fonte informativa, o jornal fez referência a manobras comunistas que queriam deturpar e tirar proveitos dos documentos conciliares. Apesar de algumas tentativas de aproximação entre comunistas e católicos, continuava a existir uma acelerada luta antirreligiosa nos países comunistas³²⁰.

A listagem de certos assuntos relacionados com estas controvérsias ajudava a estabelecer um possível posicionamento do jornal. Aliquis e Rui Osório perguntavam-se sobre o tipo de cristãos que deveriam existir depois do Concílio, dando profundo relevo ao papel dos leigos³²¹. O papa pedia constantemente aos sacerdotes uma certa contenção,

³¹⁶ Cf. OSÓRIO, Rui – Renovação na Igreja: Hora da graça. *VPast.* (15 jan. 1966) 1; OSÓRIO, Rui – Linhas de espiritualidade conciliar. *VPast.* (5 nov. 1966) 5.

³¹⁷ Cf. ALIQUIS – Conversando...: Estamos incorporados ... na solidão? *VPast.* (30 abr. 1966) 3.

³¹⁸ Cf. JÚNIOR, Maia – Igreja e mundo neste tempo de secularização. *VPast.* (7 mai. 1966) 6.

³¹⁹ *L'Osservatore romano della Domenica* é o nome original da versão semanal do *L'Osservatore Romano*, publicado desde 1934. Entre 1951 e 1985 é publicado com o nome de *L'Osservatore della Domenica*.

³²⁰ Cf. O DIABO feito sacristão...: Os comunistas lêem todos os documentos do Concílio!. *VPast.* (7 mai. 1966) 6.

³²¹ Cf. ALIQUIS – Que cristãos somos nós?: - Conscientes, activos ou inúteis?. *VPast.* (28 mai. 1966) 1.6; OSÓRIO, Rui – Povo de Deus e não “massa” irresponsável. *VPast.* (6 ago. 1966) 1.3; OSÓRIO, Rui – Mensagem. *VPast.* (6 ago. 1966) 1.5; ALIQUIS – Adultos... ou crianças?. *VPast.* (14 jan. 1967) 1.6;

respeito e obediência e repudiava exageros na modernização da forma de se apresentarem³²²: S. O. dá conta destas polémicas na *Nota da Semana*³²³. Muitos perguntavam-se acerca da legitimidade da contestação das decisões do Concílio, tanto de cariz progressista como conservador. No entanto, todos deveriam contribuir para a busca da verdade, não se podendo contestar uma coisa sem se ter verdadeiro conhecimento dela, como acontecia com as resoluções conciliares³²⁴. Percebia-se que a Igreja saída do Concílio sofria pela falta de liberdade, com o abandono da fé, e por atitudes de rebeldia da parte dos seus filhos, entre os quais padres, professores e leigos, que punham em questão a autoridade e a coesão interna da Igreja³²⁵. Reportaram-se alguns casos conflituosos como o da Holanda³²⁶. Vaz Sobral, dez anos passados desde a convocação, perguntava-se se teria valido a pena o que havia sido feito³²⁷. A sua resposta era positiva e enquadrava as mudanças numa sadia evolução:

«O Concílio não desencadeou nenhuma revolução, no sentido pleno desta palavra. Possibilitou apenas uma sã e necessária evolução, um são e necessário aprofundamento. Em todos os planos: litúrgico, querigmático e mesmo dogmático, Evolução em curso numa época excepcionalmente crítica da História humana»³²⁸.

O jornal não estranhava o aparecimento de posições extremamente críticas, como aliás já tinha ocorrido a propósito da renovação litúrgica. Noticiando-nos, *A Voz do Pastor* pretendia formar os leitores para uma correta compreensão do Concílio, evitando assim exageros.

3.5. Os primeiros sínodos

Devido à necessidade de diálogo dentro da própria Igreja Católica, Paulo VI instituiu os sínodos periódicos. Neles se havia de encontrar o local privilegiado para o papa, os bispos e outros participantes debaterem aquelas que eram as questões da Igreja.

ALIQUIS – A autenticidade cristã opõe-se por igual ao servilismo hipócrita e ao cinismo que revolta. *VPast.* (22 jul. 1967) 1.5.

³²² Cf. O SANTO padre censura certos “modernismos”... *VPast.* (5 mar. 1966) 1.

³²³ S. O. – Nota da Semana: Só com os sinais divinos se revela Deus... *VPast.* (4 mar. 1967) 5; S. O. – Nota da semana: Diálogos autênticos e fingir. *VPast.* (15 abr. 1967) 5; S. O. – Nota da semana: Em frente... sim; desvios... não! *VPast.* (6 mai. 1967) 3.

³²⁴ Cf. QUANDO é legítima a contestação na Igreja?. *VPast.* (8 fev. 1969) 3.

³²⁵ Cf. A PALAVRA do papa: ...Estão a crucificar a Igreja!. *VPast.* (12 abr. 1969) 1.

³²⁶ Cf. MAIS de duas centenas de padres de Lião publicaram uma carta colectiva. *VPast.* (12 abr. 1969) 3.

³²⁷ Cf. SOBRAL, Vaz – Há 10 anos: o anúncio do Concílio teria valido a pena? *VPast.* (12 abr. 1969) 5.

³²⁸ SOBRAL, Vaz – Há 10 anos, 5.

Durante o período que estudámos decorreram dois sínodos convocados pelo papa e outras iniciativas deles decorrentes, a que se deu alguma importância em *A Voz do Pastor*.

Relativamente ao Sínodo marcado para setembro de 1967, em Roma, o jornal forneceu, antecipadamente, dados sobre as datas, alguns participantes e os temas a tratar designadamente as problemáticas da fé, a revisão do código de direito canónico, os casamentos mistos, a formação sacerdotal e a reforma litúrgica³²⁹. Iniciou-se como previsto, no dia 29 de setembro, com uma celebração simples³³⁰. Concomitantemente, o jornal fez um resumo do Congresso Mundial dos Leigos, subordinado ao tema *O povo de Deus no itinerário dos homens*³³¹. Esta notícia teve importância pelo facto de os participantes do Congresso terem entregue ao Sínodo um memorando que pedia estruturas de diálogo entre os leigos e a hierarquia³³². O Sínodo terminou a 28 de outubro, afirmando o jornal que não se haviam tomado decisões definitivas. Somente se tinham apresentado os pareceres ao papa, que a seu tempo decidiria sobre os assuntos. O jornal apenas apresentou três resoluções do Sínodo referentes aos casamentos mistos, à doutrina da fé e ao ordenamento das missas³³³.

Na sequência do Sínodo Episcopal, Paulo VI publicou, a 30 de junho de 1968, *O credo do Povo de Deus*, no qual fez uma síntese das verdades da fé cristã, dando cumprimento ao desejo dos padres sinodais de que se fizesse um documento desta natureza. O jornal publicou-o, na íntegra, no número de 13 de julho de 1968³³⁴.

Tempos depois, foi convocado um novo Sínodo para outubro de 1969. O tema do encontro extraordinário foi a relação das conferências episcopais entre si e a Santa Sé. O periódico deu a conhecer aos leitores alguns dados acerca dos preparativos³³⁵. Concluída aquela fase, o Sínodo extraordinário teve início a 11 de outubro³³⁶. A ordem de trabalhos apresentada pela *A Voz do Pastor* foi a seguinte:

«A primeira [parte] trata da colegialidade dos Bispos, que devem partilhar com o Papa o Governo da Igreja. É apresentada pelo Cardeal Sper, presidente da Congregação Doutrinal. A segunda parte, a apresentar pelo Cardeal Marty, Arcebispo de

³²⁹ Cf. CERCA de 200 prelados no primeiro sínodo pós-conciliar. *VPast.* (22 abr. 1967) 4.

³³⁰ Cf. O PAPA inaugurou o Sínodo Episcopal. *VPast.* (7 out. 1967) 1; COMPOSIÇÃO do Sínodo Episcopal. *VPast.* (7 out. 1967) 3; O PAPA lamentou que o Governo da Polónia recusasse o “visto” ao cardeal primaz. *VPast.* (7 out. 1967) 3.

³³¹ Cf. OS LEIGOS têm uma palavra a dizer...: O seu congresso mundial. *VPast.* (14 out. 1967) 6.

³³² Cf. Acompanhe os problemas da Igreja universal. *VPast.* (21 out. 1967) 2.

³³³ Cf. ENCERRAMENTO e resoluções do Sínodo Episcopal. *VPast.* (4 nov. 1967) 5.

³³⁴ Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 1963-1978 (Paulo VI) – O “credo” do povo de Deus. *VPast.* (13 jul. 1968) 4.8.

³³⁵ Cf. NÃO HAVERÁ um concílio mas um sínodo geral. *VPast.* (18 jan. 1969) 2.

³³⁶ Cf. COMEÇA hoje o Sínodo de Roma. *VPast.* (11 out. 1969) 5.

Paris, refere-se ao fortalecimento das ligações entre as conferências nacionais de Bispos e a Santa Sé. E a *terceira*, ao fortalecimento dos laços entre as próprias conferências de Bispos, sendo apresentada pelo Arcebispo do Panamá, Cardeal McGrath»³³⁷.

Durante o Sínodo foram conhecidas outras notícias a seu respeito, mas sem grande relevância³³⁸. Terminada a reunião dos bispos, *A Voz do Pastor* informou que os esquemas que previamente haviam sido preparados tinham sido aprovados. As relações entre a Santa Sé e as conferências episcopais viram-se reforçadas. O Sínodo deu particular relevo à cooperação entre bispos, sacerdotes, religiosos e leigos em ordem ao bem comum da Igreja³³⁹. Portugal fez-se representar por D. Manuel Cerejeira (Conferência Episcopal da Metrópole), D. Manuel Nunes Gabriel (Conferência Episcopal de Angola) e D. Francisco Nunes Teixeira (Moçambique)³⁴⁰.

Os bispos dos vários continentes começavam a organizar-se para debater, sendo alguns destes passos acompanhados pelo jornal. Em julho de 1967, cerca de 80 prelados da Europa reuniram-se em simpósio, durante 3 dias, na Holanda, para debaterem a formação e a autoridade dos conselhos presbiterais e pastorais. O jornal refere-se-lhe somente numa pequena nota³⁴¹. De 7 a 12 de julho de 1969, decorreu o II Simpósio dos Bispos Europeus, subordinado ao tema *O padre no mundo e na Igreja de hoje*. O Simpósio, segundo *A Voz do Pastor*, não trouxe novidades, mas permitiu uma reflexão dos diversos problemas que se enfrentavam, entre os quais o celibato³⁴². Meses mais tarde, o jornal publicou um resumo do representante do Episcopado Português no encontro, D. Francisco Rendeiro, bispo de Coimbra³⁴³. Depois, os bispos africanos reuniram-se em Kampala, onde aprovaram uma resolução sobre a paz em África e outra sobre o terceiro mundo³⁴⁴.

Mais uma vez, o jornal procurou descrever os acontecimentos, não se detendo na reflexão sobre eles. As notícias assinadas são praticamente inexistentes, sobressaindo apenas o contributo de Aliquis e do bispo de Coimbra.

³³⁷ COMEÇA hoje, 5.

³³⁸ Cf. OS ASTRONAUTAS americanos recebidos pelo papa e pelo sínodo. *VPast.* (25 out. 1969) 4.

³³⁹ Cf. TERMINOU o Sínodo de Roma. *VPast.* (1 nov. 1969) 1.4.

³⁴⁰ Cf. ECOS do Sínodo de Roma. *VPast.* (9 nov. 1969) 3.

³⁴¹ Cf. O SIMPÓSIO dos Bispos Europeus. *VPast.* (15 jul. 1967) 1.

³⁴² Cf. O SIMPÓSIO dos Bispos da Europa e as aspirações dos padres portugueses. *VPast.* (12 jul. 1969) 3.

³⁴³ Cf. COIMBRA. Bispo, 1967-1971 (Francisco Rendeiro) – O problema do celibato no simpósio dos bispos europeus em Coire (Suíça). *VPast.* (6 set. 1969) 5.

³⁴⁴ Cf. O SÍNODO Episcopal de Kampala. *VPast.* (9 ago. 1969) 1.4.

3.6. O sacramento da ordem e a vida religiosa

O sacerdócio e a vida religiosa mereceram certa importância. Num primeiro momento, a Santa Sé começava a aplicar as normativas a este respeito. Num segundo, era imperioso redefinir ações e lidar com exageros. Como teremos oportunidade de confirmar, aparecem algumas vozes críticas. Não se tratou somente de informar os leitores da documentação emanada da Santa Sé.

Em primeiro lugar, o jornal começou a analisar a renúncia aos cargos eclesiais por limite de idade. Segundo o apurado, cabia ao papa analisar os casos referentes aos prelados e a estes o estabelecimento de um limite de idade para os presbíteros exercerem os seus ministérios. Em 11 de outubro de 1966, entrou em vigor o *motu proprio Ecclesiae Sanctae*, que estabeleceu os 75 anos como a idade limite para o exercício de funções eclesiais. Concomitantemente, estabelecia-se que seria o episcopado de cada país a propor os nomes dos seus candidatos³⁴⁵. Este *motu proprio* tratou ainda da formação sacerdotal, da constituição dos conselhos presbiterais nas dioceses, da obediência ao prelado local, da observância dos votos religiosos e das atividades missionárias. A notícia que dava conta do conteúdo do *motu proprio* acabou por confirmar que o diário da cidade do Vaticano era usado pelo jornal, quando afirmava que *L'Osservatore Romano* servia como fonte para aquela informação³⁴⁶.

Também as estruturas dos seminários, enquanto espaços de formação para os futuros clérigos foram repensadas à luz do Vaticano II, a partir de finais de 1966. Rui Osório foi o promotor desta discussão no jornal. Na sua *Crónica de Pamplona*, considerava que seria uma reforma exigente e difícil³⁴⁷. Contudo, um ano depois já referenciava que se haviam dado passos em França, em ordem à ordenação dos primeiros diáconos permanentes. 50 candidatos estavam a ser preparados num seminário especial, em Lyon³⁴⁸. O celibato e o restabelecimento do diaconado permanente voltaram à ordem

³⁴⁵ Regularmente, apareceram no jornal relatos de bispos que renunciavam por limite de idade ou por doença. Cf. PROMULGAÇÃO dos decretos conciliares sobre bispos, sacerdotes, missionários e religiosos. *VPast.* (20 ago. 1966) 1; O DISCUTIDO problema da renúncia dos bispos e dos párocos. *VPast.* (24 set. 1966) 5; O EPISCOPADO de cada país proporá os candidatos a bispos. *VPast.* (24 set. 1966) 6.

³⁴⁶ Cf. PROMULGAÇÃO dos decretos conciliares, 1.3.

³⁴⁷ Cf. OSÓRIO, Rui – Crónica de Pamplona: Seminários a ritmo conciliar. *VPast.* (31 dez. 1966) 7.

³⁴⁸ Cf. OSÓRIO, Rui – Crónica de Pamplona: Diálogo com as notícias. *VPast.* (23 mar. 1968) 4.

do dia no jornal, aquando da publicação da encíclica *Sacerdotalis Coelibatus*³⁴⁹ e da carta apostólica *Sacrum Diaconatus Ordinem*³⁵⁰, respetivamente.

A incerteza e a agitação marcaram profundamente o clero nos primeiros anos do pós-Concílio. Paulo VI foi incansável a tentar acalmar os ânimos do clero, como demonstram referências às suas palavras³⁵¹. Aliquis disse no jornal que o sacerdote pós-conciliar só poderia ser entendido em chave de unidade e complementaridade com as outras vocações³⁵². A crise também chegou aos seminários, pelo que o papa referia que a autoridade deveria ser encarada como um serviço e que esta não dispensava a obediência³⁵³. O Episcopado Português, para fazer face ao desafio das vocações, criou o Centro Nacional da Pastoral das Vocações e instituiu a Semana das Vocações. A questão vocacional agravava-se cada vez mais e não bastava olhar para o projeto formativo. Era imperioso perceber as causas da falta de vocações e do retardamento de algumas³⁵⁴, como depois demonstrou o II Simpósio dos Bispos Europeus³⁵⁵. S. O. e José Augusto P. Neto comentaram brevemente este dilema³⁵⁶.

Por último, vejamos o tema das congregações religiosas, assunto que ganhava atualidade. As menções a esta temática, conquanto fossem escassas, não se revelaram inexistentes³⁵⁷. Porém, o interesse do semanário diocesano centrou-se na promulgação, no princípio de 1969, de uma instrução da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares acerca da renovação da formação para a vida religiosa. Este documento viria a ser o mote de um pequeno pensamento de Norberto Martins sobre o *aggiornamento*. Claramente fiel à mensagem conciliar, a instrução estabeleceu alguns princípios, orientações gerais e normas especiais, delimitou as diversas etapas da formação religiosa e incutiu algumas regras de aplicação. Relembre-se que o *motu proprio Ecclesiae Sanctae* já havia falado sobre o assunto³⁵⁸. Esta notícia insere-se numa

³⁴⁹ Cf. ENCÍCLICA “*Sacerdotalis Coelibatus*”: O celibato sagrado, que a Igreja conserva há séculos qual joia preciosa mantém todo o seu valor. *VPast.* (1 jul. 1967) 1.3.

³⁵⁰ Cf. FOI restabelecido o diaconado. *VPast.* (1 jul. 1967) 3.

³⁵¹ Cf. FALA o papa. *VPast.* (21 dez. 1968) 3.

³⁵² Cf. ALIQUIS – Unidade e complementaridade sacerdotal. *VPast.* (18 jan. 1969) 3.

³⁵³ Cf. A PALAVRA do papa: A autoridade é serviço, mas não dispensa a obediência. *VPast.* (22 mar. 1969) 5.

³⁵⁴ Cf. PORTUGAL. Comissão Episcopal de Pastoral – Nota da Comissão Episcopal de Pastoral: Criado o Centro Nacional da Pastoral das Vocações. *VPast.* (29 mar. 1969) 4.

³⁵⁵ Cf. O SIMPÓSIO dos bispos da Europa e as aspirações dos padres portugueses. *VPast.* (12 jul. 1969) 3.

³⁵⁶ Cf. NETO, José Augusto P. – Como pensar o problema vocacional? *VPast.* (26 abr. 1969) 1.5; S. O. – Nota da semana: O aproveitamento das vocações. *VPast.* (26 abr. 1969) 4.

³⁵⁷ Cf. ACTUALIZAÇÃO pós-conciliar: O 27.º capítulo geral dos padres redentoristas. *VPast.* (20 jan. 1968) 6.

³⁵⁸ Ver nota 345.

coluna destinada a artigos de alunos do Seminário Maior do Porto, cujos contributos ainda não tinham marcado explicitamente presença no jornal³⁵⁹.

Os artigos do jornal sobre o sacramento da ordem e da vida religiosa oferecem-nos dados de sumo interesse. Desde logo, possuímos informações sobre as novas exigências da formação, sobre as reformas na vida religiosa e sobre dados aparentemente novos como o aparecimento dos primeiros diáconos permanentes em França. É igualmente interessante o aparecimento da referência às primeiras experiências de estágio de diáconos em ordem ao presbiterado, no Porto.

Reunindo as informações do pós-Concílio, ficamos com a ideia de que a intenção de *A Voz do Pastor* foi a de atender às mudanças que iam acontecendo no interior da Igreja. O primeiro elemento que nos chama a atenção é, sem dúvida, a descrição dos acontecimentos mais importantes que estiveram estritamente relacionados com o espírito conciliar. Estas descrições foram, aliás, predominantes em todos os momentos estudados. Houve a preocupação de partilhar reflexões sobre as diversas questões com que a Igreja se debatia e também sobre o esforço de renovação que no seio desta se fazia sentir. O jornal fez novamente questão de publicar alguns documentos emanados quer pela Santa Sé ou pelo papa, quer pela Conferência Episcopal sobre os mais variados assuntos. Outros acabaram por se apresentarem resumidos. Conhecemos os intervenientes nestas reflexões, mais do que noutros tempos, como seria de esperar. Porém, percebe-se que o jornal tinha um défice de recursos humanos ao seu serviço. Aliquis e Rui Osório são os autores mais comuns.

4. Síntese conclusiva

Reunidas todas as informações sobre o II Concílio do Vaticano presentes no jornal *A Voz do Pastor*, verificamos que este foi um acontecimento impactante. Em todo este percurso histórico, teremos de considerar as características de cada período, porque foram elas que modelaram as diversas abordagens conciliares realizadas. Inicialmente, o jornal procurou preparar o público para o Concílio. Durante os quatro anos conciliares descreveu os acontecimentos mais marcantes. Os documentos e a sua discussão e aprovação

³⁵⁹ Cf. MARTINS, Norberto – Aggiornamento. Apud O FACTO...: ... O significado. *VPast.* (29 mar. 1969) 3.

assumiram particular relevo neste período. Por fim, o periódico acompanhou o esforço de aplicação das normas do Concílio.

Em todas as fases, predominaram as narrações e explicações dos momentos mais importantes referentes à vida do Concílio, da sua receção e aplicação. Contudo, não deixaram de aparecer artigos de opinião que auxiliavam os leitores a centrarem-se no essencial. Primeiramente, alude-se à realidade de um concílio ecuménico, tentando-se eliminar possíveis dúvidas e desejos irrealizáveis. Depois, durante e após o Concílio, o semanário ajudou a refletir a mensagem, documentos e pronunciamentos.

Quanto à autoria e proveniência das notícias, tiramos algumas ilações. Predominam os textos não assinados e sem a indicação da origem da informação. Sabemos, porém, que eram textos que se fundamentavam em artigos de outras publicações, como os jornais *L'Osservatore Romano* e *Novidades*. Para os artigos de opinião é mais difícil de definir as fontes de informação usadas pelos autores, mas em determinados casos foi possível identificá-las. Possuímos maioritariamente artigos assinados de Costa Maia³⁶⁰ e de Rui Osório. Não conseguimos identificar outros autores por assinarem com siglas. Logo, no primeiro período, tivemos oportunidade de perceber que alguns artigos poderiam chegar diretamente de Roma, escritos por cronistas a residir na cidade, naquela época, como o caso do P. Manuel Vieira Pinto.

Não fizemos qualquer alusão a pronunciamentos de D. Florentino de Andrade e Silva e de D. Alberto Cosme do Amaral presentes na ala conciliar, mas teremos oportunidade de ver os seus contributos, na última parte deste trabalho. Dedicámo-la à presença da receção do Concílio na diocese do Porto, nas páginas do jornal *A Voz do Pastor*.

³⁶⁰ Muitas vezes sob pseudónimo, como se apurou.

CAPÍTULO III

O IMPACTO DA RECEÇÃO CONCILIAR PORTUCALENSE EM *A VOZ DO PASTOR*

O jornal *A Voz do Pastor* foi um grande promotor da mensagem conciliar, tanto no que disse a respeito do Concílio, como também no acompanhamento da vivência conciliar na diocese do Porto. Foi um dos instrumentos para a tomada de consciência do Concílio na diocese. Como jornal diocesano, acompanhou a sua receção num dos períodos mais conturbados, mas também cheio de intensas experiências de fé.

As palavras do administrador apostólico foram as que mais marcaram o período estudado. Antes do Concílio, começou a preparar os diocesanos por meio de escritos e alocuções pastorais. Os textos com referência especial à vida diocesana só apareceram, contudo, na proximidade da abertura do Concílio. Novamente, foram as intervenções de D. Florentino que marcaram a época dos trabalhos conciliares, quer nas entrevistas concedidas, quer em algumas intervenções ou documentos oficiais. Progressivamente, a aprovação dos documentos conciliares gerou uma onda de renovação e de interesse pelas temáticas conciliares, que possibilitou na diocese um proliferar de iniciativas de formação bastante aplaudidas. O tema que suscitou mais interesse foi o da liturgia, após a aprovação da *Sacrosanctum Concilium*. Para a dinamização litúrgica na diocese foram criadas as Comissões Diocesanas de Música Sacra e de Liturgia.

A vivência da Missão Diocesana, do Jubileu Pós-conciliar, do Ano da Fé e o regresso de D. António à diocese foram momentos propícios à reflexão e a um despertar do sentido de Igreja diocesana também em termos conciliares. De 1966 a 1969, mostraram-se profundamente marcantes as diversas iniciativas de formação cultural, a

criação do Conselho Presbiteral, a reunião do clero e os preparativos para a criação da *Voz Portucalense*. No fundo, pode-se concluir que o Concílio chegou ao Porto de forma um pouco ténue, mas foi-se enraizando e dando frutos na diocese, como comprovam as páginas de *A Voz do Pastor*.

1. A preparação e a vivência do Concílio na diocese do Porto

Estudar um Concílio numa diocese, a partir de um jornal, implica antes de tudo que nos abeiremos das primeiras reações à sua realização. Na diocese do Porto, o Concílio preparou-se sobretudo pelo ardor de D. Florentino que, não raras vezes, falou acerca dele, tendo em vista o seu bom acolhimento e a chamada de atenção para os tempos eclesiais que se avizinhavam. Do mesmo modo se conheceram outras manifestações favoráveis. De facto, diversos pronunciamentos e ações diocesanas, em concreto, permitiram que aquilo que dimanava do Concílio começasse a ser recebido na diocese ainda durante a sua realização, como demonstra a criação de comissões diocesanas destinadas a implementar a *Sacrosanctum Concilium*. Nos campos da liturgia e da Sagrada Escritura foi um tempo rico de publicações e de atividades formativas.

1.1. Uma diocese em preparação

Apesar do Concílio ter sido anunciado a 25 de janeiro de 1959, não existem referências com direta incidência na vida diocesana até 1961. Encontramos menções aos trabalhos preparatórios, como reportámos no capítulo anterior. A provisão de 8 de maio de 1961, de D. Florentino, foi a primeira alusão de relevo no jornal diocesano, sobre o tema que aqui tratamos³⁶¹. O administrador apostólico apoiou a iniciativa papal, dando conta do interesse do santo padre no bom êxito do futuro Concílio e da atitude compreensiva que havia recebido por parte de toda a cristandade. D. Florentino pedia ao clero e aos fiéis que tivessem bem presente, tal como pedira o papa, a intenção pelo Concílio durante a novena do Pentecostes, nas igrejas paroquiais e em todos os oratórios em que se celebrasse o mês de Maria. Exortava os sacerdotes «a que nas homilias,

³⁶¹ Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Cúria Episcopal do Porto: Provisão. *VPast.* (13 mai. 1961) 1.

alocações (e outros meios apropriados), esclareçam oportunamente o povo de Deus sobre a natureza e os fins transcendentais dos Concílios Ecumênicos»³⁶².

Somente no ano seguinte, na festa diocesana da catequese, subordinada ao tema do Concílio, nos chegaram novos dados a este respeito. Assim, dos mais novos aos mais velhos, começam a preparar os diocesanos para o acolhimento do grande acontecimento eclesial que se aproximava³⁶³. A iniciativa foi aplaudida por todos, incluindo o papa:

«Foi também lição oportuna esta reunião magna, a viver a ideia do Concílio Ecumênico, em união com o Santo Padre, a quem foi previamente endereçado um telegrama. S. Santidade dignou-se vir ser presente em espírito, enviando a mensagem cuja leitura abriu a festa: “Augusto Pontífice comprazendo-se reunião criancinhas Catequese toda Diocese do Porto faz votos que tal seja portadora frutos vida cristã e concede paternal Bênção Apostólica. Cardeal Cicognani”»³⁶⁴.

Dias depois, a 31 de maio, D. Florentino escreveu uma carta pastoral intitulada *O Concílio Ecumênico no mundo de hoje*. A aproximação do grandioso acontecimento exigia palavras aos fiéis e aos clérigos. O documento denota uma grande esperança naquilo que o Concílio poderia realizar. A grande preocupação do administrador residia na renovação interna da Igreja, ainda que admitisse que isso pudesse gerar contradições. Havia uma clara intenção de defender a vida humana e a humanidade face aos erros dos tempos que se viviam. D. Florentino confessou que parte dessas atrocidades eram devidas ideais marxistas. Se, por um lado, baseou grande parte da sua fundamentação na crítica ao comunismo, por outro não se pronunciou sobre pretensas ideologias de direita. Apelava também a uma confiança e dedicação para que Deus se fizesse presente em todas as dimensões da vida humana. Em suma, esta pastoral foi um meio de sensibilização do povo de Deus para o acontecimento que estava em preparação, mesmo se não acrescentou muito ao que sobre o Concílio se vinha dizendo no jornal³⁶⁵.

Dando continuidade aos esforços de promoção conciliar, D. Florentino publicou pouco depois uma oração das crianças pelo Concílio, concedendo 100 dias de indulgência a quem a rezasse: «Jesus, Amigo das Crianças, ouvimos o pedido do Santo Padre e queremos que as nossas orações e sacrifícios, unidos aos Teus, atraiam sobre o Concílio as luzes do Espírito Santo. Amen»³⁶⁶. Mais uma vez, antes da sua partida para participar

³⁶² PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Cúria, 1.

³⁶³ Cf. CATEQUESE em festa: Concílio em foco. *VPast.* (26 mai. 1962) 1.3.

³⁶⁴ CATEQUESE em festa, 3.

³⁶⁵ Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – O Concílio Ecumênico no mundo de hoje. *VPast.* (9 jun. 1962) 1-3.

³⁶⁶ Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Oração das crianças pelo Concílio. *VPast.* (16 jun. 1962) 1.

na primeira sessão do Vaticano II, que estava prevista para 8 de outubro de 1962³⁶⁷, o administrador apostólico do Porto deixava algumas orientações:

«1. Nas vésperas do Concílio e durante a sua celebração, esforcem-se os fiéis por se imbuírem mais de espírito cristão; purifiquem as suas almas na penitência e aspirem mais eficazmente à santidade de vida. O Rev.º Clero e todas as almas consagradas não se desobriguem de dar, perante o povo de Deus, o melhor exemplo.

2. Em todos os exercícios de piedade celebrados nas igrejas, capelas e oratórios semi-públicos, continuarão a fazer-se preces pelo êxito do Concílio. Pela mesma intenção será especialmente oferecida a devoção do Santo Rosário que por toda a parte deverá celebrar-se no próximo mês. Integrada nessa devoção, deverá realizar-se a Novena do Espírito Santo, a começar no dia 2 de Outubro ou, logo que possa ser, em um dos dias seguintes. Sejam os fiéis exortados a comparecerem a estes actos sagrados e a incluírem na sua própria oração individual e familiar as intenções do Concílio.

3. No dia 11 de Outubro, ao meio-dia, os sinos de todas as igrejas da Diocese deverão repicar festivamente a anunciar a abertura do Concílio. Ao longo das cidades vilas e aldeias, a alma cristã de todo o povo há-de então vibrar de júbilo e prece e de um amor mais entranhado à Santa Igreja de Deus.

4. A “Equipa Sacerdotal pro Concílio” oficialmente constituída não deixará de cumprir, com inteligência e zelo, a missão de que foi incumbida»³⁶⁸.

Mais algumas notícias merecem destaque, no contexto da abertura do Concílio: a Casa da Boa Imprensa publicitou uma série de livros que versavam sobre os concílios da Igreja³⁶⁹; a Ação Católica organizou uma velada de oração a realizar-se no dia 10 de outubro, respondendo ao apelo do papa³⁷⁰; Armindo Lopes Coelho³⁷¹, na *Oração de sapiência*, realizada no Seminário Maior, proferiu algumas palavras sobre a importância de um Concílio Ecuménico para a vida da Igreja, bem como as condições para a sua realização³⁷².

Neste período, o mais importante foi informar e preparar os diocesanos do Porto para o Concílio. O jornal diocesano publicou artigos e pronunciamentos sobre algumas temáticas, mas não era suficiente. A formação dos fiéis tinha de passar também pelo empenho dos sacerdotes. O administrador apostólico insistia, por isso, que se cumprisse

³⁶⁷ O SENHOR D. Florentino de Andrade e Silva partirá para Roma no dia 8. *VPast.* (29 set. 1962) 2.

³⁶⁸ PORTO. Secretaria Episcopal – Concílio Ecuménico: Nota da Secretaria Episcopal. *VPast.* (6 out. 1962) 1.

³⁶⁹ Cf. SOBRE o Concílio. *VPast.* (6 out. 1962) 3.

³⁷⁰ Cf. VELADA nacional de oração na vigília do Concílio Ecuménico. *VPast.* (6 out. 1962) 2.

³⁷¹ Naquela altura era professor de teologia no Seminário Maior. Mais tarde será bispo de Viana do Castelo (1982-1997) e do Porto (1997-2007).

³⁷² Cf. UM CONCÍLIO na vida da Igreja: (Síntese parcial da “oração de sapiência” do rev. dr. Armindo Lopes Coelho, no Seminário Maior). *VPast.* (13 out. 1962) 1.3.

a vontade do papa. Igualmente, não causa surpresa a existência de livros ou catequeses sobre a temática. Tudo o que se dizia era bastante incerto. Todas as expectativas acabaram por ser superadas ou vincadas a partir de outubro de 1962.

1.2. Uma diocese em marcha conciliar

Desde que se escancararam as portas da basílica de S. Pedro para nela entrarem os padres conciliares, a Igreja abriu-se a novas propostas e desafios. O mesmo aconteceu com a diocese do Porto, embora nos primeiros tempos as notícias continuassem a ser escassas. De Roma, através da Rádio Vaticano, D. Florentino saudou os diocesanos, dando conta do carácter extraordinário daquele acontecimento para a Igreja, que agora seria mais capaz de integrar tanto os de dentro, como os de fora, e acrescentando que, apesar dos trabalhos, os bispos continuavam unidos às suas dioceses, espiritualmente³⁷³. Voltou a referir-se ao Concílio, por ocasião da festa dos jornalistas, já depois do encerramento da primeira sessão:

«Desta vez, a nossa comemoração salesiana ocorre em tempo conciliar. Frente às negociações de hoje, o Concílio é a maior afirmação de Deus e o mais ingente esforço pelo Triunfo da verdade, do direito e da esperança. Parece inegável que o mundo se apercebeu disso, assistiu-se a um despertar de sensibilidade e atenção em torno do problema religioso, e por toda a parte a imprensa diária e periódica mostrou não haver perdido nem a perspectiva nem o apreço dos mais altos valores. E o mundo tem um sobejo motivo de esperar, quando os homens da pena perseveram fiéis a Deus e ao espírito»³⁷⁴.

Na segunda sessão, D. Florentino pronunciou-se outra vez numa entrevista a António Reis, reproduzida no *Novidades*, na qual deu a conhecer os frutos que previa e antevia para a diocese do Porto:

« - Mais completa adesão à Santa Igreja e mais perfeita identidade com ela, já da parte do clero, já da parte do laicado, no pensamento, na apreciação dos valores, nos critérios da acção; e assim, mercê dum trabalho ministerial, apostólico e cultural mais intenso e actualizado, formação e revigoração da genuína mentalidade católica, que trará consigo a purificação dos costumes e a inquietação da santidade, uma profunda

³⁷³ Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – O Concílio é, para todos, uma epifania ou revelação da Igreja: para muitos, será também a revelação surpreendente do seu próprio lugar dentro dela - disse, na emissora do Vaticano, o senhor D. Florentino de Andrade e Silva. *VPast.* (24 nov. 1962) 1.3.

³⁷⁴ PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Fidelidade à verdade: homilia do venerando administrador apostólico na festa dos jornalistas e homens de letras. *VPast.* (9 fev. 1963) 5.

recristianização da família e da educação, o fortalecimento do apostolado organizado e dos movimentos de espiritualidade, o incremento das vocações de consagração, o sentido da justiça social e o amor dos irmãos pobres, enfim, um espírito de solidariedade diocesana, inter-diocesana e ecuménica, próprio dos filhos da Igreja»³⁷⁵.

Pouco depois, escreveu uma carta pastoral aos diocesanos acerca das vocações, lembrando, todavia, que a temática ainda não havia sido tratada pelo Concílio³⁷⁶. Após a promulgação da *Sacrosanctum Concilium*, o administrador apostólico escreveu um comentário para o jornal *Novidades*, sobre a Constituição e as novas normas do ofício divino, reproduzido pela *A Voz do Pastor*. A notícia referia que numa primeira fase era obrigatória a tomada de consciência dos fiéis através de uma doutrinação no âmbito da liturgia e uma participação consciente nos atos litúrgicos. Outras reformas implicariam a aprovação dos bispos e conferências episcopais, pelo que demorariam algum tempo até serem implementadas³⁷⁷. Deste modo, o *Novidades* continuava a contribuir para a receção conciliar no Porto.

Não foram só as palavras do administrador apostólico que ganharam relevo, como mostra a preparação da Semana de Formação Apostólica sobre o tema *Na hora do Concílio*, promovida por parte da junta diocesana da Ação Católica. Os trabalhos desenvolveram-se de 28 de janeiro a 2 de fevereiro de 1964 e tiveram como pano de fundo o discurso do papa Paulo VI pronunciado na abertura da segunda sessão conciliar, sobre Cristo, o mistério da Igreja e a Igreja no mundo³⁷⁸. Para local das conferências, foi escolhido o colégio de Nossa Senhora do Rosário. Entre os conferencistas encontrava-se D. Manuel de Almeida Trindade, bispo de Aveiro³⁷⁹. Também estava em preparação mais um curso de formação para os sacristães da diocese subordinado à temática da Santa Missa³⁸⁰.

Em 1964 ainda não existia um organismo diocesano que coordenasse a liturgia. Iniciaram-se os passos em ordem à aplicação da *Sacrosanctum Concilium*. Foram publicados, sem menção de autoria, alguns esclarecimentos referentes à mudança na

³⁷⁵ REIS, António – Conhecer a Igreja será um dos maiores frutos do Concílio - declarou às “Novidades” o senhor administrador apostólico do Porto. *VPast.* (2 nov. 1963) 4.

³⁷⁶ Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Vocações sacerdotais: Carta pastoral do venerando administrador apostólico do Porto. *VPast.* (23 nov. 1963) 5-8.

³⁷⁷ Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – A Constituição da sagrada liturgia: O ofício divino. *VPast.* (21 dez. 1963) 1.4; Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – A Constituição da sagrada liturgia: O ofício divino (II). *VPast.* (28 dez. 1963) 1.5.

³⁷⁸ Cf. SEMANA de formação apostólica. *VPast.* (4 jan. 1964) 1.

³⁷⁹ Cf. NA HORA do Concílio: Semana de Formação Apostólica. *VPast.* (11 jan. 1964) 2.

³⁸⁰ Cf. CURSO de formação para sacristães. *VPast.* (11 jan. 1964) 3.

liturgia da palavra durante a missa, bem como às alterações das normas sobre a celebração de matrimónios e funerais³⁸¹. Em maio, a Secretaria Episcopal emanou uma nota acerca do momento da comunhão e dos louvores ao Santíssimo Sacramento, que terminava com o apelo de oração e à instrução dos fiéis acerca do Concílio³⁸². Nos inícios de julho de 1964, o P. Gabriel da Costa Maia³⁸³ deu conta do papel crucial do serviço dos acólitos, de acordo com as novas normas litúrgicas. Para ajudar à criação e formação de grupos de acólitos por toda a diocese, colocou-se à disposição, na Casa da Boa Imprensa, o livro *Federação diocesana dos acólitos*, que continha normas práticas. Os seminaristas maiores ajudariam na formação durante as férias³⁸⁴. Um ano depois, Gabriel da Costa Maia voltou a falar no papel fundamental do serviço dos acólitos, na pureza com que os meninos desempenhavam as suas funções e no desejo de se efetivar a criação da Federação. No entanto, disse que não existia lugar na liturgia para acólitas³⁸⁵.

Os tempos conciliares de renovação pastoral e espiritual permitiram que a diocese do Porto se envolvesse, nesse mesmo espírito, num plano de renovação espiritual com uma duração de cinco anos. O projeto de D. Florentino tinha como objetivo uma Missão Diocesana, que contemplaria a visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima e a visita pastoral a toda a diocese³⁸⁶.

«Pretende-se revitalizar as estruturas apostólicas de cada paróquia, de modo a assegurar o prolongamento dos frutos da *Missão*. Partindo de uma coordenação diocesana, o planeamento prevê a distribuição da diocese por zonas pastorais, que serão percorridas, sucessivamente (uma quinzena por cada freguesia), por equipas de sacerdotes bem treinados nesse género de pregação»³⁸⁷.

A todos era solicitada a colaboração para este movimento de renovação. O início da *Missão Diocesana* estava marcado para novembro de 1964 e realizou-se em Penafiel e Oliveira de Azeméis, simultaneamente, com o auxílio de duas equipas de pregadores³⁸⁸. No esforço de visitar todas as comunidades, D. Florentino contou com D. Alberto Cosme do Amaral, seu bispo auxiliar. Um olhar sobre as páginas do jornal permite-nos

³⁸¹ Cf. AS ÚLTIMAS inovações litúrgicas: Esclarecimentos. *VPast.* (22 fev. 1964) 1.

³⁸² PORTO. Secretaria Episcopal – Nota da Secretaria Episcopal. *VPast.* (9 mai. 1964) 1.

³⁸³ Gabriel da Costa Maia (1930-2013), monsenhor, foi professor do Seminário de Vilar, professor de música e liturgia no Seminário Maior do Porto, professor de religião e moral, pároco da sé e pároco de Penafiel.

³⁸⁴ Cf. MAIA, Gabriel da Costa – Acólitos ao serviço do altar. *VPast.* (4 jul. 1964) 1.

³⁸⁵ Cf. MAIA, Gabriel da Costa – Nota sobre os acólitos. *VPast.* (13 mar. 1965) 5.

³⁸⁶ Cf. UM PLANO quinquenal para a renovação espiritual da diocese do Porto. *VPast.* (31 out. 1964) 1.5.

³⁸⁷ UM PLANO quinquenal, 1.

³⁸⁸ Cf. ABRE amanhã a Missão Diocesana. *VPast.* (28 nov. 1964) 3; A DIOCESE entrou em “estado de missão”. *VPast.* (12 dez. 1964) 5.

acompanhar com alguma regularidade o ponto de situação de cada visita pastoral e alguns resultados das missões populares que se iam realizando em cada terra, na rubrica *A diocese em missão*³⁸⁹. As notícias referentes a este assunto limitam-se a programar ou a descrever os acontecimentos. A última referência é de 21 de junho de 1969, data em que D. António já se encontrava em Fátima³⁹⁰.

Decorridas três sessões conciliares, previa-se que 1965 fosse um ano bastante frutífero, no que dizia respeito à receção conciliar no Porto. Na Semana da Unidade dos Cristãos, foi organizada a habitual cadeia de oração, a que se juntou, porém, uma parte formativa. Assim, decorreram de 17 a 25 de janeiro diversas conferências, no Seminário Maior, subordinadas a este assunto³⁹¹. A Semana de Formação Apostólica de 1965 teve como tema a Bíblia³⁹². Seguiu-se-lhe o Dia Diocesano da Liturgia, um momento propício para a reflexão de temas atuais, relativos à visão conciliar acerca da liturgia e da sua renovação. No encontro, orientado por D. Tomás Gonçalinho, estiveram presentes cerca de 400 sacerdotes, número que demonstrava um interesse massivo pela questão³⁹³. A 6 de março de 1965 podemos ler:

«Começam a colher-se já os frutos do Concílio Ecuménico Vaticano II. As elites e mesmo o povo das mais remotas freguesias dão-se conta de uma “primavera” a encher de vida, cor e perfume a cristandade. [...] Os fiéis, devidamente preparados, entram gostosamente no espírito e na letra da reforma litúrgica. É ver como acorrem às sessões sobre a Liturgia, como se deixam ficar o tempo necessário após as Missas dominicais para os ensaios devidos. Isto na cidade e na província»³⁹⁴.

Foi lançada na diocese uma campanha que visava pôr os cristãos em contacto com as fontes cristãs. Não bastava ouvir a palavra de Deus na liturgia, mas era necessário que ela fosse lida e meditada em família e individualmente. Neste sentido, os catequistas ocupavam um lugar de destaque no trabalho de anúncio e acompanhamento. Por isso, entregaram-se Bíblias aos catequistas em diversas paróquias e foram incentivados a prepararem-se para manusearem a Bíblia. A *Mensagem*³⁹⁵ ajudaria nessa formação. Proliferaram também pela diocese dias de formação e cursos de iniciação bíblica³⁹⁶.

³⁸⁹ Cf. A DIOCESE em missão. *VPast.* (26 fev. 1966) 4.

³⁹⁰ Cf. A DIOCESE em missão. *VPast.* (21 jun. 1969) 2.

³⁹¹ Cf. UMA SEMANA da unidade cristã que deve interessar à cidade. *VPast.* (16 jan. 1965) 4.

³⁹² Cf. FOI um êxito a Semana de Formação Apostólica para o estudo da bíblia. *VPast.* (6 fev. 1965) 1.6.

³⁹³ Cf. O CLERO portugalense vai estudar a reforma litúrgica. *VPast.* (6 fev. 1965) 1; CERCA DE 400 sacerdotes diocesanos e regulares participaram no Dia Diocesano de Liturgia. *VPast.* (13 fev. 1965) 1,3.

³⁹⁴ A BÍBLIA, a liturgia e a catequese. *VPast.* (6 mar. 1965) 5.

³⁹⁵ Publicação mensal do Secretariado Diocesano de Educação Cristã. Foi publicada pela primeira vez em outubro de 1956.

³⁹⁶ Cf. A BÍBLIA, 6.

A 9 de março de 1965 foram constituídas as Comissões Diocesanas de Liturgia e de Música Sacra. A primeira foi constituída de acordo com o previsto no número 45 da *Sacrosanctum Concilium* e o número 47 da instrução sobre liturgia de 1964, com o objetivo de «orientar, estimular, promover e coordenar a ação pastoral litúrgica na Diocese, de harmonia com as determinações e diretrizes da Santa Sé e demais autoridades Competentes³⁹⁷». Presidiria à Comissão D. Alberto Cosme do Amaral, coadjuvado pelos padres Domingos de Pinho Brandão, Américo Francisco Alves, Geraldo Coelho Dias, e Gabriel da Costa Maia na função de Secretário. A constituição desta Comissão tinha em vista a criação do Secretariado Diocesano de Ação Litúrgica, ao qual caberia a responsabilidade da aplicação dos planos elaborados pela Comissão³⁹⁸. A Comissão Diocesana de Música Sacra, formada no mesmo dia, de acordo com o número 46 da Constituição sobre a liturgia, destinava-se à

«defesa, cultivo e expansão do genuíno canto litúrgico e religioso com seu acompanhamento adequado, para apreciação das produções musicais que devam ser sujeitas à aprovação diocesana, para selecção criteriosa das peças já consagradas que possam, ou não, ser executadas durante os actos religiosos, e ainda para orientação e valorização das bandas de música e grupos corais que pretendam tomar parte em funções sagradas»³⁹⁹.

Deveria trabalhar em sinergia com outros organismos diocesanos. O P. António Ferreira dos Santos foi nomeado presidente da Comissão Diocesana de Música Sacra, juntamente com o P. Luís de Sousa Rodrigues e o P. Gabriel da Costa Maia como vogais⁴⁰⁰. Logo de seguida, já se previam as primeiras concelebrações eucarísticas na catedral, fora das ordenações e sagrações episcopais. A primeira concelebração teve lugar na missa crismal e concelebraram os vigários da vara. Na segunda concelebração, ocorrida na missa da ceia do Senhor, que dava início ao tríduo pascal, cocelebraram os párocos da cidade do Porto⁴⁰¹.

No mês de maio, *A Voz do Pastor* deu a conhecer as linhas gerais da Missão Diocesana com a publicação integral da carta pastoral *A diocese em missão*. D. Florentino referia que a missão se devia integrar na renovação conciliar, criando um clima perfeito

³⁹⁷ PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Comissão Litúrgica Diocesana. *VPast.* (27 mar. 1965) 1.4.

³⁹⁸ Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Comissão Litúrgica, 1.4.

³⁹⁹ PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Comissão Diocesana de Música Sacra. *VPast.* (27 mar. 1965) 4.

⁴⁰⁰ Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Comissão Diocesana de Música Sacra, 4.

⁴⁰¹ Cf. VAMOS ter duas “concelebrações” na sé. *VPast.* (10 abr. 1965) 2.

para a aplicação das reformas do Concílio, enquanto nos espíritos se efetuava uma mudança das consciências, se purificavam costumes e a fé se revigorava. Depois de expor o objetivo da missão, terminava com algumas diretrizes a ter em conta no decorrer das atividades. Pressupunha-se a visita da imagem peregrina aos diversos concelhos e a santa missão e visita pastoral a cada paróquia, entre outros momentos de oração e formação⁴⁰². A Missão Diocesana havia começado em novembro do ano anterior, como se disse. A 23 de julho de 1965 foi promulgada uma provisão sobre a homilia, na qual D. Florentino determinou algumas alterações, segundo as mudanças ocorridas na liturgia⁴⁰³. Às portas da quarta sessão conciliar, todos os fiéis são exortados por nova carta pastoral a orarem pelo Concílio. Continuavam a existir erros de perspectiva e expectativas falsas que, segundo o bispo, só seriam verdadeiramente ultrapassados mediante o recurso à oração e à fé⁴⁰⁴.

Finalmente, restaram apenas relatos factuais. A Casa da Boa Imprensa já tinha à disposição por esta altura várias obras relacionadas com o Vaticano II, tanto de autores estrangeiros, como de autores portugueses. Entre os diversos temas contavam-se a liturgia, o ecumenismo, a unidade e a renovação conciliar⁴⁰⁵. Respondendo ao apelo de Paulo VI, a diocese começou a preparar um tríduo pelo êxito do Concílio. A iniciativa integrar-se-ia na novena da Imaculada Conceição, entre os dias 5 a 7 de dezembro. No dia da Imaculada, cantar-se-ia o *Te Deum*, no final da missa das 11h na sé. Para assinalar a efeméride, a Mocidade Portuguesa Feminina encabeçou um movimento para que se iluminassem as casas na noite de 7 para 8 de dezembro⁴⁰⁶. Ao final da tarde de 9 de dezembro, D. Florentino e D. Alberto Cosme do Amaral foram recebidos calorosamente pelos diocesanos no Porto, com solene *Te Deum* e exposição do santíssimo, na catedral⁴⁰⁷.

Como podemos comprovar, as palavras de D. Florentino marcaram todos os momentos chave deste período. O início da visita pastoral à diocese com a vista da

⁴⁰² Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – A diocese em missão. Carta Pastoral. *VPast.* (8 mai. 1965) 1.4-5.

⁴⁰³ Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Provisão acerca da homilia. *VPast.* (31 jul. 1965) 1.4.

⁴⁰⁴ Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Exortação pastoral sobre o Concílio Ecuménico. *VPast.* (18 set. 1965) 1.3.

⁴⁰⁵ Cf. SOBRE O CONCÍLIO. *VPast.* (16 out. 1965) 4.

⁴⁰⁶ Cf. O TRÍDUO pelo Concílio. *VPast.* (4 dez. 1965) 1; Cf. NA SÉ catedral: Festa da Imaculada Conceição na hora do encerramento do Concílio. *VPast.* (4 dez. 1965) 1; ILUMINAÇÃO das casas. *VPast.* (4 dez. 1965) 1.

⁴⁰⁷ Cf. RECEPÇÃO aos srs. bispos no regresso do Concílio. *VPast.* (4 dez. 1965) 1; O SR. ADMINISTRADOR apostólico e o sr. bispo auxiliar foram acolhidos com vibrantes manifestações de carinho. *VPast.* (16 dez. 1965) 1.4.

imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, a criação das Comissões Diocesanas de Liturgia e Música Sacra e os primeiros trabalhos desenvolvidos foram momentos propícios para a recepção conciliar. Encontrámos relatos de vivências conciliares em clima diocesano, que exprimiam a preocupação pela formação dos fiéis através conferências, publicações e exortações pastorais. As informações eram inicialmente escassas, mas aumentaram com os trabalhos conciliares e a aprovação dos primeiros documentos. É provável que chegassem diretamente dos vários organismos diocesanos. Algumas também provieram de outras publicações, como é o caso do jornal *Novidades*.

Verificamos que a diocese do Porto se foi envolvendo claramente na recepção conciliar, mesmo antes dos documentos virem todos a lume e serem emanadas diretrizes para a sua aplicação. Alguns dinamismos então criados repercutiram-se até ao presente.

2. A recepção conciliar na diocese do Porto no pós-Concílio

A 8 de dezembro de 1965, encerrava-se o Concílio. Na Igreja do Porto, como em todo o mundo, ele estava bem presente e era muito desejada a sua recepção. Até à data do encerramento, a diocese do Porto foi promovendo algumas iniciativas. Contudo, os interesses estiveram muito voltados para a liturgia, assunto este que havia encontrado consenso, há mais tempo, entre os padres conciliares. Era necessário continuar esse trabalho, mas também pensar em dinâmicas, que se referissem a outros temas.

Debruçamo-nos agora sobre as repercussões conciliares que mais se fizeram sentir no período pós-conciliar até ao encerramento de *A Voz do Pastor*, em 1969. Depois de mostrarmos as iniciativas, os projetos e realizações que marcaram este período, destacamos a constituição do Conselho Presbiteral e as iniciativas de formação que marcaram a vida da diocese.

2.1. Um Concílio em recepção

Encerrado o Concílio, não esmoreceu o zelo para que ele fosse bem recebido na diocese. Quase a terminar o ano, no último dia de 1965, D. Florentino escreveu uma exortação pastoral para dar conta do Jubileu Pós-conciliar na diocese do Porto. Agradecido pela generosidade do papa em promulgar esta iniciativa, a celebrar entre 1 de janeiro e o Pentecostes de 1966, dava conta dos fins e da consciência eclesial que o

Concílio havia despertado nas consciências⁴⁰⁸. Como tivemos oportunidade de ver, desde 1964 estavam em marcha a Missão Diocesana e a visita pastoral a toda a diocese, factos que na visão do administrador diocesano ganhariam mais relevo com a sua associação às celebrações do Jubileu. Tendo o papa concedido indulgência plenária em algumas situações, D. Florentino desejava que os fiéis obtivessem essa graça, que tratava de explicar aos fiéis. Do mesmo modo, instituiu as peregrinações à catedral, a nível concelhio ou vicarial, e aumentou o número de pontificais⁴⁰⁹. Tal como acompanhava com breves relatos a Missão Diocesana, o jornal também procurou dar notícia das várias peregrinações à catedral inseridas no contexto do Ano Jubilar⁴¹⁰.

No mês de fevereiro, a Comissão Diocesana de Liturgia pronunciou-se sobre as normas litúrgicas da missa, para tirar algumas dúvidas, resolver problemas e esclarecer certas dificuldades⁴¹¹. Na prática litúrgica, tudo deveria proporcionar a manifestação de um espírito novo que animasse o celebrante e os seus variados cooperadores. Muito mais que «inovações litúrgicas, mais do que a presença de “actores” diversos e mais do que a própria disposição do ambiente, [seria], um “estilo novo” que havia de ajudar a conduzir os Fiéis à percepção e à compreensão das Santas Realidades que a Liturgia punha em acto»⁴¹². Dias depois, o P. Gabriel da Costa Maia, secretário da Comissão, fez um resumo da nota de esclarecimento, que veio a ser publicado no número de 5 de março do jornal⁴¹³.

Pouco mais se falou no jornal acerca do Ano Jubilar. Em dezembro de 1966 fizeram-se os preparativos para festejar o encerramento do Ano Jubilar na sé com solene pontifical e adiantava-se que no final da celebração, D. Florentino daria a bênção papal aos presentes⁴¹⁴. Naquele dia, falou da importância do papel de Maria como chave para a

⁴⁰⁸ Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Exortação pastoral sobre o Jubileu Pós-conciliar. *VPast.* (8 jan. 1966) 4-6.

⁴⁰⁹ Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Exortação pastoral sobre o Jubileu Pós-conciliar, 6.

⁴¹⁰ Cf. JUBILEU. *VPast.* (22 jan. 1966) 1; MILHARES de matosinhenses abriram a série das peregrinações jubilares: Apologia da sé catedral. *VPast.* Porto. (19 fev. 1966) 4.6; JUBILEU Pós-conciliar: Peregrinações à sé no mês de março. *VPast.* (12 mar. 1966) 1.

⁴¹¹ Cf. PORTO. Comissão Diocesana de Liturgia – Nota da Comissão Diocesana de Liturgia: Esclarecimentos e normas. *VPast.* (26 fev. 1966) 5-6.

⁴¹² Cf. PORTO. Comissão Diocesana de Liturgia – Nota da Comissão Diocesana de Liturgia: Esclarecimentos e normas, 6.

⁴¹³ Cf. MAIA, Gabriel da Costa – Resumo da nota da Comissão Diocesana de Liturgia. *VPast.* (5 mar. 1966) 5.

⁴¹⁴ Cf. NA SÉ catedral: Festa da padroeira e encerramento do Ano Jubilar do Concílio. *VPast.* (3 dez. 1966) 1.

compreensão do mistério de Cristo e da Igreja e pediu a intercessão da Imaculada para que velasse pela cidade do Porto de quem era a padroeira⁴¹⁵.

Entretanto, o jornal continuava a acompanhar as inovações litúrgicas. Em janeiro de 1967, a Comissão Diocesana de Liturgia publicou uma nova nota para resolver algumas dúvidas quanto às preces, à leitura do evangelho, homilia, cântico do ofertório, tom da recitação do cânon, comunhão dos fiéis, velas e anúncio de festas religiosas⁴¹⁶. A questão da restauração do diaconado, em Portugal, começava a colocar-se, mas pouco se sabia do que se pensava fazer a este respeito. Enquanto isso se ia refletindo, no Porto, haviam-se iniciado algumas experiências de estágio diaconal para os candidatos ao presbiterado, de modo a que os futuros presbíteros estivessem mais preparados para enfrentarem os novos desafios eclesiais⁴¹⁷. Por altura da Quaresma de 1968, existiam algumas dificuldades decorrentes da grande afluência de penitentes aos confessionários e a insuficiente preparação dos confessores, bem como da falta de exame de consciência. Gabriel da Costa Maia colocou ao dispor material para que se fizessem celebrações penitenciais que permitissem aos fiéis uma boa preparação para receberem o sacramento da reconciliação. Segundo o secretário da Comissão Diocesana de Liturgia, a iniciativa surgiu da reflexão acerca da *Sacrosanctum Concilium*, que recomendava que se fizesse perceber aos penitentes a importância daquele sacramento e das consequências do pecado, assim como o papel da comunidade no processo do penitente. Foi colocado à disposição um esquema de celebração penitencial e uma fita magnética com cânticos e textos para as confissões⁴¹⁸.

Chegados a meados de 1969, previam-se grandes mudanças na vida diocesana. D. António Ferreira Gomes viu-se livre do impedimento de entrada em Portugal, por parte do Governo, e iniciou a sua viagem de regresso a 18 de junho, dirigindo-se para Fátima. Aí permaneceu até ser resolvida a questão da Administração Apostólica de D. Florentino⁴¹⁹. Reassumiu o governo da diocese a 2 de julho⁴²⁰ e deu entrada no paço episcopal no dia 5⁴²¹. Recebendo os jornalistas no paço, frisou que o seu programa seria

⁴¹⁵ Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – A mensagem da Imaculada Conceição para o nosso tempo. *VPast.* (17 dez. 1966) 1.3.

⁴¹⁶ Cf. PORTO. Comissão Diocesana De Liturgia – Nota da Comissão Diocesana de Liturgia. *VPast.* (14 jan. 1967) 5.

⁴¹⁷ A RESTAURAÇÃO do diaconado em Portugal. *VPast.* (1 abr. 1967) 3.

⁴¹⁸ Cf. MAIA, Gabriel da Costa – Celebração comunitária da penitência. *VPast.* (2 mar. 1968) 4.

⁴¹⁹ Cf. O REGRESSO a Portugal do senhor bispo do Porto. *VPast.* (28 de jun. 1969) 1.5.

⁴²⁰ Cf. PORTO. Bispo, 1952-1982 (António Ferreira Gomes) – Mensagem do senhor bispo aos seus diocesanos: “À nossa Igreja episcopal do Porto”. *VPast.* (5 jul. 1969) 1.5.

⁴²¹ Cf. PARA A HISTÓRIA...: A reentrada do pastor na Igreja Portucalense. *VPast.* (12 jul. 1969) 1.5.

«realizar a obra da Igreja, na linha do Vaticano II e a caminho do Vaticano III, tendo em conta o Vaticano I e até o Concílio de Trento, mas sem voltar para trás»⁴²². O regresso do bispo ficou também marcado por uma renovação da cúria, nomeadamente com a nomeação do P. Manuel Martins para o cargo de vigário geral e do P. Arnaldo Cardoso de Pinho para seu secretário particular⁴²³. Com a chegada do bispo, cessava, igualmente, a *Missão Diocesana*. Um mês depois, D. Alberto Cosme do Amaral foi nomeado bispo auxiliar de Coimbra⁴²⁴.

Numa entrevista concedida ao *Boletim de informação pastoral*⁴²⁵, reproduzida na *A Voz do Pastor*, o bispo do Porto referiu que na diocese, depois do Concílio, era necessário estruturar o Conselho de Pastoral em que leigos e padres teriam espaço para se manifestarem. Esperava, também, que o Conselho Presbiteral funcionasse realmente, de maneira a que os padres pudessem participar nas responsabilidades e na tomada de decisões. Considerava que os acontecimentos vividos tinham ajudado ao crescimento espiritual da diocese⁴²⁶ e aludiu à necessidade de se repensar a imprensa católica no quadro diocesano⁴²⁷. No dia 8 de dezembro de 1969, celebrou missa pontifical com *Te Deum*, como forma de assinalar o centenário da abertura do I Concílio Vaticano. A comemoração daquela data permitiu mostrar a adaptação da Igreja aos novos tempos e também que o I Concílio do Vaticano foi importante para o que se lhe seguiu⁴²⁸.

Fruto das diretrizes conciliares, a reunião com o clero pautou-se pela plena abertura e diálogo. A renovação diocesana desejada por D. António Ferreira Gomes levou à convocação de uma reunião, com todo o clero, tendo por objetivo o debate de diversos assuntos da vida diocesana. Nessa reunião, resumida no jornal, o bispo falou sobre alguns princípios de reorganização diocesana, definindo o poder do vigário geral e anunciando a criação de vigários episcopais para alguns setores: ministério e educação eclesiástica; clero paroquial e pastoral; educação e cultura; religiosos e associações de fiéis. Entre

⁴²² PORTO. Bispo, 1952-1982 (António Ferreira Gomes) – O bispo tem de ser o homem de todos ao serviço do povo de Deus e de todos os homens de boa vontade - afirmou o senhor D. António Ferreira Gomes. *VPast.* (12 jul. 1969) 1.5.

⁴²³ Cf. NOMEAÇÕES diocesanas. *VPast.* (5 jul. 1969) 1.5.

⁴²⁴ Cf. O SR. D. ALBERTO Cosme do Amaral foi nomeado bispo auxiliar de Coimbra. *VPast.* (20 set. 1969) 1.

⁴²⁵ O *Boletim de informação pastoral* é o título da publicação do Secretariado de Informação Religiosa, organismo da Conferência Episcopal Portuguesa, publicado entre 1959-1970.

⁴²⁶ Cf. O SENHOR bispo do Porto fala de alguns problemas da diocese [Entrevista ao *Boletim de informação pastoral*]. *VPast.* (13 set. 1969) 1.4.

⁴²⁷ Cf. ALGUNS problemas da diocese analisados pelo senhor bispo (Conclusão) [Entrevista ao *Boletim de informação pastoral*]. *VPast.* (20 set. 1969) 1.5.

⁴²⁸ Cf. PORTO. Secretaria Episcopal – Nota da Secretaria Episcopal: Concílio do Vaticano I. *VPast.* (6 dez. 1969) 1.

outros assuntos falou-se, ainda, sobre a composição da cúria diocesana e a organização das zonas pastorais⁴²⁹.

O último facto que marcaria a diocese como resultado das ideias conciliares, no tempo de *A Voz do Pastor*, foi a reestruturação do jornal diocesano que passou a designar-se *Voz Portucalense*, em janeiro de 1970⁴³⁰. Com esta medida concretizou-se o desejo de repensar a imprensa católica na diocese, que D. António trazia do exílio e expôs na sua entrevista ao *Boletim de informação pastoral*⁴³¹. A Missão Diocesana e as peregrinações à catedral foram os momentos mais marcantes da receção conciliar na diocese do Porto, pois envolveram todas as comunidades, como se depreende do jornal. No entanto, outros factos marcariam a vida da diocesana, designadamente a criação do Conselho Presbiteral e as iniciativas de formação.

2.2. Os primeiros passos do Conselho Presbiteral

A criação do Conselho Presbiteral diocesano, em 21 de dezembro de 1967, revelou-se uma iniciativa que marcou profundamente a receção do Concílio na diocese. Com esta proposta conciliar⁴³² pretendia-se que todos os presbíteros presentes na diocese se fizessem representar num único organismo que permitisse ao bispo contactar mais diretamente com os problemas e anseios da sua grei. O organismo tinha apenas um carácter consultivo. O Conselho era composto por membros que o integravam por inerência do cargo, por membros eleitos e por membros nomeados pelo bispo. Os membros eleitos e nomeados tinham um mandato de três anos e as reuniões teriam lugar ordinariamente uma vez por mês, excetuando-se o período de férias de verão⁴³³.

No mesmo dia, o jornal publicava as normas para a eleição dos membros. Alguma dúvida durante o processo de eleição deveria ser reportada à Secretaria Geral da Cúria Diocesana⁴³⁴. Posteriormente, a Secretaria Episcopal emitiu uma nota na qual deu a

⁴²⁹ Cf. NA REUNIÃO do prelado com o clero do Porto debateram-se importantes problemas. *VPast.* (26 dez. 1969) 3.

⁴³⁰ Cf. I Capítulo: 3.3.

⁴³¹ Cf. ALGUNS problemas da diocese, 1.5.

⁴³² No decreto de criação apontam-se estes documentos: *Christus Dominus* n.º 27; *Presbyterorum Ordinis* n.º 7; *Motu-próprio* de S. S. o Papa Paulo VI *Ecclesiae Sanctae* n.º 15.

⁴³³ Cf. PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – É criado o Conselho Presbiteral na diocese: Decreto. *VPast.* (6 jan. 1968) 1.4.

⁴³⁴ NORMAS para a eleição dos membros do Conselho Presbiteral da diocese do Porto. *VPast.* (6 jan. 1968) 1.4.

conhecer os membros natos, eleitos e nomeados do recém-criado Conselho Presbiteral, que se iria reunir pela primeira vez no dia 5 de fevereiro, pelas 15 horas⁴³⁵.

Durante o período que estudámos, decorreram algumas reuniões do Conselho, que o jornal pontualmente foi noticiando. Descrevia as reuniões, sem entrar em pormenores sobre as discussões. Os trabalhos iniciavam-se com um momento de reflexão, seguindo-se os assuntos em agenda. A partir da leitura da notícia das primeiras três reuniões, percebe-se, que para tratamento dos assuntos mais importantes, seriam criadas comissões de trabalho que apresentassem propostas ao Conselho: Comissão Organizadora da Peregrinação Diocesana a Fátima; Comissão para a Doutrina da Fé; Comissão para a Revisão da Legislação sobre as Festas Religiosas; Comissão para os Meios de Comunicação Social. Decidiu-se que as reuniões do Conselho Presbiteral teriam lugar na primeira segunda-feira do mês às 15 horas, e que o secretário seria o P. Albino Moreira, vice-reitor do Seminário Maior⁴³⁶. Começou a troca de impressões sobre a criação do Conselho Pastoral:

«Foram recordadas as suas finalidades de estudo, fomento e coordenação da pastoral diocesana e reflectido um modo possível de organização (assembleia plenária, centro diocesano de acção pastoral e respectiva secretaria), refletiu-se um pouco sobre o critério da escolha dos seus membros, e concluiu-se com a ideia de que o Conselho Pastoral não pode ser repentinamente improvisado, nomeadamente porque carece de elementos promotores competentes e disponíveis»⁴³⁷.

Depois de se darem a conhecer as três primeiras reuniões, só se publicaram notícias dos encontros de junho, novembro e dezembro daquele ano e dos de fevereiro e março de 1969. O conselho não se reuniu nos meses de julho, agosto e setembro de 1968 e em abril de 1969. Os principais assuntos em agenda foram os problemas da comunhão solene e profissão de fé, o ritual das exéquias, o cumprimento do preceito dominical na missa vespertina⁴³⁸, o Ano da Fé, a peregrinação a Fátima, o Dia Mundial dos Meios de Comunicação Social⁴³⁹, o *Credo* de Paulo VI, a encíclica *Humanae Vitae*, a Faculdade de

⁴³⁵ PORTO. Secretaria Episcopal – Nota da Secretaria Episcopal: Conselho Presbiteral. *VPast.* (3 fev. 1968) 1.4.

⁴³⁶ Cf. REUNIÃO-SE pela primeira vez o Conselho Presbiteral do Porto. *VPast.* (10 fev. 1968) 2; REUNIÃO do Conselho Presbiteral: Nota da Secretaria. *VPast.* (9 mar. 1968) 3; PORTO. Secretaria do Conselho Presbiteral – Conselho Presbiteral do Porto: Reunião de 1 de abril de 1968. *VPast.* (6 abr. 1968) 3.

⁴³⁷ PORTO. Secretaria do Conselho Presbiteral – Conselho Presbiteral do Porto: Reunião de 1 de abril de 1968, 3.

⁴³⁸ Cf. PORTO. Secretaria do Conselho Presbiteral – Conselho Presbiteral do Porto: Reunião de 1 de abril de 1968, 3.

⁴³⁹ Cf. CONSELHO Presbiteral da diocese do Porto: Reunião de 3 de junho de 1968. *VPast.* (8 jun. 1968) 2.

Teologia em Lisboa, a abertura do Seminário do Bom Pastor, o Conselho Pastoral, as zonas pastorais⁴⁴⁰, o Secretariado Diocesano da Catequese, o património artístico das igrejas⁴⁴¹, a legislação sobre as festas e a sustentação do clero⁴⁴².

Os relatos existentes em *A Voz do Pastor* não nos permitem avaliar o correto funcionamento do Conselho Presbiteral. O que chega à mão dos leitores é a preocupação do administrador apostólico em ouvir os padres e de com eles preparar e debater a vida da diocese. Foi dado particular destaque aos assuntos do momento. Não se percebe se os resumos das restantes reuniões não chegaram ao jornal. Quando o bispo do Porto retomou funções, o Conselho existia há pouco mais de um ano e era natural que fosse necessário fazer alguns melhoramentos no seu funcionamento. D. António Ferreira Gomes demonstrou que era seu desejo que o Conselho Presbiteral funcionasse verdadeiramente, como afirmou na entrevista concedida ao *Boletim de informação pastoral*⁴⁴³. Não se encontra no jornal qualquer comentário de D. Florentino ao funcionamento do Conselho, nem quais as mudanças que D. António pretendia implementar. Resta ainda referir que as notícias eram da autoria da Secretaria do Conselho Presbiteral. Existem, no entanto, algumas não assinadas.

2.3. A formação para a vivência conciliar

Uma das prioridades da diocese e dos seus organismos foi a formação permanente quer dos padres e religiosos, quer dos leigos. No pós-Concílio, para além das diretrizes diocesanas, *A Voz do Pastor* deu particular relevância às conferências que se foram fazendo na diocese e que versavam sobretudo sobre as temáticas conciliares. Neste âmbito, salienta-se o papel fundamental do Centro de Cultura Católica e da Ação Católica, entre outros organismos.

Como já tivemos oportunidade de ver, este tipo de iniciativas já tinha decorrido antes e durante o Concílio, com o mesmo propósito. A sua frequência do curto período

⁴⁴⁰ Cf. CONSELHO Presbiteral da diocese do Porto: Reunião de 4 de novembro de 1968. *VPast.* (9 nov. 1968) 4.

⁴⁴¹ Cf. PORTO. Secretaria do Conselho Presbiteral – Conselho Presbiteral da diocese do Porto: Reunião de 2 de dezembro 1968. *VPast.* (14 dez. 1968) 2.

⁴⁴² Cf. PORTO. Secretaria do Conselho Presbiteral – Conselho Presbiteral da diocese do Porto: Reunião de 3 de fevereiro de 1969. *VPast.* (15 fev. 1969) 1; PORTO. Secretaria do Conselho Presbiteral – Conselho Presbiteral da diocese do Porto: Reunião de 3 de março de 1969. *VPast.* (15 mar. 1969) 4.

⁴⁴³ Cf. O SENHOR bispo do Porto fala de alguns problemas da diocese [Entrevista ao *Boletim de informação pastoral*]. *VPast.* (13 set. 1969) 1.4.

subsequente ao Concílio revela, contudo, que foram marcando o ritmo da recepção conciliar. O mote foi dado por D. Florentino numa exortação pastoral sobre o Jubileu Pós-conciliar, em finais de 1965:

«Nos institutos da Igreja, nas associações e movimentos de apostolado, estudem-se os documentos conciliares; e, onde for oportuno, com nossa prévia autorização, promovam-se palestras sobre os mesmos temas, apresentados por pessoas competentes e de orientação segura, em benefício de um público mais numeroso⁴⁴⁴».

Durante o ano de 1966, foi notório o grande interesse suscitado pelo tema do Concílio. O jornal antecipadamente apresentava o programa das conferências, que estava geralmente ligado ao mote de cada ano pastoral. Os temas variaram entre a fé, a Sagrada Escritura, a catequese, a educação cristã, a pastoral, os documentos conciliares e o laicado⁴⁴⁵. Se algumas iniciativas foram abertas ao público em geral, outras estiveram mais estritamente ligadas à formação de alguns setores, como se verificou no caso dos catequistas e dos párocos. Os promotores deste tipo de eventos foram o Centro de Cultura Católica, a Junta de Ação Católica, o Secretariado Diocesano da Catequese e alguns padres.

Encontramos no jornal descrições bastante pormenorizadas dos acontecimentos, que mostram a grande afluência de ouvintes. Uma referência feita no término das conferências sobre a Constituição *Gaudium et Spes*, promovidas pelo Centro de Cultura Católica em 1967, mostra-o claramente:

«O escol dos nossos católicos (afluíram bastantes de fora da cidade e doutras dioceses) mostrou-se verdadeiramente empenhado em conhecer e aprofundar a mensagem do Concílio sobre o diálogo da Igreja com o mundo contemporâneo. O interesse despertado pelas conferências, sempre crescente (os inscritos aproximaram-se da casa dos 700), não se confinou à duração das sessões, mas prolongava-se nos intervalos, aquecia durante os diálogos e projectava-se, ulteriormente, nas conversas e comentários dos participantes com outras pessoas a quem faltou a oportunidade de se deslocarem ao colégio de Nossa Senhora do Rosário»⁴⁴⁶.

⁴⁴⁴ PORTO. Administrador apostólico, 1959-1969 (Florentino de Andrade e Silva) – Exortação pastoral sobre o Jubileu Pós-conciliar, 6.

⁴⁴⁵ Cf. UMA “SEMANA Apostólica” rica de interesse e deveras oportuna: “O sacerdócio do povo de Deus”. *VPast.* (29 jan. 1966) 1.3; ESTÁ despertando o mais vivo interesse o curso diocesano dos temas conciliares. *VPast.* (5 mar. 1966) 1.6; CATEQUESE: Viver o Concílio. *VPast.* (26 fev. 1966) 4; SEMANA de Formação Apostólica. *VPast.* (14 jan. 1967) 1; A SESSÃO de homenagem e entrega de insígnias ao senhor D. Domingos de Pinho Brandão. *VPast.* (28 jan. 1967) 4-5; CENTRO de Cultura Católica: O ciclo de conferências sobre a Constituição “Gaudium et spes”. *VPast.* (18 mar. 1967) 5; O CLERO do Porto vai ter uma Semana de Estudos Bíblicos. *VPast.* (8 jul. 1967) 4; CICLO de conferências sobre o problema de Deus. *VPast.* (16 mar. 1968) 1; PASTORAL da catequese. *VPast.* (24 fev. 1968) 5; O P.E HÄRING no Porto. *VPast.* (3 mai. 1969) 4.

⁴⁴⁶ AS ÚLTIMAS conferências sobre a Constituição “Gaudium et spes”. *VPast.* (29 abr. 1967) 5.

A Voz do Pastor deu particular relevo às intervenções realizadas nestes eventos. Não existem registos de todas as palavras proferidas, mas, em determinados casos, foi publicado o resumo ou até mesmo o texto na íntegra. Foram oradores, algumas personalidades bastante conhecidas da vida diocesana e nacional: Celestino Pires⁴⁴⁷; D. Gabriel de Sousa, abade de Singeverga⁴⁴⁸; D. Alberto Amaral, bispo auxiliar do Porto⁴⁴⁹; D. Manuel Trindade, bispo de Aveiro⁴⁵⁰; D. Florentino⁴⁵¹; Manuel Vieira Pinto⁴⁵²; Albino de Carvalho Moreira⁴⁵³; Armindo Lopes Coelho; D. Tomás Gonçalves; José António Godinho Lima⁴⁵⁴; Júlio Fragata; Raimundo de Oliveira; e Carlos Gabriel Castro Fernandes⁴⁵⁵. Para dar mais relevo a certas temáticas contou-se ainda com a presença de teólogos de renome internacional como Edward Schillebeeckx, Hans Küng⁴⁵⁶ e Bernard Häring,⁴⁵⁷.

Sobressaem duas iniciativas, um pouco diferentes na forma como foram propostas. A primeira foi a Campanha Nacional do Ensino Religioso, decorrida entre 9 e 16 de outubro de 1966, que refletiu sobre o Concílio e a catequese. Os diversos temas propostos eram transmitidos no Rádio Clube Português, para serem trabalhados em diversos grupos a nível comunitário. O objetivo central era a formação de pais, catequistas, professores e o incentivo à frequência da catequese⁴⁵⁸. A intervenção de D. Alberto Cosme do Amaral para esta semana sobre *Concílio Vaticano II e a educação do Homem* foi também reproduzida no jornal⁴⁵⁹. A outra iniciativa ocorreu durante a Quaresma de 1969. Os párocos da cidade do Porto, juntamente com o Centro de Cultura Católica, promoveram cursos de iniciação bíblica. Sendo uma boa preparação para a vivência da Páscoa, também permitiram orientar os fiéis na leitura bíblica, para uma melhor participação na liturgia, também ela rica de textos bíblicos. Os temas foram expostos por 12 padres que estudavam

⁴⁴⁷ Cf. ESTÁ despertando, 1.6.

⁴⁴⁸ Cf. ESTÁ despertando, 1.6.

⁴⁴⁹ Cf. “TEMAS e perspectivas do Vaticano II”. *VPast.* 12 mar. 1966) 6.

⁴⁵⁰ Cf. “TEMAS e perspectivas do Vaticano II”. *VPast.* (19 mar. 1966) 9.

⁴⁵¹ Cf. O SENHOR administrador apostólico encerrou o ciclo de conferências sobre o Concílio. *VPast.* (2 abr. 1966) 4.

⁴⁵² MAIS de dez mil pessoas escutaram, em cada noite, as lapidares conferências do padre Vieira Pinto. *VPast.* (2 abr. 1966) 4.6.

⁴⁵³ Cf. A SESSÃO de homenagem, 4-5.

⁴⁵⁴ Cf. O CLERO do Porto vai ter uma Semana de Estudos, 4.

⁴⁵⁵ ANO da Fé: Deus ou o mundo?: Não: Deus e o mundo. *VPast.* (6 abr. 1968) 5.4.

⁴⁵⁶ Cf. CENTRO de Cultura Católica, 5.

⁴⁵⁷ Cf. O P.E HÄRING no Porto, 4.

⁴⁵⁸ PORTO. Secretariado Diocesano de Educação Cristã – Campanha Nacional do Ensino Religioso (9 a 16 de outubro): O Concílio falou da catequese. *VPast.* (8 out. 1966) 1.4.

⁴⁵⁹ Cf. PORTO. Bispo auxiliar, 1964-1969 (Alberto Cosme do Amaral) – O Concílio do Vaticano II e a educação do homem. *VPast.* (15 out. 1966) 1.4.

os temas em grupos de dois, partilhando o resultado dos seus trabalhos. Ao contrário de outras iniciativas, as seis sessões do curso foram lecionadas em vários locais: Aldoar, Antas, Bonfim, Carvalhido, Miragaia, Paranhos, Nevogilde, N.^a Senhora do Porto, SS.^{mo} Sacramento, St.^o Ildefonso, S. Nicolau e na JUC⁴⁶⁰. Os cursos despertaram interesse e contaram geralmente com cerca de 200 participantes em cada centro. Houve outras paróquias que replicaram a iniciativa⁴⁶¹.

A Voz do Pastor acompanhou com algum rigor os primeiros passos da receção do Concílio na diocese do Porto. Foram tempos marcantes para a vida diocesana pautados pela continuação do exílio do seu bispo e pelo seu regresso. Eclesialmente, vivia-se a Missão Diocesana, à qual se juntou a celebração do Jubileu Pós-conciliar e a celebração do Ano da Fé, com variadas atividades. Foi notória uma preocupação por implementar as reformas que se iam fazendo na Igreja, com iniciativas do foro cultural e formativo, ou pela constituição de organismos como o Conselho Presbiteral. As palavras de D. Florentino, que marcaram a receção inicial do Concílio, deram lugar a um proliferar de acontecimentos destacados nas páginas do jornal.

Das informações que possuímos, podemos dizer que a maior parte chegou em primeira mão ao jornal, por se tratar do órgão oficioso da diocese. Não deixaram de aparecer referências a outras publicações como a revista *Mensagem* e o *Boletim de informação pastoral*. Excluindo as pastorais, entrevistas e transcrição de conferências, as restantes notícias são genericamente sínteses de acontecimentos, maioritariamente não assinadas.

3. Síntese conclusiva

Embora a aplicação do Concílio só chegue com a promulgação dos primeiros documentos conciliares, a diocese do Porto já vinha sendo preparada para as possíveis mudanças de paradigma. Foi este o espírito que se pretendeu inculcar desde cedo e foi este um propósito de *A Voz do Pastor*.

Progressivamente, o Concílio e a sua receção no Porto ganharam relevância no jornal. Para isto contribuíram os diversos dinamismos presentes na diocese, alguns dos quais criados pelo administrador apostólico. No arco de temporal que abordámos não se

⁴⁶⁰ Cf. CURSOS de iniciação bíblica no Porto. *VPast.* (1 fev. 1969) 5.

⁴⁶¹ Cf. OS CURSOS bíblicos vêm despertando interesse. *VPast.* (15 mar. 1969) 5.

poderiam esperar grandes mudanças, uma vez que alguns assuntos continuavam a ser trabalhados e estruturados, quer pela Santa Sé e a Conferência Episcopal, quer pelas recentemente constituídas comissões diocesanas. O caso da liturgia é o mais paradigmático, pois, apesar da *Sacrosanctum Concilium* ter sido aprovada em 1963, o novo ordinário da missa em português só entraria em vigor em 1969.

Apesar de termos poucos dados sobre a recepção conciliar portugalense nas páginas do jornal é inegável que se deram passos fundamentais. Ainda que D. António Ferreira Gomes quisesse dar um novo rumo às propostas de D. Florentino, não se pode esquecer todo um trabalho que chegou aos vários cantos da diocese. Se a Missão Diocesana e algumas conferências foram um meio de difundir as mensagens conciliares, a criação do Conselho Presbiteral foi um claro desejo de D. Florentino ter presente os anseios e conselhos dos vários padres da diocese. A conjuntura político-eclesial foi, na verdade, uma evidente condicionante e o regresso de D. António veio dar um rumo diferente à vida diocesana. A recepção conciliar na cidade do Porto é um dado evidente desde cedo, mas não se possuem dados relevantes acerca das periferias. Não se percebe se no Porto existiram reações desfavoráveis ao Concílio, se ele era já há muito ansiado ou se os portugalenses achavam que o rumo traçado poderia ter sido diferente.

Muito mais se poderia referir sobre a recepção do Concílio na diocese após o regresso do bispo exilado, tema, aliás, já tratado em estudo recente de Emanuel António Brandão de Sousa⁴⁶². Esses acontecimentos, contudo, já não foram cobertos por *A Voz do Pastor*.

⁴⁶² Cf. SOUSA, Emanuel António Brandão de – *Pensamento e ação pastoral do bispo do Porto D. António Ferreira Gomes (1969-1982): A recepção pastoral do Concílio Vaticano II na diocese do Porto*. Porto: Fundação Spes, 2018. 297 p. Mundo Evangelho Igreja; 13.

CONCLUSÃO

O II Concílio do Vaticano visto pela perspectiva de *A Voz do Pastor* não pode ser compreendido sem se considerarem diversos pontos de análise. Muito antes de se fazer presente aos olhos dos leitores do semanário, o Concílio foi fruto de grandes mudanças sociais, políticas, culturais e religiosas. Atribuir a sua realização a uma única causa seria reduzir muito aquilo que ele significou e continua a significar para a presença da Igreja no mundo. Desde o I Concílio do Vaticano a eclesiologia havia evoluído bastante e o mundo experienciou coisas absolutamente novas. Deste modo, a Igreja sentiu-se chamada a um reposicionamento em termos eclesiológicos e pastorais.

Do Concílio resultaram diversos documentos que procuraram dar à Igreja uma nova forma de se entender a si própria, àquilo que anuncia e ao mundo em que está inserida. Por certo, estes documentos continham apenas princípios reguladores que necessitavam de ser analisados e pensados à luz de cada contexto e Igreja particular. Assim, a leitura dos artigos relacionados com o Concílio presentes nas páginas de *A Voz do Pastor* permitem que cheguemos a uma série de conclusões sobre o modo como ele foi lido e recebido no jornal e na Igreja do Porto.

A Voz do Pastor promoveu o Concílio, dando-o a conhecer à Igreja do Porto. A história esqueceu um pouco estes tempos, devido à questão do exílio do bispo do Porto, mas, tal como *A Voz do Pastor* testemunha e Teixeira Fernandes demonstrou nas suas obras, o Concílio começou a ser recebido ainda antes do regresso de D. António Ferreira Gomes. Os diocesanos tiveram a oportunidade de acompanhar semanalmente os acontecimentos mais importantes que marcaram a preparação, o desenvolvimento e a receção do Concílio na Igreja. Para além disso, o jornal interessou-se pelo quadro mais restrito da receção conciliar na diocese do Porto, descrevendo inúmeras iniciativas que o

deram a conhecer. O esforço de instrução dos leitores resultava da conciliação entre aquilo que se dizia do Concílio a nível geral e diocesano.

De facto, o Concílio não passou despercebido. O semanário da diocese procurou dá-lo a conhecer aos leitores nas suas várias etapas de preparação e desenvolvimento. Fê-lo de acordo com os propósitos que estiveram na base da criação do próprio jornal. A abordagem aos assuntos foi maioritariamente feita num tom bastante popular e de fácil compreensão. Sendo necessário informar corretamente, o semanário diocesano procurava que tudo o que era publicado estivesse em estrita relação com o magistério da Igreja. Citava com frequência o papa e D. Florentino, que então governava a diocese. Não houve lugar para opiniões díspares ou para uma reflexão mais ousada, pois o intuito do jornal era sintonizar os leitores com a atmosfera do Concílio e formá-los na teologia conciliar, preparando-os para as mudanças se que se perspetivavam e se iam efetivando na Igreja. Fiel a uma determinada linha de pensamento decalcada no magistério, o periódico não hesitou em publicar, por vezes, artigos explicativos para contestar opiniões mais díspares, com o objetivo de evitar desvios e de serenar os ânimos. Ainda assim constatámos alguma reconfiguração no ideário do jornal ao longo do tempo. À medida em que o entrou na ordem do dia, surgiram novos temas, que exigiam consonância de pensamento e ação. Ficou claro um interesse crescente pelo Concílio e pelos temas que marcavam a atualidade. Relativamente a estes últimos, é interessante compreender que alguns deles estiveram presentes em todos os períodos analisados e que outros foram perdendo progressivamente o interesse do jornal.

A Igreja do Porto não ficou alheia a tudo o que se passava neste quadro eclesial. Entre o anúncio do Concílio e o final dos anos 60, a diocese viu-se privada do seu bispo, sendo pastoreada por um administrador apostólico, que geriu mal este assunto. No entanto, não lhe faltaram ricas experiências reveladoras de uma primeira e embrionária receção do Concílio. O semanário diocesano portugalense é o testemunho vivo de toda esta envolvência diocesana, que está patente na publicação de diversas cartas pastorais e na transmissão de informações alusivas à criação de novos organismos diocesanos, às visitas pastorais e à vivência da Missão Diocesana. O jornal também noticiou o envolvimento de diversos clérigos, religiosos e leigos sem os quais todo este trabalho de construção de novas mentalidades não seria possível. Por toda a diocese houve a preocupação de formar bem as pessoas, como testemunha a presença de grandes teólogos de além-fronteiras, que se associaram aos portugueses nas diversas iniciativas formativas que apresentámos. Criaram-se espaços de diálogo e corresponsabilidade, como

evidenciam a constituição e os primeiros desenvolvimentos do Conselho Presbiteral, assim como, o projeto da constituição do Conselho Pastoral. Efetivamente, o jornal oferece-nos algumas bases para entendermos o início da marcha conciliar na diocese do Porto, a partir do momento em que João XXIII, em 1959, anunciou a realização do Concílio.

Um jornal com as características de *A Voz do Pastor* não tinha capacidade para ter correspondentes em Roma durante o Concílio e nos locais onde a sua repercussão ia acontecendo. Houve uma evidente falta de recursos humanos. Os autores que assinavam as notícias foram quase sempre os mesmos e emitiam opiniões bastante ponderadas. Para colmatar esta lacuna e informar os seus leitores, o jornal munuiu-se de outras fontes, maioritariamente jornalísticas, não hesitando em noticiar em segunda mão. Como comprovámos, certos periódicos da época foram uma referência constante. No entanto, ainda existiu espaço para a reflexão pessoal de alguns amigos e colaboradores do jornal. Embora fosse uma publicação bastante apreciada, mantinham-se os problemas advindos da sua conceção, confirmados na abordagem histórica que lhe fizemos. Estes, juntamente com o anómalo pastoreio da diocese e os novos ventos de renovação conciliar, designadamente no domínio da eclesiologia, acabaram por ditar a reconfiguração do jornal diocesano, com o encerramento de *A Voz do Pastor* e o aparecimento da *Voz Portucalense*.

Houve assuntos relativos ao Concílio e à sua receção que não tratámos ou deixámos pendentes ao longo da nossa análise, porque escapam ao horizonte do nosso trabalho, à cronologia que estudámos ou à delimitação criada pelo periódico que elegemos. *A Voz do Pastor* não esgota, de facto, a receção conciliar no Porto, tanto nos anos da sua publicação como sobretudo no tempo sucessivo, quando as sementes lançadas pelo Concílio iam alargando o seu campo de crescimento e intensificando o fluxo da receção. Há outras fontes que, complementando a visão plasmada no jornal, podem vir a permitir novos estudos sobre a receção conciliar portucalense, entre elas o jornal *Voz Portucalense*, sucessor do nosso periódico, e o boletim *Igreja Portucalense*, de onde se poderão coligir certamente elementos de receção mais institucional.

A nossa dissertação pode, de algum modo, colmatar o facto de nunca se ter feito um trabalho de investigação sobre *A Voz do Pastor*, nem tão pouco se ter estudado, aprofundadamente, o modo como a diocese do Porto recebeu inicialmente o Concílio, a partir do semanário em questão. Tendo-se fixado a nossa abordagem numa única publicação, a investigação poder-se-á também vir a abrir a um trabalho comparativo que

coloque lado a lado os dados que coligimos para *A Voz do Pastor* com que resultem de outros periódicos, evidenciando contributos pertinentes ou lacunas, assim como sintonia ou divergência de perspetivas. O alargar da investigação poderá trazer à luz anos de grande dinamismo na diocese do Porto, até à data muito pouco estudados. Referimo-nos ao modo como se desenvolveram assuntos como a liturgia, a formação presbiteral, o ecumenismo ou as reações ao Concílio na diocese. Renunciando a qualquer perspetiva apologética ou tendenciosa, é importante estudar aprofundadamente o papel que D. Florentino e D. Alberto tiveram na diocese, na ausência de D. António, e os seus contributos mais importantes para este movimento diocesano de receção conciliar, que certamente foi para além do que resulta das páginas do jornal. Importante é também prolongar o estudo da vida diocesana portugalense para as décadas sucessivas, se bem que para esta fase no Episcopado de D. António Ferreira Gomes já se conheçam trabalhos relevantes.

O nosso trabalho já mostra, contudo, que o Concílio chegou e começou a ser implementado na diocese do Porto ao tempo da Administração Apostólica de D. Florentino, com relevante impacto nas páginas de *A Voz do Pastor*.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes

1.1. Fonte principal

A VOZ do Pastor: Porto. 1921-1969

1.2. Outras fontes

1.2.1. Fontes inéditas

LOUREIRO, Joaquim Esteves – *Venda particular*. Declaração de venda da livraria Casa da Boa Imprensa. [Disponível no arquivo da Fundação Voz Portucalense].

PORTUGAL. Secretaria de Estado da Informação e do Turismo. Direção dos Serviços de Censura – *Circular 963-S.C. 1969-11-12*. [Disponível no arquivo da Fundação Voz Portucalense].

1.2.2. Fontes impressas

IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1962-1965 – *Documentos do Concílio Vaticano II: Constituições, decretos, declarações e mensagens conciliares*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2002. 842 p.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1963-1978 (Paulo VI) – Homilia na 9ª sessão solene: [Homilia de 7 de dez. 1965]. *AAS*. 58 (1966) 51-59.

MARTINS, Adriano Moreira; AGUIAR, Joaquim Batista d'; SOUSA, Manoel Nedio de – Circular. *Boletim da diocese do Porto*. 7: 4 (1920) 69-70.

PORTO. Bispo, 1899-1918 (António José de Sousa Barroso) – Provisão. *Boletim da diocese do Porto*. 1; 9 (1914) 182-183.

PORTO. Bispo, 1919-1929 (António Barbosa Leão) – “Boletim da Diocese do Porto” e “A Voz do Pastor”. *Boletim da diocese do Porto*. 7: 4 (1920) 53-56.

PORTO. Bispo, 1952-1982 (António Ferreira Gomes) – *Ser ou não ser... VP*. (3 jan. 1970) 1.16.

————— – *Pareceu ao Espírito Santo... E a nós?!*. Porto: Fundação Spes, 2000. 255 p. Mundo Evangelho Igreja; 3.

2. Estudos

ABREU, Adélio Fernando – O Centro de Cultura Católica (1964-2014): 50 anos ao serviço da formação cristã na diocese do Porto. *Igreja Portucalense*. 2ª série, 37 (2015) 216-228.

ALBERIGO, Giuseppe – *Historia de los concilios ecuménicos*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1993. 397 p.

————— – *Breve Historia del Concilio Vaticano II (1959-1965): En busca de la renovación del cristianismo*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005. 206 p. El peso de los días; 48.

————— – *O bom papa João: Biografia de um pontífice*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2014. 277 p.

ANDRADE, Pacheco de – *O bispo controverso: D. António Ferreira Gomes: Percurso de um homem livre*. Lisboa: Multinova, 2002. 294 p.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira; RODRIGUES, Abílio de Sousa – *A Igreja Portucalense entre as guerras: Boletim da diocese do Porto (1914-1936): Índices*. Porto: C. Azevedo, 1995. 232 p.

AZEVEDO, Carlos Moreira – Diocese do Porto. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001, vol. 4, p. 5-56.

————— – *D. António Ferreira Gomes (1906-1989): Bispo do Porto ao serviço da Liberdade*. Porto: Edições Asa, 2006. 207 p. Mundo Evangelho Igreja; 6.

————— [et al.] – *Ser bispo conciliar no exílio (1959-1969)*. Porto: Fundação Spes, 2007. 211 p.

SOUSA, Emanuel António Brandão de – *Pensamento e ação pastoral do bispo do Porto D. António Ferreira Gomes (1969-1982): A receção pastoral do Concílio Vaticano II na diocese do Porto*. Porto: Fundação Spes, 2018. 297 p. Mundo Evangelho Igreja; 13.

CASTRO, António Leite de [et al.] – *D. António Ferreira Gomes: Nos 40 anos da carta do bispo do Porto a Salazar*. Lisboa: Multinova, 1998. 223 p.

CÓNEGO António Bernardo da Silva. *Boletim da diocese do Porto*. 19 (1933) 180-181.

CUNHA, Jorge Teixeira da – Um homem sobre o abismo: No centenário de D. Florentino de Andrade e Silva (1915-1989). *Vila da Feira: Terra de Santa Maria*. 40 (2015) 21-31.

FERNANDES, António Teixeira – *Relações entre a Igreja e o Estado: No Estado Novo e no pós 25 de Abril de 1974*. Porto: Edição do Autor, 2001. 450 p.

————— – *Para a história da diocese do Porto: Dom Florentino de Andrade e Silva*. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2002. 381 p.

————— – *Dom Florentino de Andrade e Silva: Contemplação, pensamento e acção*. [s.l.]: Contraponto e António Teixeira Fernandes, 2005. 215 p.

FERREIRA, Manuel de Pinho – *A Igreja e o Estado Novo na obra de D. António Ferreira Gomes*. Porto: Fundação Spes; Universidade Católica Portuguesa - Faculdade de Teologia, 2004. 670 p. Mundo Evangelho Igreja; 7.

FLORISTÁN, Casiano; TAMAYO, Juan-Jose – *El Vaticano II, veinte años después*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985. 475 p.

FLORISTÁN, Casiano – *Vaticano II: Um Concílio pastoral*. Lisboa: Edições Paulistas, 1990. 191 p.

LIMA, José da Silva – *Teologia prática fundamental: Fazei vós também*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009. 516 p. Estudos teológicos; 38.

LINDA, Manuel da Silva – *Andragogia política em Dom António Ferreira Gomes*. Porto: Fundação Spes, 1999. 648 p. Mundo Evangelho Igreja; 2.

————— – Doutrina conciliar e grandes textos do magistério. *Humanística e teologia*. 32: 2 (2012) 479-501.

MADRIGAL, Santiago – *Unas lecciones sobre el Vaticano II e su legado*. Madrid: San Pablo; Universidad Pontificia Comillas, 2012. 453 p.

PADRE Domingos de Oliveira Costa Maia. *Igreja Portucalense*. 1ª série, 29 (1975) 33-44.

PEIXOTO, João da Silva – A pastoral litúrgica na diocese do Porto. *Igreja Portucalense*. 2ª série, 43 (2017) 129-153.

SACERDOTES diocesanos falecidos em 1982. *Igreja Portucalense*. 1ª série, 71 (1982) 40.

RAHNER, K. – *Vaticano II: Um começo de renovação*. São Paulo: Editôra Herder, 1966, 51 p.

RATZINGER, Joseph – *Diálogos sobre a fé: Apresentados por Vittorio Messori*. Lisboa: Editorial Verbo, 2005. 165 p.

————— – *Sobre la enseñanza del Concilio Vaticano II: Formulación, transmisión, interpretación*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2014. 592 p. Obras Completas; 7.1.

SCHATZ, Klaus – *Los concilios ecuménicos: Encrucijadas en la historia de la Iglesia*. Valladolid: Editorial Trotta, 1999. 325 p. Estructuras e procesos.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	3
ABSTRACT	4
SIGLAS E ABREVIATURAS	5
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I: A Igreja Portucalense e o seu jornal na receção do Concílio	11
1. A Igreja em estado de Concílio	12
1.1. Uma Igreja em busca de renovação conciliar	12
1.2. O mundo às portas do Concílio	14
1.3. O II Concílio Ecuménico do Vaticano	16
2. A diocese do Porto numa década conturbada	18
2.1. O exílio de D. António Ferreira Gomes	18
2.2. A diocese do Porto em tempos de Administração Apostólica	23
3. <i>A Voz do Pastor</i> : o percurso de um jornal	27
3.1. Um jornal e um boletim	27
3.2. Os diretores e os perfis do jornal	29
3.2.1. António Bernardo da Silva e os inícios do jornal	29
3.2.2. Joaquim Pinto da Costa e a estabilização do jornal	32
3.2.3. Domingos de Oliveira Costa Maia ao tempo da renovação conciliar	33
3.3. Voz do pastor ou voz portucalense?	35

4. Síntese conclusiva	37
CAPÍTULO II: O impacto do II Concílio do Vaticano no jornal <i>A Voz do Pastor</i>	39
1. Do anúncio à abertura dos trabalhos conciliares: um Concílio em preparação.....	40
1.1. Do anúncio à convocação do Concílio.....	40
1.2. Da convocação à abertura dos trabalhos conciliares.....	44
2. O decurso do Concílio	46
2.1. A primeira sessão conciliar	47
2.2. A segunda sessão conciliar	50
2.3. A terceira sessão conciliar	52
2.4. A quarta sessão conciliar	54
3. O pós-Concílio.....	57
3.1. Vivências pós-conciliares	57
3.2. Os avanços do diálogo ecuménico	59
3.3. A reforma litúrgica.....	60
3.4. Um período de controvérsias	64
3.5. Os primeiros sínodos	65
3.6. O sacramento da ordem e a vida religiosa	68
4. Síntese conclusiva	70
CAPÍTULO III: O impacto da receção conciliar portugalense em <i>A Voz do Pastor</i>	73
1. A preparação e a vivência do Concílio na diocese do Porto	74
1.1. Uma diocese em preparação	74
1.2. Uma diocese em marcha conciliar	77
2. A receção conciliar na diocese do Porto no pós-Concílio.....	83
2.1. Um Concílio em receção.....	83
2.2. Os primeiros passos do Conselho Presbiteral	87
2.3. A formação para a vivência conciliar	89
3. Síntese conclusiva	92
CONCLUSÃO.....	95
BIBLIOGRAFIA	99
1. Fontes	99

1.1. Fonte principal	99
1.2. Outras fontes	99
1.2.1. Fontes inéditas.....	99
1.2.2. Fontes impressas	100
2. Estudos	100
ÍNDICE GERAL	103